REVISTA DO BRASIL

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

DIRECTORES

PANDIA' CALOGERAS, AFRANIO PEIXOTO,
— ALFREDO PUJOL e PLINIO BARRETO —

REDACTOR-CHEFE

—:— RODRIGO M. F. DE ANDRADE —:—
Redacção e adm. — Rua Rodrigo Silva, 14, 1º

NESTE NUMERO:

São Francisco de Assis e o mundo moderno . . . . . Tristão de Athayde
Manhã na Serra . . . . . Alberto de Oliveira
Cantico das galéras reaes . . . Mucio Leão
A politica interna da quinzena . A. Chateaubriand
Uma nova Triplice? . . . . . Azevedo Amaral

Correspondencia inédita de Tobias Barretto

O Fascismo (II) . . . . . Calogeras
Direito parlamentar . . . . . Nestor Massena
Ignacio Gomes, profissional do egoismo . . . . . Ribeiro Couto

Theatro, por António de Alcantara Machado

Notas por Manuel Bandeira, Gilberto Freyre, Affonso Arinos (sobrinho), Prudente de Moraes, neto, Gomes Sampaio, Hannibal e V. da C.

ANNO I -- NUMERO 2 — 30 - SETEMBRO - 1926 — RIO DE JANEIRO

PELLES

COMPRA-SE TODA QUANTIDADE DE PELLES CRUÚAS DE:

jaguatirica (maracajá) — lontra — arirannha — graxaim — mocó — lebre — gambá — camaleão — teiu' (lagarto) — sucury — giboia — capivara

Não vendam suas pelles, sem consultar primeiro á

COMPANHIA BRASILEIRA DE EXPORTAÇÃO DE PELLES

Paul van Roosmalen & Cia.

RIO DE JANEIRO — Av. Mem de Sá 333-335
BELEM - PARA' — R. da Industria 88

END. TELEGRAPHICO — **ROOSWIT**

PETROPOLIS

Cerqueira, Miranda & Memoria Ltda.

Avenida da Independencia, 84 e 90
TELEPHONE 268

TERRENOS

OS MELHORES EM PETROPOLIS

— **No Centro commercial**
— **Em rua proxima á Avenida 15 de Novembro.**
— **Na avenida D. Pedro II (recentemente construida)**
— **Na attrahente collina denominada "Monte Real"** (a 5 minutos da Estação)
— **Na Cremerie Sixel (ex-Buisson)**

VENDE-SE

A DINHEIRO E A PRESTAÇÕES
PREÇOS VANTAJOSOS

F. DE SIQUEIRA & C.IA, LTDA.

ENGENHEIROS- EMPREITEIROS

Importadores de materiaes dos seguintes fabricantes:

S. A. DES USINES A' TUBES DE LA MEUSE. (Flémalle-Haute, Belgica) — Postes de aço e tubos de aço e ferro galvanizado.

W. & P. MAC LELLAN, Ltd. ((Glasgow, Grã Bretanha) — Machinas e ferramentas.
GWYNES ENGINEERING C. Ltd. (Londres, Hammersmith, Inglaterra) — Bombas hydraulicas.
DALIMIER & Cia. (Sclessin, Belgica) — Balanças para Estradas de Ferro e outros misteres.

S. A. JOHN COCKERILL (Seraing, Belgica) — Locomotivas, trilhos, pontes, chapas de aço, vigas e superstructuras metallicas.
LONDON CONCRETE MACHINERY Co. — London — Canadá — Betoneiras e todas as machinas para concreto.
CARBO — LASTIC, novo material para cobertura de telhados, vagões de estradas de ferro, bonds, etc.

ESTUDOS COMPLETOS E PROJECTOS

ESCRIPTORIOS: Rua General Camara, 56 — Tel. Norte 5177-2830 — RIO DE JANEIRO
Rua Boa Vista, 16 — Tel. Central 5660 — S. PAULO; **Agencia** em PORTO ALEGRE. — **Endereço Telegraphico: CACIQUE.**

Revista do Brasil

ANNO I — RIO DE JANEIRO, 30 DE SETEMBRO DE 1926 — NUMERO 2

SUMMARIO

Politica
São Francisco de Assis e o mundo moderno — Tristão de Athayde
Manhã na Serra — Alberto de Oliveira
Cantico das galéras reaes — Mucio Leão
A politica interna da quinzena — Assis Chateaubriand
Uma nova Triplice? — Azevedo Amaral
Correspondencia inédita de Tobias Barretto.
O Fascismo (II) — Calogeras
Direito Parlamentar — Nestor Massena
Ignacio Gomes, profissional do egoismo — Ribeiro Couto
Theatro e Musica — António de Alcantara Machado e M. B.
Literatura — Manoel Bandeira, Affonso Arinos (sobrinho), Prudente de Moraes, neto, Gomes Sampaio e Gilberto Freyre
Vida Social — Hannibal, V. da C.
Cinema
A Quinzena.

POLITICA

Os jornaes deram em tempo informações minuciosas sobre o memoravel acontecimento politico que foi a pósse do Sr. Antonio Carlos no Governo de Minas. Viu-se então que essa transmissão do poder teve uma pompa inedita e revestiu-se de excepcional solemnidade. Por que tudo isso?—Talvez porque a ascensão do illustre Andrada signifique, para Minas, um sensivel desvio na aspera e accentuada linha de orientação iniciada no grande Estado Central, ha oito annos, pelo actual Presidente da Republica. Mas occorrerá realmente esse desvio, ou continuará tudo como dantes? Ahi está o enigma, para cuja solução têm surgido hypotheses interessantes. Hypotheses pouco logicas, aliás. Porque, neste capitulo, de prognosticos politicos, a fé predomina sobre a razão e o desejo de cada um obscurece o senso psychologico. Temos, assim, a hypothese "bernardista", pois que ainda ha bernardistas em Minas, como decerto os haverá pelo menos até 15 de novembro. Segundo esta, o governo do Sr. Antonio Carlos será de certo modo tutelado pelo actual presidente da Republica, que, regressando ás montanhas, após o seu agitado quadriennio policial, assumirá a chefia do P. R. M. e dessa pittoresca posição, até aqui inexpressiva, imporá ao Governo do Estado seus rudes principios. Em sentido opposto vem a hypothese que poderiamos chamar "sallista". O Sr. Antonio Carlos uma vez no poder, restaurará o prestigio dos antigos chefes e sujeitar-se-á, então, ás suaves inspirações desses bons velhos que, até 1918, podiam dar-se ao luxo de indicar deputados e preencher com amigos as vagas existentes.

Ora, essas duas hypotheses são manifestamente absurdas. Caem por si mesmas. Começando pela segunda, foi o proprio Sr. Antonio Carlos que a tornou inviavel com aquelle dito um tanto sybillino que se lhe attribue: "não enterrarei os vivos, nem desenterrarei os mortos". E, na verdade, seria para s. ex. um trabalho penoso e inutil ir buscar no irremediavel do ostracismo figuras passadas, definitivamente passadas, que já são legitimos fosseis em relação á moderna fauna politica. Tal attitude, comquanto piedosa, seria de deploravel falta de intelligencia, — o que não é de presumir num homem que tem merecidamente a fama de arguto e lucido. Este pensamento de restauração é puro sebastianismo, só comprehensivel num cerebro ultramontano de carvoeiro politico. Um pensamento respeitavel, todavia.

Quanto á primeira hypothese, é de inviabilidade talvez mais evidente. Admittamos que as graças feitas ao snr. Antonio Carlos pelo actual presidente da Republica tenham enternecido aquelle ao ponto de fazel-o esquecer a propria personalidade, que se diluisse e apagasse pela acção emolliente de uma sublime gratidão. Mesmo assim a hy-

pothese continuaria absurda. Seria o proprio Sr. Arthur Bernardes quem não consentiria em beneficiar-se com a diminuição do Sr. Antonio Carlos. E assim procederia por um elementar dever de coherencia. Com effeito, foi o estadista de Viçosa quem definitivamente implantou no Brasil o systema de se prestigiar o todo o transe a autoridade constituida. **Omnis potestas a Deo**, parece ter sido o lemma que presidiu sua actuação governamental. Systema de S. Thomaz de Aquino, mal digerido por um discipulo hesitante de latim. Ora, depois de ter passado quatro annos a prégar assim, numa abstracção tão mystica que não percebeu os sacrificios que a ideologia reclamava da nação, seria de lastimavel incoherencia pretender o snr. Arthur Bernardes criar-se uma situação de prestigio autonomo em frente ao governo, formando uma autoridade de facto e de força deante da autoridade legalmente constituida. S. ex. seria contradictorio, e viria, elle proprio, destruir os rigidos principios que constituem sua gloria legitima. A hypothese bernardista, por conseguinte, é inteiramente sem base. E póde dizer-se della o que de tantas outras coisas mais innocentes se tem dito: são intrigas da opposição...

O que de tudo resta, pois, é mais do que uma hypothese segura, porque é um dado da realidade: o Sr. Antonio Carlos fará em Minas um governo delle proprio e orientará a politica segundo o seu proprio pensamento. Neto dos Andradas, é natural que lhe tenham ficado bem sulcados e vivos os contornos da personalidade, que, si se apagou algum tempo, foi por intelligente astucia, numa tensão sthendaliana para a victoria. Ainda, porém, que assim não fosse, teriamos que contar sempre com uma circumstancia que obrigaria o novo chefe mineiro a affeiçoar á sua maneira o curso da administração e da politica: é o presidencialismo extremado, em que nos nossos costumes se sublimaram as intenções legaes. S. ex. não tem que receiar nenhuma força capaz de se contrapôr á sua. E si por ventura quizer encontrar, entre os valores eleitoraes ou expressões politicas do Estado, alguma figura agigantada com quem deva compartilhar o seu immenso poder, s. ex. procurará em vão; porque todos estarão nivelados, numa attitude uniforme de docil e reverente genuflexão...

E Minas poderá, emfim, reatar o fio partido de suas tradições liberaes. Voltará ao regimen fecundo da tolerancia. Despirá o rubro pennacho reaccionario. E voltará a ser de novo, na federação, o elemento plastico de equilibrio e de harmonia. Amen.

Sabe-se, emfim, uma coisa certa, em relação aos ministros do proximo futuro governo, os preclaros cidadãos que o Sr. Washington Luiz vae ter junto a si e com os quaes conta para realizar o seu plano de governo. que só póde ser, está claro, a felicidade da patria.

Apezar da sua desconcertante discreção, funda e impenetravel, a tal ponto que um coronel politicante do Nordeste chegou á irreverencia de alcunhar o presidente em excursão de "bocca de nó cego", por não haver quem lhe desatasse a lingua numa confidencia sequer; apezar disso, já se arrancou ao chefe do governo por vir o criterio a que obedecerá a sua sabia e, desde já, applaudida escolha.

Confessem que não é pouco e que quem tenha penetrado esse mysterio metteu uma lança em Africa. Lavrou um tento o jornal, que foi o heroe da heroica façanha, por via da sua succursal na Paulicéa.

Agora o criterio. O ministerio do proximo 15 de novembro será constituido de accordo com as conveniencias regionaes e politicas; os ministros serão, portanto, partidarios e geographicos. O Snr. Washington Luiz julga-se no indeclinavel dever de, desse modo, corresponder e ser leal ás "forças politicas" que se conjugaram, ou conluiaram, para elegel-o á magistratura suprema.

E' sem duvida, muito digna e muito nobre essa preoccupação de lealdade aos amigos, embora outra preoccupação inferior e, talvez, subalterna, como seja, **verbi gratia**, a da administração do paiz, possa concorrer com aquella. Isso porém, não é de impor-

tancia capital, mesmo porque o paiz está farto de demonstrar que isso de administração não é genero de primeira necessidade, dando mesmo a entender que quanto menos o administrarem, melhor...

Valha e prevaleça, portanto, o criterio preestabelecido, o criterio politico e regional, que não póde deixar de ser o melhor, uma vez que quem o adopta é o presidente reconhecido e proclamado.

Com serem membros dos seus respectivos partidos e entidades geographicas, desta ou daquella região, os cavalheiros, cujos nomes no peito escripto tem o sr. Washington, não ficam, por isso, destituidos da capacidade que certos chefes de Estado costumam exigir dos seus ministros; de sorte que a economia e as finanças da Republica, a sua defesa interna e externa, em terra, nos mares e nos ares, o manejo normal dos seus negocios interiores e exteriores nada terão a perder pelo insignificante motivo de ceder a competencia technica o seu lugar á exponencia regional e partidaria em nome da gratidão do presidente.

Concordando, sem restricções, permittimo-nos invocar, ainda, em favor do criterio adoptado e divulgado no sensacional furo daquelle jornal, a facilidade que offerece a escolha por esse criterio, superior a qualquer outro. O mesmo escrupulo de consciencia que levou o Sr. Washington a querer tirar os seus ministros das "forças politicas" que o elevaram á presidencia, ha de fazel-o reconhecer que essas forças foram o Sr. Arthur Bernardes, sósinho, o que reduz consideravelmente o campo a explorar, em busca de ministros partidarios e geographicos.

Em boa e recta justiça, portanto, Viçosa bastaria para fornecer todos sete. A duvida está na sua côr partidaria, sendo muito de duvidar que transcorrido o proximo 15 de novembro, o partido do Snr. Bernardes ainda seja isso que o seu successor chama forças politicas e que disponha ainda de sete correligionarios para ministros do futuro governo.

Põe-se em movimento, a esta hora, uma caravana de magos, a caminho do Oriente... proximo, que para nós, é o oriente de onde está surgindo o sol que nos vae dar calor e luz e o resto, ao cabo destes proximos 45 dias, pouco mais de uma quaresma.

Não tres magos apenas, como eram os da peregrinação á mangedoura de Bethlem, mas dez ou doze, uma vasta caravana, que talvez melhor convenha chamar bandeira, de gosto mais moderno e cor local.

São os tetrarchas de diversas provincias que se aprestam para essa expedição, desde o Amazonas até o Espirito Santo e Minas, havendo outras, das bandas do sul, tambem de malas feitas, á espera que a estrella remonte ao lugar do céo, do qual ha de guiar todos elles a paz e salvamento.

Com excepções rarissimas, ahi virão presidentes e governadores assistir á imposição das insignias de chefe dos chefes ao Sr. Washington Luiz.

Não veem guindados a corcovas de dromedarios, nem ha necessidade de que outros camellos os acompanhem, carregados de prendas. Incenso trazem elles mesmos e o resto da bagagem virá nos porões dos navios do Lloyd pelos quaes a bandeira dos magos se fará transportar em pedaços.

Abalançando-se dos seus reinosinhos á mangedoura do novo Messias, esses peregrinos trazem ao rei de todos elles as suas prendas, representadas no opulento xirimbalo amazonico (de que o governador Ephigenio traz numerosos exemplares), bois e onças do Piauhy, carnahúba do Ceará, abobora do Rio Grande do Norte, canna e jaca de Pernambuco, pinho do Paraná, conchas e missangas de Santa Catharina.

Desses magos todos já deve ter juizo formado o novo presidente da Republica, que já os viu de perto, um tanto á vol de automovel, mas quanto tenha bastado para não se enganar mais com elles. O Rio, porém, não os conhece e seria uma idéa, um bom numero do programma das festas de 15 de Novembro, uma exposição desses estadistas em peregrinação, no Jardim Zoologico, por exemplo.

O actual governo, ao assumir o poder, trouxe, entre as idéas innovadoras do seu programma, a do livre-cambismo, cuja propaganda o ex-ministro da Fazenda, Snr. Sampaio Vidal, fazia em tropos eloquentes, visando apenas o augmento da renda aduaneira e esquecido das consequencias ruinosas da nova politica, que pretendia inaugurar.

Pela primeira vez, desmentindo o asserto de que somos imitadores por natureza e por indole daquillo que fazem os outros, queriamos ser originaes, adoptando uma orientação economica que todos os povos, emergidos da conflagração, a livre-cambista Inglaterra á frente, acabavam de repudiar. E, assim, para avolumar de meia centena de milhares de contos a renda alfandegaria, não se tinha escrupulo de pôr em cheque as nossas florescentes industrias de tecidos, que ahi estão como um attestado da nossa capacidade realizadora e a demonstar que já não somos apenas o paiz essencialmente agricola do velho logar commum.

A industria de tecidos, sobretudo a de fiação de algodão, constitue hoje um verdadeiro patrimonio nacional. Não só pelo volume de sua producção, avaliada em epproximadamente em três milhões de contos, como pela qualidade e perfeição do seu fabrico, que lhe angariaram a clientela dos mercados do Prata, ella já se acha em condições de reivindicar para si um logar definido entre as in-
volume de sua producção, avaliada em um milhão e quinhentos mil contos, como pela qualidade e perfeição do seu fabrico, que lhe angariaram a clientela dos mercados do Prata, ella já se acha em condições de reivindicar para si um logar definido entre as in-
dustrias congeneres dos paizes estrangeiros Tal affirmação se applica sobretudo á fiação de algodão, trabalhada com materia prima brasileira, e cujo progresso proclamam os pareceres dos technicos estrangeiros e os dados das nossas estatisticas. Possuimos actualmente 257 fabricas de tecidos dessa natureza, estando assim collocados acima do Japão, Russia, Mexico, Belgica, Tchecoslovaquia e outros paizes; e essas 257 fabricas utilizam 2.345.000 fusos, 70.561 teares, consomem 447.389 fardos de algodão e dão trabalho a 11.065 operarios. Esta é a situação da industria algodeira nacional que, como se vê, não está ainda por constituir, mas é, ao contrario, uma brilhante affirmação de quanto é capaz o esforço pertinaz e bem orientado de uma classe laboriosa e empreherdedora. Com vida propria, pois como já accentuamos ella utiliza materia prima produzida no paiz, a nossa fiação de algodão, com a exportação de seus productos que, em 1923, se elevou a 785.771 kilos, no valor de 9.752:434$000 (numeros que nos ultimos dois annos decresceram em virtude da crise que atravessa a industria) contribue, em escala apreciavel, para o desenvolvimento da economia nacional e o fortalecimento das rendas publicas, mediante as largas quotas de impostos que recolhe ao fisco. Pois essa organização, erigida com tanto labor e á custa de tantos sacrificios, é que as idéas livre-cambistas do actual governo teriam desmoronado caso houvessem sido postas em pratica. Felizmente, a voz da razão fez-se ouvir ainda a tempo, evitando tal fracasso. Mas o preconceito contra as nossas industrias ainda está de pé. E assim é que em vão ellas clamam pelo auxilio dos poderes publicos, nestes dias penosos que estão vivendo, a braços com a maior crise de consumo que já se manifestou entre nós, emquanto os poderes publicos se mantêm inertes ou lhes offerecem palliativos para salvar as apparencias.

Ao cabo de um seculo de independencia sente-se que ha apenas habitantes no Brasil. — Transformar estes habitantes em povo é o programma da ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO.

S. FRANCISCO DE ASSIS E O MUNDO MODERNO

Nenhuma figura historica parece mais absurda de evocar, em nossos tempos, do que a do Santo de Assis. Nenhuma parece mais contradictoria com todo o espirito de nosso seculo do que a delle. Um seculo de sensualismo, de luxo, de mundanismo, de indifferença pela Igreja, de repulsa ao espirito religioso, de desequilibrio, de ansia pelo dinheiro, de industrialismo crescente, de victoria da machina sobre o homem, seculo de gosos e de agitação, do "dancing" e do music-hall", — nada parece mais longe das cavernas de Rivo Torto ou da gruta de Greccio do que estes nossos dias.

Entretanto...

O mundo em que S. Francisco appareceu, esse seculo XIII que elle veio a abalar em seus fundamentos, teria sido assim tão affastado de nós? Não haverá justamente qualquer coisa de semelhante entre aquelle mundo e o nosso?

Havia tambem naquelle tempo um contraste agudo entre instituições que caducavam, como a Igreja, asphixiada pela inercia, pela paralysação das vontades, pela corrupção do clero, pelo desvirtuamento de seu espirito intimo, — e a agitação anarchica dos espiritos. A Igreja era uma rocha calcificada e habitada, sobretudo, pelos mariscos do tempo e o mundo em torno um mar revolto e sem ordem de imprecações, de miserias, de luctas interminaveis e de heresias crescentes.

Havia, tambem, naquelle tempo, um contraste agudo entre as classes sociaes. Por toda a parte fervia o movimento dos "menores" contra os "maiores". O movimento do "communalismo" se estendia, como hoje se estende o "communismo". E por toda a parte a violencia dos opprimidos se vingava dos abusos dos poderosos. Apenas, enquanto naquelle tempo o inimigo era sobretudo o feudalismo do sangue, hoje é principalmente o feudalismo do dinheiro. A propria cidade de Assis foi testemunha de uma dessas luctas typicas entre classes sociaes. O castello de Conrado de Irslingen, Duque de Spoleto, que dominava a cidade, foi arrasado e com as suas pedras construida a muralha que ainda hoje cerca a velha cidade. E quando os "maiores" e "menores" entraram em accordo, fazendo-se concessões reciprocas, foi o Santo de Assis um dos cooperadores principaes nessa approximação, que os seculos anteriores teriam olhado com assombro.

Todo o movimento franciscano no seculo XIII, se foi "um producto typico do espirito do tempo", como diz um historiador de S. Francisco, não foi um movimento que se deixasse dominar pelos males do tempo. Dois de seus principios fundamentaes — a pobreza e a paz — vinham directamente oppor-se a dois elementos essenciaes da sociedade de então: — o **luxo**, trazido pela grande accumulação de poderes e direitos nas mãos dos senhores feudaes todo poderosos, e a **violencia**. O seculo XII vivera entre luctas interminaveis, de provincia a provincia, de cidade a cidade, de castello a castello, em que os odios se eternisavam, — e abusos crescentes por parte dos poderosos e dos ricos.

Um dos espectaculos que mais vivamente chocaram ao filho do rico negociante de pannos Pietro Bernardone, foi justamente essa desigualdade profunda de classes e a proliferação da miseria.

Por outro lado, se S. Francisco vinha approximar os dois espiritos que se oppunham — da Igreja e do Seculo — não era cedendo aos males de cada um, mas ao contrario acceitando apenas de cada um o que havia nelle de sadio e de necessario — e só assim poude estender a sua acção constructora.

Os meios que empregou para agir foram os mais paradoxaes possiveis. Não houve em sua cidade natal quem o não tomasse por louco. Pois um rapaz que tinha tudo para vencer na vida, ia voluntariamente des-

pojar-se de tudo para se confundir com os vagabundos e os leprosos?

E ninguem, positivamente ninguem, poderia suppor siquer, nesses primeiros tempos de sua conversão, que o seu "coup de tête" poderia ter a minima repercussão social, e muito menos o abalo formidavel que provocou. Era quando muito um novo eremita que ia perder-se pelas grutas dos Apenninos. Pois qual seria o louco que pretendesse ficar entre os homens, agir entre os homens, reinserir nos homens uma chamma espiritual ha muito apagada, e no entanto se despojasse, de inicio, de tudo o que poderia facilitar-lhe a tarefa: dinheiro, consideração pessoal, pistolões para os graúdos de Roma e outros dotes que julgamos naturalmente indispensaveis para fazer qualquer cousa na vida.

S. Francisco apparecendo na sociedade do seu tempo foi um paradoxo tão incomprehensivel como se hoje surgisse um novo S. Francisco de Assis... em S. Francisco da California, por exemplo.

Acho muito provavel que não appareça por óra. Uma figura dessas precisa, para surgir, de um amadurecimento social que possivelmente ainda está longe. Mas o facto é que quanto mais nos affastamos da natureza, mais nos approximamos de uma revolução espiritual como a de S. Francisco que foi evidentemente uma volta á natureza, uma volta á simplicidade, uma volta a condições de saúde e de espontaneidade natural a que as sociedades tendem a fugir com o tempo.

E o espectaculo que hoje nos offerece a sociedade occidental não é visivelmente um affastamento crescente da natureza, uma complexidade, uma hierarchisação, uma mecanisação e uma scisão de interesses que só violentamente podem ter uma solução? Quem no seculo XIX, na Inglaterra, por exemplo, previsse as agitações de hoje, não seria tomado por visionario? E que fez Tolstoi senão uma tentativa de volta á natureza? Que fez ha pouco o grande dramaturgo e poeta allemão Ernst Lissauer, fugindo das cidades e indo morar num villarejo dos campos austriacos? E esse outro grande escriptor inglez D. H. Lawrence que se foi metter entre os indios mexicanos para fugir á civilização? E toda essa serie de mysticos norte-americanos de que nos fala Michaud, que anseiam por fugir a uma civilisação mecanizada, como Henry James o fez no seculo XIX? E lá ainda, nos Estados Unidos, a figura estranha desse joven romancista Waldo Frank, cada dia mais lido, e cada dia mais ansioso de uma revolução nos espiritos? E em França, depois da guerra, quaes são os dois movimentos mais intensos de renovação, senão o espiritualismo catholico, mais ou menos reaccionario, e o espiritualismo spinozista, mais ou menos revolucionario, reagindo ambos contra o dilettantismo sceptico do seculo passado? E a aventura mental de John Middleton Murry, na Inglaterra, cujo mysticismo surprehendeu a toda a nova geração ingleza, educada em veios de tradição que julgavam eternos, no sentido de uma materialisação crescente? E casos como esse do philosopho russo Florentzki, que se ordenou padre na Igreja Ortodoxa oito dias depois dos bolchevistas assumirem o poder, isto é, quando ia começar a primeira grande experiencia sangrenta do materialismo historico e a perseguição ás correntes espiritualistas, e que no dia em que são expulsos todos os pensadores que não commungam com o materialismo corrente, vê-se autorizado a permanecer tal a popularidade que tinha conseguido conquistar?

E, em França, ainda, figuras como a desse Jacques d'Arnoux, em cuja alma se sente a massa de que se forjam os revolucionarios espirituaes? E acima de tudo, na França, como na Allemanha, essa immensa sedução ao appello do Oriente?

São casos. São elementos esparsos. Mas são justamente symptomas de uma effervescencia nos espiritos não muito dessemelhantes daquella que no seculo XIII permittiu o apparecimento de uma figura como a do Santo de Assis.

Não é nas sociedades assentes, felizes, tranquillas, onde os homens têm a sua vida-

sinha garantida e os ideaes não vão além da sombra da propria casa, não é nessas sociedades que apparecem figuras tão fundamente humanas, e ao mesmo tempo tão acima da humanidade, como a desse desageitado ermitão de Rivo Torto cuja estatura era pequenina e entretanto não coube dentro de sua epoca.

O contraste entre S. Francisco de Assis e o mundo moderno é immenso. Mas por isso mesmo é que estão menos alongados um do outro. O Bataclan ou os Internacional Workers of the World estão mais proximos da Porciuncola do que a Grande Opera ou o Stock Exchange. Isto é, o seculo XX mais do que o seculo XIX.

Esse contraste, Joergensen o sentiu vivamente em uma de suas "Peregrinações Franciscanas", quando foi a Greccio visitar o velho convento franciscano construido no ponto onde S. Franscisco fez representar, no Natal de 1223, entre tocheiros e canticos na floresta, uma evocação de Bethleem.

E depois de assistir a um officio da noite em que os frades diziam as mesmas orações escriptas ha 7 seculos por S. Francisco, escreve Joergensen: — "Le spectacle de ces hommes aux pieds nus, vêtus de robes brunes, et priant lá les mains levées dans le demi jour, m'a offert la representation la plus vive que j'aie jamais eue de ce que doit avoir été le moyen âge. Loin, bien loin était le XXe siécle... Tout d'un coup il me semblait absolument invraisemblable que, á cette même heure, les voitures roulassent, par les rues pavées d'asphalte, vers les restaurants et les théatres etc."

E eu mesmo experimentei uma sensação muito semelhante. Foi em Fiesole. Eu deixara Florença em plena vida. Florença onde a Italia do seculo XV e a de hoje têm a mesma intensidade de vida. Florença que é tudo menos uma Bruges. E o mais prosaico dos bonds me trouxera até a collina famosa. Amphitheatro etrusco. Gorgetas da pragmatica. Embasbacamentos lyricos deante dos cyprestes que traçavam de verde escuro o valle illustre. Evocações do Lys Rouge. Miss Bell etc. Duas altissimas americanas competentemente Baedeckerisadas a pingar exclamações nos pontos marcados com asteristicos. Uma velha capella. Um frade que me offerece para visitar o claustro do pequeno convento franciscano ahi existente. E finalmente a furia das americanas porque o frade delicadamente lhes preveniu que durante toda a sua vida de monge S. Francisco de Assis só olhara para duas mulheres — Santa Clara e Giacoma de' Settesoli, e como ellas não eram nenhuma das duas... Um pequeno claustro delicioso. Meio claustro, meia latada de pateo italiano. Um franciscano sorridente. O frio intenso chegara com o crepusculo. Agradeci ao frade sorridente. E voltei á velha capella. Parecia um quadro armado para me trazer ao espirito qualquer coisa do seculo XIII.

Apenas uma lampada no altar. Ninguem. Minto. Um vulto. Um frade tambem. Immovel, com os olhos pregados na imagem. Um crucifixo bysantino como o de S. Damiano. Ao lado uma cestinha de ferro. com algumas brazas, pois gelava o ar do inverno que se despedia. E longo tempo fiquei immovel, contemplando aquelle homem sombrio, num extase sereno, num silencio que parecia asphixiar-nos... Ali a dois passos toda a alegria de Florença. O meu hotel trepidante de danças, de luzes, de luas de mel. Buzinas. Klaksons. Gesticulações. A vida vivida furiosamente. A nossa unica vida... E aqui uma sombra de sete seculos, uns pés descalços que esmolavam pelas vielas lobregas de Assis, uns hombros callejados de carregar pedras para a Porciuncola, um velho habito cor de cinza, manchado, sujo, rasgado, um cilicio, uma corda...

Dir-me-ha alguem que concorde com as analogias que apontei: — "E a prova patente de que S. Francisco de Assis não está assim tão longe de nós, é que o mundo inteiro se reune hoje para commemoral-o."

Pois eu penso exactamente o opposto. Nada indica tão vivamente o abysmo que nos separa de S. Francisco como as commemorações de S. Francisco...

S. Francisco passou a ser uma dessas coisas inevitaveis com que os literatos decoram as suas paredes e as beatas de sachristia consideram distrahidamente, em alguma imagem de primeira communhão entre um broche de "chandail" de Therezinha e uma cruz de brilhantes, comprada no Sloper.

Ora, nada de mais extranho ao espirito de S. Francisco do que essa devoção convencional. Elle veio justamente dar vida interior ao que era apenas repetição tradicional. Praticar o lemma que até hoje se vê escripto no côro da capella de Greccio:

Si cor non orat.

In vanum lingua laborat.

Um de seus discipulos preferidos, o irmão Masseo, um dos que se distinguia pelo seu bello porte e pela sua eloquencia, e que por isso mesmo S. Francisco empregava por vezes nos misteres mais humildes para amansar-lhe a vaidade, esse irmão Masseo, vendo que alguns dos seus companheiros gostavam de fazer visitas frequentes ás reliquias dos santos, observava que seria mais util visitarem santos vivos do que mortos. Pois, dizia elle, visitando os santos vivos cada um póde ser testemunha dos perigos e tentações contra os quaes têm elles de se precaver e luctar...

E o proprio S. Francisco viveu pregando que só a acção pessoal trazia merito. Quando chegaram á Italia as noticias do martyrio soffrido pelos cinco irmãos, que tinham ido pregar a Marrocos e foram aliás inhumados em Coimbra, por intervenção da Rainha Urraca, a emoção foi immensa. E não menor o orgulho. Elle mesmo exclamou: — "Só agora posso dizer que tenho cinco irmãos", — elle que até então tentara por duas vezes, sem o conseguir, ter uma sorte identica á dos cinco. Pois bem. Vendo que todos os irmãos só se occupavam em falar do martyrio dos companheiros, e que por toda a parte se faziam commemorações ás cinco victimas da fé, prohibiu, terminantemente, que se continuasse a ler em publico a relação dos cinco martyrios, dizendo:

— "E' necessario que cada um se orgulhe do proprio martyrio, e não do martyrio dos outros".

Foi essa, sempre a lição da sua vida.

Estou meio desconfiado de que se o Santo resuscitasse hoje, a primeira coisa que faria era suspender todas as festas peregrinações, artigos, homenagens, sermões e toda a sorte de commemoraçeõs do seu septimo centenario. E pediria a quem o quizesse commemorar que distribuisse os seus bens pelos pobres, os seus livros pelas bibliothecas, os seus sapatos pelos inimigos e fosse de pés no chão e corda á cinta, servir aos leprosos. E só no dia em que houver de novo quem o faça, com o genio de attração do filho da Umbria, é que se poderá falar de homenagens a S. Francisco.

Se S. Farncisco de Assis resurgisse faria muita coisa por este nosso mundo partido: excepto commemorar S. Francisco de Assis.

Tristão de Athayde.

A REVISTA DO BRASIL PUBLICARA' EM SEUS PROXIMOS NUMEROS: **CORRESPONDENCIA INÉDITA DE MACHADO DE ASSIS; "RECORDAÇÕES DE DONA QUITERIA", ROMANCE DE JOÃO RIBEIRO; UM CONTO DE TRISTÃO DE ATHAYDE**

MANHÃ NA SERRA

Effunde a urna de Aquario a espaços o chuveiro
Que as flores lava, os brotos abre, o ar purifica.
Bebo-te, ó sazão forte, a seiva agreste e rica
Neste cheiro de chão de serra, que é o teu cheiro.

Já seu nevado véu de rendas o espinheiro
Sólta; do ingá polpudo a arvore fructifica;
No alveo de areia e pedra e piscas de ouro e mica
Fartas rolam cantando as aguas do ribeiro.

Um dia novo a tudo acaricia e banha.
Que bom fôra já ter morrido, para agora
Vêr-me esparso em chrystaes, folhas. effluvios, lumes!

Para sorrir no sol que doura esta montanha!
Para chorar no tom com que este rio chora!
Para elevar-me aos céus em nevoas e perfumes!

Alberto de Oliveira.

CANTICO DAS GALÉRAS REAES

Balouços serenos de regias galeras que vem pelo [mar,
Que longas saudades, que longas tristezas, que vãs [amarguras
Que vindes semear!

No espaço, as estrellas abriram, piedosas, os seus [esplendores.
Acordam, na terra, sussurros de beijos, e, pelas [alturas,
Ha chuva de flores.

As regias galeras triumpham, tranquillas, das [ondas hostis!
Que esplendida flammula, a que, nesse mastro, [beijada dos ventos
Drapeja, feliz!

Cem nobres guerreiros, sonhando conquistas, so- [nhando victorias,
Escrutam as aguas, que, lentas, sonoras, em vagos [lamentos,
Lhes falam de glorias.

Ha mundos formosos, além das neblinas que esten- [tendem seus véos...
Ha mundos, que dormem na morna volupia que [desce das brumas
Que envolvem os céos...

Ha placidas ilhas, ha fulgidas searas, ha lindos [pomares,
Guardando os thesouros das virgens delicias, além [das espumas
Que bordam os mares...

Ha reinos, dourados de raios de estrellas, nos [fundos parceis;
— Alhambras, Pagodes, Kremlins refulgentes, Gol- [condas iriantes,
Altares, doceis;

Castellos estranhos, de luz e de opala, de perola [e de ouro,
Que se erguem das aguas, e brilham nas ondas, e [mostram, radiantes,
Seu claro thesouro.

E' nesses castellos, é nessas Alhambras, de marmo- [re e luz,
Que as lindas sereias promettem aos nautas os [corpos morenos,
Divinos e nús.

E' nesses felizes jardins fulgurantes, assim fei- [ticeiros,
Que se abrem profundos abysmos de amores, de [encantos serenos,
De encantos traiçoeiros.

Um louro argonauta, que sonha as marinhas chi- [meras de Ophir,
Debruça-se, afflicto, no vivo desejo, no deslum- [bramento
Falaz de as possuir.

Debruça-se, afflicto... Quer ter entre os braços, [no anceio em que freme,
As candidas sombras, que oscillam nas vagas, que [vão, lento e lento,
No Oceano que treme.

Quer ter entre os braços as humidas noivas, as [noivas lyriaes,
Que nadam na esteira das ondas tão frias, sorrindo [e cantando
Cantigas joviaes.

Quer tel-as... num breve, num rapido instante, [numa hora fremente,
Quer tel-as! Quer tel-as, estuando de beijos, de [beijos vibrando
Voluptuosamente!

Mas logo se esfumam as tremulas sombras dos [dos reinos pagãos.
E nada mais resta, na mobil espuma, dos vultos [tão lindos,
Tão claros e vãos!

Não resta mais nada... Diluiram-se os vultos [das nymphas queridas.
Diluiram-se os edens das glorias ardentes, dos [beijos infindos,
Nas ondas florídas.

E as regias galeras se vão, deslumbrantes, ras- [gando a maciez
Das vagas tranquillas, que cantam nos remos, na [melancolia
Da vã languidez.

Proseguem, na rota que o sonho sagrado lhes [traça no Oceano,
Buscando as promessas das brancas paragens de [gloria e alegria,
De amor soberano.

O espaço infinito rutíla de estrellas, na pompa [lyrial.
Ha bençãos ardentes que vêm, carinhosas, das [aureas alturas
Ao mar virginal.

Balouços serenos de regias galeras que vêm pelo [mar,
Que longas saudades, que longas tristezas, que vãs [amarguras
Que vindes semear!

Mucio Leão

A POLITICA INTERNA DA QUINZENA

A politica dos governadores

O Sr. Arthur Bernardes fez no Brasil, quasi que como Campos Salles, a chamada politica dos governadores. Esta politica tem as suas vantagens e desvantagens. Realizada por um chefe de executivo federal habil, sereno, que não comprehenda o apoio dos governadores com o cego incondicionalismo com que elle lhe é offerecido, como a chave de exito do seu quadriennio, ella traz vantagens apreciaveis para o paiz. Agora, feita por um presidente da Republica decidido a procurar nella, só a base do seu prestigio, para agir na Camara e no Senado, como se estes fossem capitanias suas, semelhante politica dará resultados negativos. Porque o presidente para alcançar o apoio, sem condições dos governadores, tudo fará para não desgostar a estes. E, assim, em vez de uma grande satrapia, organizada no Cattete, teremos vinte e uma satrapias, neste paiz afóra, e todas sem peias, nem controle.

Quando o Sr. Arthur Bernardes subiu ao poder em 1922, havia dois governadores a liquidar, e um a desmoralizar, para, depois de desmoarlizado fazel-o seu alliado. Logo de entrada, o chefe federal se arremessa contra o Estado do Rio d'onde o Sr. Raul Fernandes é varrido com habeas-corpus, Supremo Tribunal e tudo. Em Nictheroy é posto um interventor, pessoa de inteira confiança do Cattete. O cavalheiro macio, que alli se installa, terá como successor um partidario extremado do presidente. O Estado do Rio, entre 10 e 12 de Janeiro de 1923, era preza imbelle do governo federal, e não lhe dava mais cuidados, senão pela luta de competições entre os amigos pela eleição da curul governamental.

Depois, vem a Bahia. O Sr. Seabra cahia esmulambado. Era um farrapo. Os partidos da opposição reunidos acceitaram o candidato apresentado pelo governador — que não era um candidato do governador, mas do proprio presiente da Republica por intermedio do ministro da Agricultura, suavemente imposto ao Sr. Seabra, como derradeira hypothese de meia salvação sua. Depois o Sr. Seabra, tocado por amigos mais exaltados, de um brio partidario mais vivo, repudiou a candidatura que apresentara á sua successão, e contra o Sr. Góes Calmon investiu, trazendo o nome de outro correligionario. O Sr. Calmon venceu nas urnas — e á sua disposição havia duas assembléas, para reconhecerem-n'o. Pela primeira vez, creio, na historia das intervenções no Brasil, um candidato victorioso se vê assim deante de uma duplicata do legislativo, hesitante, por saber a qual dos dois deve conferir a investidura de sagral-o papa. Assim se encontrou o Sr. Góes Camon, o qual tinha para nomeal-o governador a assembléa, seabrista, de cujo partido fôra preliminarmente candidato, e a assembléa opposicionista, que fôra eleita e garantida por habeas-corpus, precisamente afim de reconhecer a eleição do governador da opposição. Tudo acabou, na Bahia se resolvendo do melhor modo, e o Dr. Bernardes concluio ganhando mais um governador para a sua tranquillidade.

Restava o Rio Grande do Sul. Ahi a situação era mais delicada, porque o Sr. Borges de Medeiros é o unico chefe local monarchicamente organizado no Brasi. Capistrano de Abreu costuma dizer que a ultima monarchia da America é a do Rio Grande do Sul, e, com effeito, o regimen no Rio Grande é visceralmente monarchico. Até por isto: a dedicação dos homens, a obediencia dos militares da policia local, tudo é á pessoa do soberano, o Rei Borges. Já analysei, num ensaio de "La Nacion", publicado ha dois annos, as profundas sympathias que ligaram em todos os tempos, essas duas mentalidades irmãs, que são a dos Srs. Borges de Medeiros e Arthur Bernardes. O Sr. Assis Brasil, com a sua infinita ingenuidade, fazendo a revolução que fez, apenas prestou um immenso serviço ao Sr. Arthur Bernardes. Ao presiden-

te da Republica, dada a argucia politica que o distingue, não sorria negociar com um Borges demasiado poderoso, um Borges invencivel A revolução foi o melhor instrumento que se lhe poderia deparar, afim de reduzir o chefe gaucho ao estado de semi-impotencia, necessario para que elle sentisse o peso do poder do governo bernardista. Feito isto. tratou a paz com o Sr. Borges, para tel-o atrelado ao seu carro triumphal até hoje.

Em 1924 contava o Sr. Arthur Bernardes com 20 governadores, um prefeito do Districto Federal, e um governador do territorio do Acre á sua disposição. Poderia mandar até cançar-se. E está mandando que é um Deus nos acuda, porque manda sem contraste. O Sr. Washington Luiz, esse, ainda depois de eleito, renunciou ao mando até da bancada paulista.

O Sr. Arthur Bernardes trazia um programma de governo muito individual, e, para realizal-o, precisava do apoio unisono dos governadores. Apoiou-os para que elles o apoiassem, e tudo deu certo. Os governadores dos Estados tiveram, no quadriennio que desapparece, dentro das fronteiras dos seus sandjaks, uma autoridade immensa. Na Camara e no Senado Federal, comtudo, perderam todo o espirito de iniciativa, porque por elles fallava e agia o presidente, e o presidente gosta de ter opiniões proprias, e quasi sempre diversas das de todo o mundo.

A politica dos governadores tem, para um homem bem intencionado, que traz o proposito de servir á patria, este merito: ella é uma moeda com que elle compra o apoio de que precisa para as suas realizações. Campos Salles, por exemplo, trazia o plano da restauração financeira. Era um plano vasto e que só podia ser levado a cabo em meio calmo. Elle vinha disposto a sacrificar tudo á conclusão desse projecto de governo. Não trepidou em deixar os governadores em paz, contanto que elles não o apoquentassem no exercicio da tarefa, que se dispuzera a cumprir dentro do seu quadriennio.

O presidente Arthur Bernardes enveredou por essa mesma politica, mas não soube tirar della as vantagens que Campos Salles extrahiu com tamanho exito. Todas as reformas que o actual governo emprehendeu, afóra esse ou aquelle ponto de detalhe, satisfazendo o interesse publico, foram tangidas por objectivos pessoaes. A politica dos governadores deu grandes frutos para o Sr. Arthur Bernardes, mas elle não os soube ou não os quiz aproveitar em beneficio da Nação.

Assim, tivemos no quadriennio que finda, a politica dos governadores, mas o que nella ha de util só foi filtrado contra o interesse geral da Nação.

Como será, no futuro quadriennio, a politica federal? A maior difficuldade que ha, para fazer previsões em relação ao Sr. Washington é que elle é um homem inteiramen- desconhecido na politica federal. Agiu toda a vida na politica local de São Paulo, e não é possivel julgar um homem de governo pela sua experiencia feita num meio totalmente diverso do da politica federal.

No quadriennio actual, commetteu o Sr. Washington um gravissimo erro: foi o incondicional apoio que deu e ainda está dando São Paulo ao poder federal. Estados como Minas e São Paulo não estão mais em condições de apoiar governos federaes, nesses termos. São Paulo é uma unidade ponderavel na Federação, com prestigio proprio, do qual necessita o poder central para viver. Para viver! — é bem o termo. Que governo hoje poderia subsistir no Brasil sem São Paulo?

Os amigos mais chegados ao futuro presidente dizem-n'o inspirado de um sincero desejo de penetrar na historia, ennobrecido por attitues impessoaes de governo. Se o novo chefe da Nação está inspirado desses sadio idealismo, não poderá conduzir a politica geral, no espirito com que ella tem sido levada até aqui. A politica dos governadores tem este reverso terrivel: os satrapas estadoaes, uma vez isentos do controle federal, tendem ao garroteamento implacavel de todas as liberdades publicas, ao sacrificio feroz dos di-

reitos individuaes. O controle amistoso, mas alerta do primeiro magistrado sobre os actos politicos dos governadores, exerce uma salutar influencia no sentido de purificar a atmosphera irrespiravel, que a maioria desses czarsinhos locaes estabelece para os seus governados. E é tão facil um homem superior realizar essa benefica e moralizadora missão, com as simples qualidades da persuasão e do tacto!

Assis Chateaubriand

UMA NOVA TRIPLICE ?

O renascimento do espirito colonial allemão

A entrada da Allemanha para a Liga das Nações e o restabelecimento do antigo concerto europeu, que é o primeiro effeito da restituição ao Reich das prerogativas de grande potencia, parecem destinados a fazer reviver a politica colonial, cujo encerramento os alliados annunciavam ser um dos resultados que o mundo obteria com a destruição do militarismo germanico. Nestas ultimas semanas, sob a direcção dos representantes dos interesses commerciaes e maritimos de Hamburgo e de Bremen, o velho espirito da expansão colonial ressurgiu na Allemanha em inequivocas manifestações de pujante vigor. Com a solemnidade espectaculosa que as sociedades patrioticas germanicas outr'ora cultivavam no estimulo dos instinctos aggressivos do pan-germanismo, foram feitas demonstrações publicas em que os partidarios da antiga obra da colonisação affirmaram o seu deliberado proposito de insistir sobre a questão dos mandatos coloniaes, a que a nova Allemanha se julga com direito. O prudente e habil diplomata, que actualmente dirige a politica externa do Reich, disassociou cautelosamente o governo dessas primeiras e ruidosas explosões do sentimento colonial. Mas se Herr Stresemann não quer comprometter a Allemanha official em manifestações em que, ao rythmo do "Deutschland ueber Alles" marcharam garbosamente, nos seus vistosos uniformes da epoca imperial, os veteranos das tropas coloniaes, é inevitavel que, uma vez re-installada como grande potencia no Conselho da Liga das Naçeõs, a Allemanha não poderá deixar de pleitear o direito mais ou menos confortavel ao sol colonial que se levanta ironicamente nos horizontes politicos da Europa, sete annos depois da paz de Versalhes.

Uma nova éra de expansão colonial européa

O principal interesse do movimento, que ora surge na Allemanha, consiste realmente em vir pôr em vivo destaque a renascença, mais rapida do que se poderia esperar, do espirito de expansão colonial. Por entre as difficuldades do apoz-guerra que, longe de tenderem a alliviar-se, parecem aggravar-se sob a pressão de maiores complicações economicas, a Europa, sempre influenciada pelo pezo da sua longa tradição imperialista, sente mais uma vez a tentação de resolver os seus problemas domesticos pela exploração de territorios distantes.

Como já tive occasião de salientar em um destes artigos, toda a questão economica da Europa actual gira principalmente em torno da difficuldade crescente de adquirir com os seus productos manufacturados os generos alimenticios de que carece e as materias primas de que as suas industrias precisam. A desproporção entre o valor do commercio exportador das grandes nações industriaes da Europa e o que ellas têm de comprar em outros continentes para a manutenção da sua vida economica e social, accentua-se de anno para anno, acarretando uma situação de desequilibrio e de perigosa instabilidade, cujo mais caracteristico symptoma é a tendencia geral á desvalorisação das moedas européas. Para attender a semelhante estado de cousas, não é facil descobrir meio immediata-

mente efficaz. Torna-se progressivamente mais difficil o processo de forçar a entrada dos productos manufacturados nos paizes da America e da Asia. Por toda a parte predomina a mesma corrente favoravel a defender os mercados nacionaes contra a concorrencia extrangeira. Esse proteccionismo, que estimula o desenvolvimento de industrias em paizes até ha pouco tempo exclusivamente agricolas, determina para as manufacturas européas uma outra e tremenda difficuldade. As materias primas, que os industriaes do Velho Mundo outr'ora compravam a preço vil, encarecem consideravelmente á medida que as industrias locaes as vão consumindo em maiores quantidades.

A sahida logica de tão precaria situação affigura-se aos estadistas europeus ser a antiga estrada da expansão colonial. Explorando territorios, que se acham sob a sua soberania politica, contam as velhas potencias da Europa obter os productos agrarios e extractivos em condições que o desenvolvimento economico das nações independentes não lhes permitte mais offerecer.

Onde o problema é mais agudo

A iniciativa do renascimento das tendencias coloniaes está cabendo ás duas potencias européas que, depois da Allemanha, são as que mais agudamente soffrem os effeitos da situação critica que apontei. A Inglaterra e a Italia são neste momento as nações industriaes que mais imperiosa necessidade têm de explorar as terras devolutas do mundo. Quando, por occasião da guerra, os dominios britannicos acudiram calorosamente ao appello da metropole, pondo as suas tropas e os seus recursos ao serviço da causa commum, houve esperança de que, depois da paz, fosse realisavel em termos novos o velho plano da liga aduaneira imperial, com que Chamberlain e Cecil Rhodes haviam sonhado dar aos povos inglezes uma absoluta e definitiva supremacia economica. Os acontecimentos ulteriores vieram, entretanto, demonstrar que a individualisação economica dos dominios britannicos attingira tão alto grau de desenvolvimento que os interesses de cada um delles constituiam obstaculo irremovivel á federação aduaneira do Imperio. Em relação á Inglaterra, sob o ponto de vista economico, o Canadá, a Australia, e, embora em escala menor, os outros Dominios estão em uma posição perfeitamente identica á dos Estados independentes, cujos interesses commerciaes e industriaes são mais ou menos irreconciliaveis com os da Grã-Bretanha. O imperialismo, o ideal da organisação de uma confederação que se mantivesse com a permuta dos seus proprios recursos, está irremediavelmente liquidado. Na solução do seu problema, a Inglaterra tem, portanto, de cogitar em crear um novo Imperio com as terras selvagens que formam o seu patrimonio colonial africano.

A crise da Italia

A Italia, cuja condições são profundamente differentes, está comtudo em situação analoga á da Grã-Bretanha. Com uma população muitissimo superior á que o solo vulcanico da peninsula permitte nutrir, possuindo todos os requisitos intellectuaes e moraes para o industrialismo, a Italia luta neste momento com uma terrivel crise, decorrente em parte do onus da importação de trigo, mas causada sobretudo pela necessidade de comprar aos estrangeiros as materias primas. Commentando ha dias na Camara italiana as medidas violentas de defeza da lira, que segue a marcha funebre do franco, o snr. Tumiday observou que o factor essencial da crise italiana era a escravidão das industrias da peninsula ás materias primas e aos lubrificantes vindos de fóra do paiz. Todas as soluções, baseadas na idéa romantica de tornar as communidades italianas do extrangeiro colonias moraes e economicas da metropole, são palliativos illusorios e que só fazem perder tempo, porque, como o snr. Tumiday mostrou com dados estatisticos no seu discurso, á medida que a lira se deprecia, os emigrantes reduzem as remessas de dinheiro, prefe-

rindo capitalisar as suas economias nas moedas mais valorisadas e mais estaveis dos paizes onde residem.

O novo triangulo imperialista

Se a Italia precisa actualmente de colonias, como condição essencial á sua sobrevivencia no plano das grandes potencias, a Allemanha vê-se defrontada pela perspectiva do fracasso da sua estupenda renascença industrial, apoz os desastres de 1918, se não conseguir solução immediata para o problema das materias primas. Temos, portanto, trez grandes nações industriaes, trez grandes potencias politicas, para as quaes se apresenta um problema commum, de vital importancia. Não pode causar surpreza que, em taes condições, se delineiem os prenuncios bem claros de uma approximação politica tendente a formar na Europa um novo triangulo imperialista. Entre a Inglaterra e a Italia, o caso já passou mesmo da phase preliminar e entrou na maturação de accordos concretos e positivos. O recente tratado anglo-italiano sobre a Abyssinia veiu reabrir a politica africana que entrára em latencia desde o fim da guerra boer. As explicações dadas pelo gabinete inglez aquelle accordo não podem, nem de leve, disfarçar o seu cunho brutalmente imperialista. Que duas potencias, associadas á Liga das Nações, firmem um tratado estipulando a combinação de esforços para a construcção de uma estrada de ferro e para a realisação de grandes obras hydraulicas, no territorio de um terceiro Estado, que é absolutamente independente e que tambem faz parte da Liga das Nações, sem que este sobre o caso tenha sido ouvido, bastaria para nos fazer voltar ao genuino imperialismo dos dias pre-wilsonianos, mesmo quando o accordo anglo-italiano não envolvesse a sombria significação occulta de uma partilha de espheras de influencia na Abyssinia.

No tocante á reviviscencia do colonismo allemão, ainda não vieram a publico rumores do que porventura se tem passado entre a Downing Street e a Wilhelmstrasse. Mas o cuidado com que os promotores da agitação colonial germanica — os mesmos homens que, mais do que quaesquer outros, concorreram para incitar a hysteria anti-ingleza que precedeu a guerra — estão insistindo na idéa de uma cooperação amigavel com a Grã-Bretanha na questão dos mandatos coloniaes, e a recepção cordeal, feita pela imprensa britannica mais chegada ao Foreign Office á idéa dos colonistas de Hamburgo e de Bremen, parecem indicar que o assumpto já foi discutido.

As possibilidades de uma nova Triplice

O alcance de uma Triplice colonial anglo-teuto-italiana não pode escapar a nenhum observador das actuaes condições da politica mundial. O scenario das operações desse hypothetico triangulo, que seria o primeiro fructo de Locarno, terá evidentemente de ser o continente africano. Ali as possibilidades de attrictos de ampla repercussão ficarão consideravelmente reduzidas. Alem das trez associadas ao pacto, que tantos indicios parecem esboçar, só resta a França como elemento ponderavel a entrar nos calculos de Londres, de Berlim e de Roma. Mas, em face de uma combinação colonial em que sejam partes a Inglaterra, a Allemanha e a Italia, a França teria de contentar-se com as compensações que o novo trust africano lhe quizesse offerecer. Portugal, a Belgica e a Hespanha poderiam esperar tratamento mais cortez do que a Abyssinia, sua co-associada na Liga das Nações e já marcada para as primeiras operações das novas partilhas imperialistas. Maiores difficuldades encontraria a politica africana na resistencia da Africa do Sul a qualquer desmembramento dos territorios que aquelle dominio já encara como esphera de influencia politica e economica.

Estas são as possibilidades que varios incidentes, occorridos nas ultimas semanas, trazem para o primeiro plano da politica européa. Desde a conferencia de Locarno, Sir Austen Chamberlain vem preparando gradualmente o terreno para uma simultanea

aproximação com a Allemanha e com a Italia. A' acção cautelosa do Secretario do Exterior da Grã-Bretanha não parece ter sido extranha a rapida melhora nas relações italo-germanicas, que os incidentes do Tyrol haviam levado a um ponto de grave tensão nos primeiros mezes deste anno. Em poucas semanas começará talvez em Genebra a esboçar-se a politica neo-imperialista, cuja base poderá ser esse triangulo que, alem da sua actuação africana, se tornará naturalmente o instrumento capital do jogo politico da Europa.

Azevedo Amaral

CORRESPONDENCIA INÉDITA DE TOBIAS BARRETTO

O actual governo de Sergipe adquiriu, para figurarem na edição completa das obras de Tobias Barretto, que aquelle Estado mandou em boa hora publicar, cartas intimas do grande polemista e professor de Recife, endereçadas a Sylvio Romero.

No volume de "Varios Escriptos", onde está prestes a sahir essa interessante correspondencia privada, encontra-se a seguinte nota explicativa:

"E' de ver que, tendo Sylvio Romero, guardado da curiosidade publica, durante toda a vida, esse epistolario intimo, certo não endossava todos os conceitos emittidos por Tobias Barretto — seja pelo tom de paixão pessoal que de alguns delles ressumbra, seja pela severidade e injustiça de outros, ou ainda por divergencias de doutrinas e culturas. A divulgação agora não significa uma indiscreção malevola, mas o proposito de contribuir para o estudo exacto do temperamento de Tobias Barretto".

Merecem a attenção do publico essas cartas, por constituirem algumas dellas, pelos conceitos mal humoradas do notavel pensador sergipano, um verdadeiro escandalo literario.

Os originaes de tão curiosas epitolas vão figurar na secção de "manuscriptos" da Bibliotheca Publica de Aracaju'.

1 — Recife, (Afogados), 24 de Janeiro de 1885.

Amigo Sr. Sylvio:

Saúde e bem estar etc.

Ha muito que lhe não escrevo; sou um preguiçoso de força: não dou p.ª a litteratura epistolar. Só de longe em longe é que me determino a escrever uma carta. Desculpe.

Já deve ter sabido que os seus ultimos recommendados sahiram bem. Até onde póde chegar a minha influencia na Academia, que aliás é nulla, póde dispôr como lhe aprouver.

Antes de entrar em assumpto, que pessoalmente me interessa, tratemos um pouco de politica. O q. me diz da actual situação? Concordará commigo q. é uma desgraça? Dantas elevado á proporções de grande homem!? E' horrivel! Ha sobretudo uma coisa que me incommoda: é vêr o meu, o nosso Altino (1) delegado do ministerio Dantas dos Imperiaes. Sabe a historia dos Imperiaes?... Eu lh'a conto.

Mané Dantas é neto de um cabôclo velho chamado João Dantas dos Reis; quando deu-se a independencia, o cabôclo entendeu que o sobrenome de — reis — tinha alguma coisa de lusitano e antipatriotico, e então passou a chamar-se, como filho do novo imperio, João Dantas dos Imperiaes! Isto é caracteristico.

O cabôclo era sagaz; chegou a exercer cargos, entre estes o de Juiz (não sei se almotacé ou ordinario). Succedendo uma vez que, em uma capella de. S. Antonio das Queimadas(prov. da Bahia) por occasião de um festejo do milagroso santo, se désse uma catastrophe, resultante de um tiro de bacamarte, o cabôclo abriu a respectiva devassa e acabou por condemnar o santo nas custas, tomando-lhe diversas fazendas de gado, pois q. o irade de pau era alli e naquelle tempo bastante rico. Eis a origem da riqueza da familia.

Acredite que, como brasileiro, tenho vergonha de vêr o meu paiz entregue á discrição de uma figura como Dantas.

Temos tido por aqui muita rethorica. O Nabuco (2) deu variados concertos de palavra no S. Isabel, terminando a comedia por uma scena de sangue na qual foi heróe o grande José Mariano. Dois assassinatos apenas e alguns ferimentos!!... Que me diz a isto?... Estou suspirando pela ascenção dos conservadores. Só elles pódem vir restabelecer a ordem perturbada. Em Pernambuco, pelo menos, não ha segurança; as facadas estão na ordem do dia. — Posso lhe garantir que os deputados liberaes desta provincia levam sangue nas unhas; fuja delles.

Agora o meu negocio. Venho pedir-lhe o seguinte favor. O Vieira, professor de philosophia

(1) Dr. Altino Correia de Araujo, poeta e escriptor pernambucano, que em 1887 prefaciou o volume de "Discursos" de Tobias Barreto e veio a ser, mais tarde, cunhado de Sylvio Romero.

(2 Joaquim Nabuco.

do Collegio das Artes, protestou vingar-se de uma moça, que regeitára a offerta, por elle feita, de leccional-a em philosophia; agora que ella tem de prestar esse exame na Academia, ha motivo de desconfiar que o tôlo queira desabafar-se. Por isso peço-lhe que arranje-me por ahi, já e já, uma protecção, uma carta em favor da moça p.a o mesmo Sr. Dr. Antonio Luiz de Mello Vieira. A carta deve ser, ou de algum **cadaver** que elle tenha por ahi, ou do director do Collegio Pedro II, ou emfim de qualquer outra pessoa (bispo, nuncio, frade, ministro, o diabo), que possa de algum modo influir sobre elle. A môça chama-se D. Maria Coelho da Silva Sobrinha. — Confio que dará importancia ao meu pedido.

Adeus. Meus respeitos á Exma. Familia.

Seu amigo

TOBIAS

2 — Recife, 30 de Julho de 1885.

Amigo Sr. Sylvio:

Hontem á tarde, ao chegar em casa, de volta do embarque do Altino, encontrei a sua ultima carta. Se a tivesse mais cêdo recebido, o Altino mesmo seria portador do que me pediu.

Inclusos vão os programmas. Saiba porém de uma coisa: — o programma de Direito Natural e Publico, eu lh'o enviei, logo depois da publicação, acompanhado de uma carta em que lhe dizia que os **doutores** não o tinham entendido. — Continúam a não entendel-o, sendo, por uma ironia do destino, o bôbo Meira (3) o encarregado de explical-o!!!... Nesse mistér, tem procurado refutar a minha theoria da não existencia de um direito natural, e reunindo todas as forças do seu talento, chegou á dizer que havia um **direito natural de beber nas fontes, um direito natural de respirar** — ao que qualquer moço intelligente poderia perguntar se não ha tambem o direito natural de... **(jus cacandi)?...** "Cosi fan tutti". Eu estou só. Entretanto não recúo, e vou rompendo.

Envio-lhe tambem uns pontos de direito criminal, elaborados por mim, de accordo com um programma de João Vieira, (4) que deixou-se influenciar por minhas idéas e arredou-se da velha senda. O programma tem algumas coisas bôas, de mistura com tolices de um espirito mal preparado. Creio que os pontos servirão tambem ao seu intuito. Arrume pancada na canalha burra, que ainda crê em direitos eternos, inalienaveis, imprescriptiveis. Pancada grossa nesses diabos. Quero saber e gostar.

Adeus.

Do amigo

TOBIAS

3 — Recife, 14 de Dezembro de 1887.

Amigo Sr. Sylvio:

Acabo de receber sua carta de 27 de Novembro e em resposta declaro-lhe que póde fazer com o Seraphim o negocio que quizer sobre a 2ª edição dos **Dias e Noites**; veja apenas se consegue que elle se obrigue á dar-me um pequeno numero de exemplares, para presentear alguns amigos.

Já disse ao Santos que lhe enviasse as ultimas formas das **Questões**. Saiba agora de uma novidade: — já está em via de formação o meu **Commentario, theorico e critico** ao **Codigo Criminal**; (5) sáe em fasciculos de 32 paginas; o primeiro fasciculo surgirá até o fim deste; enviar-lho-ei. E' trabalho muito serio. Calculo o commentario de todo o codigo em 6 volumes.

Tenho ultimamente notado que, durante a minha molestia que ainda não se acabou, tenho produzido mais do que em tempos de saude. As **Questões** tomaram um grande impulso; apparecerám os **Traços de litteratura**, e agora **Commentario**. A explicação disto? E' que a doença prende-me em casa e impôz-me a obrigação de ser menos **wollustiger**: dahi a maior actividade intellectual.

Tome nota para uma nota.

Dê suas ordens ao velho amigo

TOBIAS

4 — Recife, 2 de Janeiro de 1888.

Amigo Sr. Sylvio:

Felizes festas e felicissima entrada do novo anno.

Já deve saber que estou com o commentario ao Codigo em via de formação. Deve sahir hoje o 1.º fasciculo (32 pags.). Não lhe havia já communicado, porque queria causar-lhe uma surpreza. Creio que a coisa não está má; pelo menos, é o primeiro tentamen do genero, que apparece entre nós. Calculo toda a obra em 5 ou 6 volumes regulares (de 350 a 400 pags.) pois que pretendo estender-me muito em certos artigos.

As **Questões** estão com 240 pags. — não sei, se o Santos já lhe mandou as ultimas formas, como me disse ia mandar. Com menos de 300 pags. não encerro o livro.

---

(3) Quer referir-se ao Dr. Albino Meira, então lente da Faculdade do Recife e que, já na Republica, foi governador do Estado.

(4) Dr. João Vieira de Araujo, tambem lente da aculdade de Recife.

(5) Está no 1º volume de "Estudos de Direito", da edição completa.

Agora outro assumpto. Admirei a sua perspicacia em descobrir que já na minha **Questão do poder moderador** (6) ha vislumbres de novidade juridica. Despertado pela sua indicação, fui reler o velho trabalho, e realmente achei que existe um logar em que eu falo das **linhas geraes de uma nova sociologia**; o que é no caso esta nova sociologia, se não uma nova intuição do direito? A expressão — sociologia — era um resto de tributo que eu pagava ao positivismo, de que fôra adepto, posto que já então começasse a abandonal-o.

Ponha-me tudo isso em pratos limpos, com a mestria, que o caracterisa. Preciso de uma liquidação á tal respeito. Já vivo incommodado de vêr meu nome sempre citado em companhia dos de José Hygino (7) e João Vieira (o badalo), como os tres iniciadores da reforma juristica entre nós!!! Que tal! O badalo tem uns impetos obscuros, inconscientes, mas não póde; é fraquissimo. O Hygino, esse, á meu vêr, ainda é peior, pois é um espirito que vive cheio da sua missão providencial de estudar a dominação hollandeza em Pernambuco, e pensa que isto é grande coisa!... De direito moderno, nada. E' um lente de administrativo, que adora o Cortines Laxe! E' um pesquisador da Hollanda, que nunca nos disse uma palavra sobre a litteratura desse paiz.

Muito breve pretendo dar-lhe uma surra nesse sentido. Estou estudando hollandez, tanto quanto baste para falar com consciencia, e já estou tratando de pôr-me **au courant** do movimento espiritual da Hollanda. Ramalho tambem terá o seu quinhão de pancada.

Adeus do velho amigo

TOBIAS

5 — Recife, 6 de Abril de 88.

Amigo Sr. Sylvio:

Recebi sua ultima carta, e logo depois as paginas da sua — Historia. (8)

Pondo de parte o que me diz respeito, devo declarar-lhe que achei o seu trabalho muito bom, excepto num ponto, — permitta-me a franqueza. Foi no ponto em que o Sr. a meu vêr, deturpou a sua — Historia — falando de gente, que nada vale.

Realmente, a que proposito falar de Hannibal Falcão, (9) um verdadeiro bôbo, positivista orthodoxo, bacharel tachygrapho, e tachygrapho mediocre? Isto é gente que deva occupar logar numa historia seria? Não de certo. — A que proposito fazer menção de um tal Alvares da Costa, que ninguem conhece, moço idiota, que nunca produziu coisa alguma que prestasse. E' verdade que esse moço fez-lhe uns elogios, mas eu creio que o Sr. não precisa crear adeptos, sacrificando a verdade e a justiça.

Olhe lá: — o Clovis, (10) em 1882, escreveu uns artigos a meu respeito, cheios de elogios extraordinarios. Quer saber qual é o meu juizo sobre elle? — E' o seguinte: — não passa de um **felicissimo** desfructavel, e o mais pretencioso da nova geração. A reputação intellectual desse môço foi uma parcella antecipada do patrimonio Freitas. Não se illuda; Clovis não vale nada. Alguma coisa melhor, que escreve, é plagiada.

E que direi agora do **illustrado jurista** José Hygino, bem como do João Vieira? — Ai! pelo amor de Deus, não faça taes concessões. Onde foi que José Hygino já se mostrou **pesquizador** da historia patria? Zé Zinga é um bôbo, Sr. Sylvio; e João Badalo ainda mais. Desculpe esta franqueza de amigo. Não mude de rumo; seja cruel com esta gente, que nada vale.

Do amigo velho

TOBIAS

....

Creio que o Santos já lhe enviou as ultimas formas das **Questões** e o 2.º fasciculo do commentario. Ando muito zangado com as typographias desta terra; por mais que me tenha esforçado, ainda não pude conseguir que as **Questões** chegassem á sua conclusão. Uma forma gasta ordinariamente um mêz. Estou vendo abandonar tudo, e deixar-me de trabalhos; mesmo porque continuo doente; a tosse ainda me não deixou. Já tenho receios de estar caminhando para uma tuberculose; o tanto que talvez faça brevemente uma viagem ao Ceará.

Voltando ao assumpto principal: insisto em pedir-lhe que não faça concessões á gente desta terra. Dos moços que aqui escrevem, eu só vejo dois aproveitaveis: Arthur e Martins. (11) Não falo de Altino, por que este é nosso, tão nosso, que somos suspeitos para dar juizo sobre elle. — José Hygino?! Este pobre diabo é tão besta, que ainda propõe, como these difficilima, para candidatos de concurso a seguinte: o direito administrativo é arte ou sciencia? — Isto só a cacête. Não se illuda,

(6) Encontra-se em "Questões vigentes", volume da edição completa.

(7) No volume de "Polemicas", veja-se a discussão sobre "self-governement".

(8) "Historia da litteratura brasileira", de Sylvio Romero, cuja 1ª edição apparecia naquella época.

(9) Politico, jornalista e escriptor pernambucano. Fez parte da Constituinte Republicana de 91, representando seu estado natal.

(10) Refere-se, com evidente injustiça, ao Dr. Clovis Bevilaqua, o eminente autor dos "Juristas philosophos", em que tanto se exalça o genio e a obra de Tobias Barreto.

(11) Refe-se a Arthur Orlando e a Martins Junior.

Sr. Sylvio. Se o Sr. na sua **Historia** fala de Hannibal Falcão, por que não fala de Ribeiro da Silva, o autor de **Córa** e outros buffões de igual quilate? Não se enfade commigo, mas devo ser-lhe franco. Esqueça-se dessa gente.

TOBIAS

6 — Recife, 8 de Agosto de 88.

Amigo Sr. Sylvio:

Em additamento á carta de hontem, devo dizer-lhe que estou publicando uma 2ª edição dos **Ensaios e Estudos de Philosophia e Critica.** — O editor é o Nogueira. Sáe augmentada de 2 ou 3 artigos mais, que serão o artigo sobre Strauss e qual quer outros.

Peço-lhe que me arranje por ahi uma copia desse artigo sobre Strauss, bem como dos 2 melhores artigos da **Igualdade** (numero 1.º e ultimo). Talvez que o Borges tenha.

E por falar no Borges, diga-lhe que quem mandou-lhe o exemplar das **Questões** fui eu. Levava dedicatoria ou offerta á elle; não sei pois como não soube quem lh'o enviára.

Adeus.

Do amigo

TOBIAS

7 — Recife, 18 de Outubro de 88.

Amigo Sr. Sylvio:

Recebi as suas duas ultimas cartas, á que hoje respondo. E antes de tudo, muito sinto não poder satisfazer a curiosidade da Exma. sua Senhora, quanto aos versos, que devia ter feito nos annos seguintes em o **Album** da minha discipula, por que não pude mais assistir aos seus anniversarios; minha doença tem sido cruel.

Agora Zé Zinga e Martins. O hollandez apresentou uma these para o concurso, na qual attribuiu á Gneist uma bestidade, e eu chamei-o á fala. Dando me uma resposta tôla repliquei; mas elle pretextou insulto de minha parte e retirou-se da discussão. Dias depois appareceu escrevendo largas e bestiologicas prelecções sobre self-government, acompanhadas de notas injuriosas á minha pessôa. Cahi-lhe em cima, e já o peguei até em erro de traducção de allemão, que é de fazer vergonha. Na these elle falou de obrigatoriedade o gratuidade dos cargos publicos; para sustental-a, quanto á obrigatoriedade, citou quatro textos de Gneist e do tal Oscar que ninguem conhece, nos quaes vem a expressão "Obrigkeit" que elle traduziu por obrigatoriedade, quando essa palavra significa: autoridade, magistratura, poder publico! E' horrivel.

Desconcertado com as minhas pancadas, elle me tem descomposto e mandado descompôr-me anonymamente na **Provincia** e no **Diario.** Veja Zé Zinga como é canalha!

E' bom dizer-lhe que Zé Mariano o **protege**, e pretende fazer delle uma notabilidade scientifica, como póde fazer deste ou daquelle typo — fiscal da camara.

Quanto ao Martins, ha o seguinte. Ao passo que eu protegia-o em concurso, fornecia-lhe idéa para a dissertação do 2.º (intuição romanica) o miserosinho ia falar de mim com o José Hygino, que ha muito me detesta e me morde ás occultas. E' coisa ruim o tal Martins. Tem-se na conta da primeira cabeça do Brasil; escreve artigos com esto titulo: — "Martins Junior ao publico". — Leão 13 **urbi et orbi!!** E' um bobete, Sr. Sylvio: um talento commum, e um pessimo caracter. Eis ahi.

Ainda quanto ao Hygino peço-lhe uma coisa. Se apparecer por ahi na imprensa algum **reclame** em favor delle, proteste e remetta o publico para o **Jornal de Recife**, de 18, 20, 22 e mais numeros de Setembro, assim como alguns outros artigos de Outubro. O Arthur (12) disse-me que ia enviar-lh'os todos.

Adeus do velho amigo.

TOBIAS

8 — Recife, 22 de Dezembro de 1888.

Amigo Sr. Sylvio:

A minha molestia acaba de revelar-se em toda a sua hediondez: — uma terrivel albuminuria. Tenho estado prostrado. O meu estado é tão grave, que alguns amigos já promovem uma subscripção para eu fazer uma viagem á Europa!... Eis ahi, meu caro amigo, a que se acha reduzido o velho Tobias!

O infame J. Hygino escreveu a um professor de Breslau, perguntando uma tolice, que nunca esteve em questão, escondendo por tanto o erro capital da sua these, que era a gratuidade e obrigatoriedade dos **cargos publicos** e mesmo assim a resposta não foi completamente satisfactoria, mas elle tem coragem de publical-a!...

Peço-lhe uma coisa: — se eu morrer, salve a minha memoria das garras de trafantes, como Hygino e outros.

Adeus do amigo velho.

TOBIAS

9 — Recife, 19 de aneiro de 1889.

Amigo Sr. Sylvio:

A minha molestia aggrava-se de dia em dia. Já tenho por certa uma solução fatal. Quero pois

(12) Arthur Orlando.

fazer-lhe um pedido: — dada a minha morte, salve a minha memoria das garras dos infames. Não consinta que os Hygino, Vieira & Companhia se banquetêem no meu cadaver.

Adeus.

O velho amigo

TOBIAS

10 — Recife, 19 de Fevereiro de 1889.

Amigo Sr. Sylvio:

Recebi sua ultima carta, que já encontrou-me um pouco melhor, graças, não aos esforços do tal Sr. Adrião, que é uma peste, um digno amigo do Carneiro da Cunha, (13) mas aos cuidados do Constancio Pontual, que tem sido incançavel. Já vou tendo alguma esperança de restabelecimento, ou pelo menos de melhorar, que me permitta fazer a minha viagem. Não será para o sul, por que agora vae entrar o inverno, que far-me-ia muito mal; deve ser para Portugal, em fim de Abril ou principio de Maio.

Envio-lhe uma procuração, attestado e uma carta do barão de Lucena, a fim de requerer-me uma licença ao Ferreira Vianna. Tenciono pedir ás Camaras uma outra de anno.

Muito lhe agradeço o interesse que tomou para obter contribuições em meu favor. Se conseguir alguma coisa, peço-lhe que compre ahi um apparelho de inhalar oxigenio, de Limousin; e m'o remetta. Muito devo a esse apparelho. O que eu tenho pertence a um medico daqui, que não é o Pontual, e póde ser que de um dia para outro precise delle, e eu fico privado de um excellente remedio. Não sei se já lhe disse: — a minha molestia é principalmente uma nephrite. Tenho perdido muita albumina; hoje porém vou muito melhor.

Devo prevenil-o de uma coisa: — se lhe mandarem alguma noticia ou telegramma dando-me morto, não acceite logo. Ha por aqui gente encarregada de espalhar noticias falsas neste sentido, afim não só de incommodar-me, como tambem de difficultar a arrecadação das subscripções!... Que gente! Consta que um desses miseraveis é um tal João Elysio, (14) concunhado de João Vieira, e pretendente de uma cadeira na Faculdade... A coisa é verosimil. Tenho estado prestes a morrer e os taes collegas nunca mandaram saber do meu estado. Eis ahi. — Adeus. Não se esqueça do Limousin (inhalateur a oxygéne).

Do velho amigo

TOBIAS

11 — Recife, 19 de Junho de 1889. (15)

Amigo Sr. Sylvio:

Acabo de receber a sua carta e vejo o que me diz a respeito do 7 de Junho. E' engano seu: eu não me restabeleço mais; a molestia tem sido rebelde; o unico remedio é morrer.

Como estou reduzido á proporções de pensionista da caridade publica, e me fala nisto em sua carta, peço-lhe que dê pressa ás entradas das contribuições da sua lista, visto como os meus ultimos recursos estão se esgotando.

Faço votos pelo seu restabelecimento e adeus; quem assigna por mim é meu Pedro.

Do amigo velho

TOBIAS

(13) Medico pernambucano, amigo de José Hygino, junto do qual combateu Tobias, e irmão de José Mariano.

(14) Dr. João Elysio de Araujo, actual lente da Faculdade de Recife e deputado federal por Pernambuco.

(15) Sete dias depois desta carta Tobias Barretto fellecia no Recife, antes de Sylvio Romero a ter recebido.

O FASCISMO

— II —

Não era cousa excepcional na Alliança tomarem-se iniciativas da mais alta importancia, sem que fosse ouvido o alliado latino. Assim procedêra Aehrental, em 1908, ao annexar a Bosnia e a Herzegovina. Assim procederia ainda Berchtold, em 1914, ao lançar o ultimatum á Sérvia.

Emquanto toda a manobra, os detalhes da operação, se discutiam e fixavam entre as duas monarchias germanicas, a Italia era cautelosamente posta á margem, na ignorancia inteira dos successos.

Duas razões capitaes motivavam tal modo de agir. Não havia confiança na acquiescencia de Roma, pois já ella se havia opposto a uma aggressão á falsa fé contra Belgrado, pouco tempo antes, em 1913. Além disso, ante um acto dessa natureza, que, possivel ou mesmo provavelmente, desencadearia a guerra por toda a Europa, devia prever-se algum pedido de compensação para o reino peninsular. Sabedora dos reclamos irredentistas, preferiria a Austria não agitar a questão. Da victoria final, ninguem duvidava, ainda que, pelo jogo dos accôrdos

e das allianças, tivesse de se generalisar o conflicto. Convicção geral era de que, mesmo neste caso, bastavam, para vencer, as forças dos dous imperios.

Que se não tratava de um *casus foederis*, era opinião unanime na Europa: não houvera ataque a nenhuma das potencias triplicistas; nos factos a se desenrolarem, a Italia não fôra ouvida.

O alvitre a adoptar era a neutralidade, repetiam os elementos liberaes, socialistas á frente; accrescentando estes que, na occurrencia, estavam em jogo interesses mesquinhos de organisações capitalistas, ás quaes o pensamento social mais adeantado não podia auxiliar.

Não foram tão promptas a se decidirem as rodas governativas, quer as que occupavam o poder, quer as que já o tinham exercido. Todas ellas representavam uma geração que, em diplomacia, havia terçado suas primeiras armas sob Depretis e, principalmente, sob Francesco Crispi. Com raras excepções, para ellas era ponto de fé ter a França e a Inglaterra como adversarios com os quaes só occasionalmente, e com programmas limitados, se podia collaborar politicamente.

As sympathias por esses dous paizes só haviam nascido com a geração seguinte, que não tinha presenciado a phase de conflictos e agastamentos odientos de 75 a 95.

Era sobre aquella camada de estadistas, cheios de idéas preconcebidas e peremptas que, em 1914, pesavam as responsabilidades do governo.

Ao marquez de San Giuliano, timido e fraco, cabia a direcção da politica externa, na qual, embora fosse clara sua visão dos factos, nunca soube com energia assumir rumos definidos, nem se livrar inteiramente de axiomas e de normas que datavam da éra de Crispi.

Fosse qual fosse a orientação ulterior, a desconsideração feita á Italia, na conjunctura gravissima do ultimatum sérvio, melhor fôra não ter sido tolerada. Rôta a Triplice nesse momento, nada teria impedido tratar mais tarde, logo em seguida mesmo, com os antigos alliados; mas de cabeça alta, e sem a diminuição de, por um instante siquer, pairar a dúvida de que não ouvir o reino significava sua posição de vassallagem, ou menos preço de seu parecer.

Mais clara, também, houvera ficado sua attitude internacional, pois mais tarde se accusou a Italia, com a maior injustiça embora de ter acceito os factos, e, em seguida, á mercê de suas conveniencias, ter passado de um para outro campo. O romper da Alliança em Julho de 1914, sem alterar a essencia dos sentimentos da monarchia saboyarda para com os Imperios Centraes, teria conferido á primeira prestigio maior e auctoridade accrescida em sua acção ulterior.

San Giuliano não era homem, para taes rasgos. Levava-o sua indole a temporisar. Hesitou. A seu espirito esclarecido e arguto era patente que se abria épocha nova remodeladora na historia da Europa, talvez na do mundo. Queria, pois, manter livres seus movimentos e não ter a mão forçada por acontecimentos em que não interviera.

Ameaçava desencadear-se uma tempestade, á qual, por prevê-la, já Italia se havia opposto pouco tempo antes. Desta vez, após Serajevo, fôra evitado o véto da peninsula, pondo esta em face do facto consummado do ultimatum. Nem legal, nem moralmente, cabia á Consulta a menor solidariedade na decisão tomada. Mais do que isso, Estado soberano e nunca vassallo, nada o obrigava seguir passivamente o golpe austro-germanico no taboleiro balkanico. Era-lhe inteiramente livre a escolha da politica a adoptar. Fê-lo, inspirando-se no que o presidente do concelho Salandra definiria mais tarde *il sacro egoismo*, dando nome pomposo á mola real preponderante da politica internacional de todos os tempos e de todos os povos.

Começou a sondar as potencias triplicistas. Os alvos de Roma eram, desde sempre, dar fim ao *risorgimento* pelo resgate das terras irredentas; a tal necessidade, accrescêra mais recentemente a questão do superpovoamento nacional, isto é a acquisição de colonias.

Mal succedida a primeira tentativa na Abyssinia; tarde chegada na *curée* das terras partilhaveis africanas, onde Tripolitania e Cyrenaica pouco promettiam; com perspectivas limitadas, si é que existiam, no Dodecaneso; só se lhe ampliariam os horizontes, em se redistribuindo territorios da Asia e do Continente Negro, já apossados por outros paizes europeus. Como fazê-lo? devia ser a base das perguntas a esses governos. Inicion logo gestões, em Berlim e em Vienna.

Cedo verificou que, nesta ultima cidade, se não queria siquer admittir a hypothese de cessão territorial qualquer, e que a Allemanha não exerceria a menor pressão sobre sua alliada em favor da Italia. Não quiz esta dar a partida por perdida, entretanto, e esperou que o tempo e as necessidades impos-

tas pela lucta imminente modificassem a situação, attenuando intransigencias. Decidiu-se, então, pela neutralidade.

Convinha detalhar o facto, pois Giolitti, Salandra e seus amigos foram accusados de terem adherido ao neutralismo, á espera de uma solução que lhes permittisse fortalecer a Triplice, contra o sentimento nacional dominante.

Parece infundada a censura. O alvo era realisar o ideal do paiz, nos limites com a Austria e na acquisição de colonias. Tanto poderiam fazê-lo com um, como com outro grupo dos belligerantes em perspectiva. Si fosse de accôrdo com os Imperios Centraes, o Trentino e mais alguns districtos seriam de boa mente cedidos, e os territorios coloniaes novos sahiriam dos despojos tomados aos Alliados occidentaes. Na hypothese opposta, as terras irredentas seriam conquistadas á Austria, e a expansão na Asia e na Africa teria logar á custa da Allemanha. Preferiam a solução, ao lado da Triplice, prolongamento da politica tradicional e vigente Militavam varios motivos para tal, mas o mais ponderoso era a convicção de que nada resistiria ás forças allemãs.

Para conservar a Italia, comtudo, liberdade de manobra, devia ganhar tempo, não romper com paiz algum, e preparar-se para intervir com elementos preponderantes quando, mutuamente exgottados os adversarios, pudesse então formular suas condições, as condições de quem seria no momento o unico possuidor de força decisiva para fixar a victoria. Neutralidade armada portanto. Nesse ponto se firmou a conducta official da Consulta.

Tudo se fez opportunamente. Declarou-se a neutralidade. A França, em tempo util, soube que não precisaria defender a fronteira alpina, tanto que, no Marne, figuraram corpos de exercito cuja funcção normal seria conter a Italia, caso fosse inimiga. Desde 25 de Julho de 1914 estavam avisados tambem os governos da Triplice do ponto de vista de sua alliada, neutra por força dos proprias circumstancias.

Assim passaram as primeiras semanas da guerra sem que cessassem os esforços junto aos Imperios, no sentido de se chegar á cessão das terras italianas em poder da Austria.

Ahi sobreveiu o grande abalo da batalha de Joffre. Foi sorpresa sem egual para os mais sinceros triplicistas verificar que a *ruée* germanica fôra contida, vencida e obrigada a estacionar e recuar. Houve subita e funda mudança de valores. Desappareceu a noção da invincibilidade do grande estado-maior prussiano.

Concomitantemente, vinham chegando informações das duas cidades imperiaes de que era definitiva a recusa de discussão e de entendimento sobre devolução á Italia de qualquer trecho austriaco. Póde-se fixar como periodo critico dessa desillusão para o reino, a segunda metade de Setembro. De facto, desde o dia 16 começam as iniciativas e trocas de vistas entre ministro e embaixadores alliados para se realisarem com outro grupamento internacional as tradicionaes métas politicas de Roma. Nunca, entretanto, permittiu a hesitação official fossem os "pourparlers" além de simples formulação de projectos.

Houve duas phases no modo de entender a cooperação: a de San Giuliano e a de seu successor, o barão Sydney Sonnino.

Pensava o primeiro, com acerto, que o adversario principal da Italia era Vienna. Queria que fosse ao extremo a lucta contra a monarchia dual. Alvitrava que, com a Sérvia, se fixassem os termos da partilha dos territorios do fundo do Adriatico e de suas costas Orientaes. Achava de alta vantagem uma garantia mutua entre vencedores, válida por praso razoavel. Quanto á epocha da intervenção, pensava deveria coincidir com a da Rumania. Na razão a invocar para agir, encontrava elle agora a difficuldade decorrente de sua attitude hesitante de Julho de 1914. De vigencia curta foi essa orientação, um mez apenas, pois subitamente morria o ministro, a 16 de Outubro, e nesse praso não conseguira elle vencer sua dubiedade sobre o partido a tomar.

Sonnino, seu successor, tinha outra tempera e outro conceito do caminho a seguir. Era um luctador, e queria realisar suas idéas.

Triplicista convencido, de um lado, não tinha confiança em allianças duradouras com paizes outros. França, principalmente, só podia ser episodio transitorio, na sua cooperação com Italia. Para o novo ministro, o ideal seria negociar uma neutralidade compensada.

Si chegasse a accôrdo com a Triplice, a remuneração consistiria a Trentino e mais alguns districtos, por parte dos governos centraes, e, após a prevista victoria, territorios anglo-francezes; com suas forças intactas, e sem combate, o reino assumiria posição mais forte no mundo, e nelle pesaria decisivamente.

Si a situação o obrigasse a tratar sómente com os Alliados occidentaes, os mesmos resultados se conseguiriam, apenas com ligeiras variantes: as terras austriacas seriam conquistadas, e os territorios coloniaes proviriam do acervo allemão. Talvez, também, houvesse vantagem em estabelecer pactos de neutralidade bilateraes, com ambos os systemas belligerantes. Várias modalidades se podiam imaginar.

Em qualquer das hypotheses, mesmo que se houvesse de assumir compromisssos de intervenção armada, conviria reduzir ao minimo o esforço combatente italiano, deixando ao reino forças que, na paz, pudessem por seu vulto influir nas deliberações finaes. Si o accôrdo se tivesse de firmas com Londres e Paris, agir de modo a que não impossibilitasse mais tarde a formação de uma nova Triplice central.

As contradicções de taes attitudes eram obvias, mas não impediam que Sonnino proseguisse nas tentativas, tanto mais quanto as pretenções no Adriatico, limitadas em um caso, no de tratar com Vienna, cresciam desmedidamente no outro, e constituiam ameaça intoleravel para a Sérvia, e os Slavos do Sul da Austria.

O fim de 1914 e o inicio do anno seguinte passaram-se em ensaios de accordo com os antigos socios da Triplice. Naufragaram todos, ante a obstinação e a falta de visão politica de Francisco José e de seus auxiliares. O velho odio á Italia poude mais do que o sacrificio judicioso a bem da victoria commum. Fevereiro e os primeiros dias de Março de 1915 marcaram o sossobro de qualquer plano dessa natureza.

Voltou-se, então, Sonnino para Oeste. Apesar de muito discutirem, sempre houve convergencia de opiniões, que se concretisaram no Pacto de Londres, de 26 de Abril desse anno. Já aqui o aspecto da questão mudára: o avanço italiano no Adriatico abrangia Zara e Sebenico, deixando Spalato á Sérvia, e partilhando a meio as ilhas dalmatas.

Quando, em Maio, se divulgou o pacto, que se combinára manter secretissimo, o effeito foi desastroso nos meios slavos dos Balkans e da Austria do Sul: era um imperialismo italiano a substituir o austriaco, diziam elles. O sentimento intimo do diplomata italiano ahi se revelava. Para elle, a Sérvia, mais do que Vienna, era o inimigo, pois atraz della enxergava a Russia a caminhar para os Balkans e os Estreitos, emquanto dos Habsburgos e da monarchia dual pensava como Beaconsfield no Congresso de Berlim, em 1879: si a Austria não existisse, devêra ser inventada. Parece procedente essa observação do professor G. Salvemini sobre a "Diplomacia italiana durante a guerra".

Faceis de avaliar, as difficuldades trazidas á Entente por tal orientação: arrefeceu o esforço sérvio, e amorteceu as sympathias slavas. Mas Sonnino nunca variou desse ponto de vista. Resistiu a todas as iniciativas para chegar a entendimento com os infelizes sérvios. Ainda nos ultimos dias da guerra, subsidiava agitações em favor dos Habsburgos e contra Belgrado, afim de se reconstituir o velho Imperio.

Destino ironico deste estadista, de tanto valor por outros titulos, foi ver desmentidos pelos acontecimentos todos os seus projectos, todas as suas previsões, todos os seus alvitres.

Previa guerra curta, na qual a intervenção italiana, subitanea e fulminante, lhe permittiria ser a unica potencia ainda poderosa e capaz de dictar as soluções, quando as demais já estivessem exhaustas. Previa a mantença da Austria. Não queria auxilio alliado excessivo, para não perder a supremacia propria. A cooperação com a Entente não devia ser intima de mais, de modo a que se não prolongasse além das guerra; tanto assim, que officiosamente fazia sentir ser méro 'allié provisoire".

Confrontem-se os resultados com taes premissas: guerra de quatro annos; sacrificios inauditos em homens e recursos, além de toda previsão, deixando o paiz exhaurido; Austria, a bem dizer riscada do mappa; collaboração franco-ingleza, após Caporetto, e até a reconstituição das forças nacionaes.

Apesar de tudo, dos factos que o desmentiam, das novas correntes politicas a seguirem alveos novos, do divercio crescente entre programma inicial e sorpresas da guerra; apesar de tudo, crispava-se Sonnino em seu primitivo conceito, e se atinha ao Pacto de Londres, já caduco pelo tragico perpassar dos tempos.

Quando os Estados-Unidos entraram na lucta, e os pontos de vista de Woodrow Wilson se tornaram conhecidos, alentando os povos que se haviam sacrificado pela independencia propria e pela liberdade do Mundo, e Slavos dos Balkans e da Austria cobraram novo animo, revelou-se o abysmo que separava as duas mentaliddaes, o idealista do Norte-Americano, a méramente imperialista do diplomata.

Era o momento preciso de trocar idéas com as grandes victimas balkanicas, e attender aos convites tão urgentes, patheticos e conciliatorios de Pashitch. Recusou mais uma vez, sem prever que, agarrado ao documento de Londres, seguiria para a Conferencia da Paz apenas como representante de uma situação politica e de uma solução que os factos novos não mais comportavam.

O peior era que, por todos os modos, o povo da peninsula fôra mantido em erro, sem se lhe explicarem as grandes alterações sobrevindas. As esperanças, ao nivel dos enthusiasmos "chauffés à blanc" não assentavam, nem podiam assentar, em base pratica plausivel de accôrdos admissiveis, tanto os acontecimentos haviam variado e evoluido !...

Uma immensa desillusão se preparava.

Não teve Sonnino a ductilidade de espirito, a "souplesse" de acção, a agudeza de visão politica, necessarias para comprehender a mudança de scenario. Apresentou-se em Paris como um espectro, 1915 já morto e esquecido, a querer dar regras ao timultuar da vida em 1919... Não havia despido as avitas antipathias contra França e Inglaterra, então suas alliadas, embora provisorias como salientava. De Woodrow Wilson, por suas manifestações liberaes e favoraveis aos povos opprimidos, belgas e slavos entre outros, considerava-se inimigo.

Foi quando a Entente lhe deu o troco da sua insistentemente proclamada "alliança provisoria". Mantinham por inteiro seus compromissos de 1915 em Londres, mas incumbiam a Sonnino de convencer o presidente Yankee da opportunidade e da justiça das estipulações, já velhas de quatro annos, quatro annos de guerra sem par, estipulações peremptas pela força esmagadora dos destinos. E, quanto a entendimentos novos, estariam promptos sempre a estudal-os com espirito de equidade e de amisade para com todos os povos alliados.

Era o mallogro forçado do pacto londrino.

Difficil é descrever o oceano de amargura em que se abysmou a Italia, após os tratados de paz. Ferida em seu amor-proprio e em suas aspirações; convencida de ter sido ludibriada e menospresada; revoltada pela certeza em que estava de ter sido injustamente attendida, olvidados os immensos sacrificios a que havia consentido; foi contra seus homens publicos que se voltaram suas iras vingadoras, tanto quanto contra os demais governos participantes da Conferencia.

Tinha razão, em parte: houvera graves erros commettidos na apreciação dos acontecimentos, e nem sempre a Nação fôra exactamente informada da desproporção, sempre existente, entre desejos e possibilidades. Nesses grandes movimentos sentimentaes, não ha nem póde normalmente haver justiça absoluta.

Como esperar que, em um comicio de tantos povos, *todas* as aspirações de qualquer delles possam lograr satisfacção inteira? Isso, entretanto, é razão, calma, reflexão... e nada de tal fôra humano ou logico pensar se achasse no grande desmoronamento do intenso anseio nacional pela redempção das terras captivas e pela expansão colonial...

Menos ainda, em se tratando de povo altivo, de alma imaginativa e exaltada, com a sensação candente, certa ou errada pouco importa, de ser victima de injustiça e de menospreço.

E passou por toda a peninsula formidavel e duradouro frémito de cólera segrada, prenuncio de revoluções politicas e sociaes em missão justiceira.

(Continua) **Calogeras**

DIREITO PARLAMENTAR

Membro é palavra que recebemos do latim, de **membrum, membri**, parte de alguma cousa, vocabulo esse que se origina, por sua vez, do grego, de **meros**, parte, proveniente de **meirô**, dividir, separar. No individuo, membro é parte do seu corpo; nos corpos collectivos, membro é cada um dos seus individuos. Os membros de um corpo collectivo são, reunidos, esse proprio corpo, embora esse corpo possa funccionar sem a totalidade dos seus membros.

Na nossa organização politica o poder legislativo é constituido por um corpo collectivo, o Congresso Nacional, formado, por sua vez, de dois outros corpos collectivos, a Camara dos Deputados e o Senado. Os membros do Congresso Nacional denominam-se congressistas, os da Camara dos Deputados têm a denominação de deputados e os membros do Senado são chamados senadores.

Sendo a Camara dos Deputados constituida de 212 membros e o Senado de 63, o Congresso Nacional, que resulta da juncção dos dois corpos, tem 275 membros.

Voto é palavra de origem latina, vinda de votum, supino do verbo voveo, voves, vovi, votum, vovere, desejar querer, suffragar, votar, fazer voto, e representa a manifestação do desejo de um membro, de um individuo, em colletividade.

A cada membro de um corpo politico corresponde, de modo geral, um voto. Para que um membro de um corpo politico tenha direito a mais de um voto é mistér expressa disposição que o determine legalmente.

O numero de votos nas assembléas politicas é pois, correspondente ao numero dos seus membros. No Congresso Nacional os votos são 275, assim como são 212 na Camara dos Deputados e 63 no Senado Federal.

Como bem se pode comprehender, não é tarefa facil reunir uma assembléa, que deve funcionar por periodo mais ou menos extenso, com a totalidade dos seus membros. O professor V. MICELLI, cathedratico de direito constitucional da Universidade de Perugia, na Italia, escreveu, ha tempos, na **Revista de Direito Publico e de Sciencia Politica**, no tomo 18, anno 9°, 1902, á pagina 193:

"O funcionamento regular de uma assembléa é uma necessidade de facto connexa com a razão de ser e os fins da propria assembléa, e, por conseguinte, com os objectivos a que ella deve se propor. Uma assembléa que não funciona regularmente, ou que de todo não pode funcionar, não se acha em condições de preencher o seu objectivo e falta ao fim de sua existencia. A regularidade da função é, pois, uma condição essencial da vida de cada assembléa; essa regularidade adquire tanto maior importancia quanto são importantes os objectivos a que a assembléa se propõe e são mais numerosas as funcções que se lhe confia. Ora, as assembléas politicas são justamente aquellas em que os objectivos adquirem a maior importancia e cujas funcções são as mais variadas e as mais complexas. E' por isso que por ellas se faz sentir mais fortemente a necessidade de um desenvolvimento regular das suas funcções.

Isso admittido, comprehende-se que uma assembléa não poderia funccionar de todo, si se exigisse (como idealmente se deveria exigir) que a cada uma de suas sessões estivessem presentes todos os membros de que ella se compõe. Uma quantidade de cousas differentes e variaveis, segundo as circumstancias, e em parte independente da vontade dos membros, impede sempre um numero mais ou menos grande desses de intervir nas sessões; isso torna difficil e raras as sessões nas quaes todos podem estar presentes.

Essas causas vão sempre crescendo, á medida que cresce o numero dos que compõem a assembléa e que as suas sessões se tornam mais regulares e mais frequentes.

Com efeito, quando o numero de membros augmenta, as possibilidades de impedimento ao lado delles augmentam tambem. As doenças, os negocios, os interesses de familia, a pouca actividade, todas as causas de impedimento podem operar tanto mais facilmente quanto maior é o numero das pessoas sobre as quaes ellas podem exercer a sua influencia. O numero dessas causas cresce ao menos em proporção arithmetica com o numero dos membros. Por consequencia, em uma assembléa muito numerosa, torna-se quasi impossivel a todos os seus membros intervir, não sómente em uma série de sessões, mas até em determinadas sessões.

Mas, esses impedimentos podem crescer tambem pela frequencia e affectar a regularidade das sessões, pois que a frequencia opera pela quantidade do tempo os mesmos effeitos que o numero opera pela quantidade das pessoas. Quando a intervenção de uma pessoa é solicitada por uma unica vez, póde haver ahi uma unica possibilidade de impedimento; mas, quando ella é solicitada por um numero consecutivo de sessões, essas probabilidades augmentam e ellas se multiplicam. E até é mistér dizer, no que concerne á regularidade das sessões, que, mais as sessões se tornam regulares e periodicas, isto é, mais ellas se realizam em dias e em horas determinadas, por periodos immutaveis e em certas épocas do anno, mais, tambem, ellas reclamam aos membros uma frequencia systematica e uma somma maior de sacrificios em tempo e em actividade. O contraste então entre os deveres que se tem como membro da assembléa e os seus interesses particulares torna-se muito vivo e pode conduzir a resoluções, que não são sempre favoraveis ao cumprimento regular e escrupuloso dos primeiros. Deve-se assignalar que todas essas causas agem de preferencia nas assembléas politicas.

São em geral as assembléas muito numerosas, realizando as suas sessões por um longo periodo de tempo, durante o qual ellas se reunem quasi todos os dias e mesmo, em circumstancias extraordinarias, duas vezes por dia. Por consequencia, quando se trata dellas pode-se dizer com justa razão que a presença regular e periodica de todos os seus membros ás sessões é um facto, que se não pode verificar e com o qual se não pode contar.

Comprehende-se, depois disso, que, para tornar possivel a funcção de taes assembléas, é necessario estabelecer um numero relativamente pequeno de membros, cuja intervenção possa bastar em todos, ou, ao menos, no maior numero de casos, para tornar validos os actos da assembléa .

Em outros termos, aqui, como na determinação de todas as regras juridicas, é-se obrigado a não ter em conta os casos extremos, que são os mais raros, para se fundar unicamente sobre uma media constante, que constitue a normalidade dos casos, entre as oscillações quotidianas. A media a esse

respeito é determinada pelo numero dos membros qua habitualmente não têm causas de ausencia, e sobre a presença dos quaes podem contar com systematica certeza.

Mas, sob esse ponto de vista, pode-se assegurar que uma assembléa politica não é como qualquer outra; é sempre uma assembléa de representantes (e pouco importa que sejam directos ou indirectos) dos interesses e partes do Estado ou da sociedade. De forma que si alguns dos seus membros não participam da sessão, os interesses que deviam representar ficam sem representação e os actos da assembléa não são mais então a expressão dos interesses collectivos; elles não podem representar a conciliação dos interesses divergentes.

Pode-se responder facilmente a essa objecção com as theorias correntes, segundo as quaes os representantes nas assembléas não representam os interesses das diversas partes do territorio que os enviam, mas devem representar os interesses geraes do Estado. Não aceitamos tal theoria (ver as minhas obras — **Conceito juridico da representação politica**, Perugia, 1892; — **Principios de direito constitucional**, Milão, 1898), mas não podemos negar que ella é aceita por todas as constituições modernas e que ella forma por isso um principio de direito positivo, com o qual a legislação dos Estados deve se conformar.

Mas, mesmo não acceitando esse principio, póde-se sempre admittir que a objecção não procede, porque o principio da representação das diversas partes do territorio se acha desta feita opposta a um outro principio não menos necessario, isto é, o **funccionamento** regular da assembléa. Sem duvida, o principio da representação determina a cada um dos seus membros o dever de participar das sessões e si se deseja, mesmo nessas em que se deve discutir os interesses e os factos que lhe não é obrigado a conhecer e a representar; mas, de outro lado, o funccionamento de toda a assembléa não póde depender da vontade de alguns dos seus membros, que se abstêm de comparecer, ou dos impedimentos que podem mantel-os afastados. Si importa ao Estado que todos os interesses sejam representados, importa-lhe principalmente que a assembléa possa regularmente desobrigar-se da sua tarefa; e isso não poderia occorrer si se pretendesse que ás sessões devam estar presentes todos os membros de que ella se compõe.

A assembléa tem, pois, o dever de exercer as suas funcções da maneira a mais regular que seja possivel. A' necessidade que quer a representação de todos os interesses se oppõe uma outra necessidade: o funccionamento regular da assembléa. A vida de uma assembléa não é, pois, possivel, senão sob a condição de que essas duas necessidades possam conciliar-se. A sua conciliação é feita por meio de **quorum**, que, aliás, não se propõe a eliminar a participação de certos membros da obra commum; elle não attende ao dever de participar das sessões, mas, ao mesmo tempo, torna possivel o funccionamento da assembléa. Sem duvida, essa conciliação não se poderia produzir si elle restringisse o dever de participar das sessões; mas esse dever não o restringe, quer porque elle não indica nominalmente as pessoas cuja presença é necessaria, quer porque, estabelecendo o minimo dos presentes, não impede que esse numero possa ser maior do que o fixado. Em sanccionando essa necessidade de facto, deixa subsistir todos os outros factos juridicos, que não estão em connexão directa com esse, ou que não constituem uma consequencia legitima.

Sob esse ponto de vista, o **quorum** recorda uma figura juridica, que apresenta com elle muita analogia, si bem que della difira sob outros pontos; queremos alludir ao principio da maioria nas votações."

A palavra **quorum** é o genitivo do plural do pronome relativo latino **qui, quæ, quod**, o qual, a qual, devendo, pois, ser traduzido, literalmente, por "dos quaes".

Quorum é o numero de membros de uma assembléa necessario á validade dos actos della, é o numero legal para a realização de taes actos. EUGENIO PIERRE, no seu **Tratado de Direito Politico Eleitoral e Parlamentar**, 1908, pagina 1.122, define **quorum** — o numero de membros cujo concurso activo ou passivo é necessario para a validade das deliberações de uma assembléa. MICELLI, na obra já citada, escreveu que "o **quorum**, que na Italia se chama tambem **numero legal**, é o numero dos membros que em cada assembléa se considera como necessario para validar todos os actos dessa assembléa; ou, como diz o sr. PIERRE, no seu **Tratado de direito politico** pagina 974, "representa o numero de membros cujo concurso activo ou passivo é indispensavel para a validade dos votos de uma assembléa". Pode ser necessario, accrescentamos, não apenas para a validade dos votos, mas tambem das discussões. Como não é possivel que todos os membros de que se compõe a assembléa estejam presentes a todas as sessões, torna-se indispensavel fixar o numero minimo dos membros que devem estar presentes, isto é, o numero estrictamente necessario para tornar valida a sessão, tudo o que nella se faz e ahi se delibera". **Quorum** é a totalidade relativa de membros de uma assembléa necessaria á realização de acto seu.

Esta expressão, embora latina, é, com applicação nesse sentido, de proveniencia ingleza. BOUYER, nos seus **Commentarios**, pagina 385, diz que a "palavra **quorum** é proveniente da formula pela qual eram nomeados, na Inglaterra, certos juizes, cuja intervenção era necessaria para a legalidade do processo: **Quorum aliquem vestrum A. B. C. unum esse volumus**". Assim se manifes-

tam, tambem, MANCINI, em **Normas e usos do Parlamento Italiano**, § 155, RACIOPPI e BRUNELLI, **Commentario á Constituição do Reino**, 1909, vol. III, paginas 76 e 77, e MICELLI, obra já citada, que accrescenta: "Segundo o habito inglez de denominar certos actos pelo nome da formula pelo qual elles começam, o **quorum** tornou-se nome dessas regras de possesso e esses juizes são chamados **juizes do quorum**. Em seguida, ella serviu para designar, em geral, o numero de pessoas cuja intervenção é reputada necessaria para a validade de uma sessão". REYNAERT, na **Historia da disciplina parlamentar**, tomo I, pagina 343 e BLACKSTONE, volume I, pagina XXIX, declaram, porém, ser verosimil que este nome, dado ao numero de membros sufficiente para os trabalhos das Camaras, venha de alguma formula relativa aos mesmos, em que ella se encontre inicialmente.

MICELLI observa que "a expressão **quorum** é, em todo o caso, preferivel á **numero legal**, empregada na Italia, pois que ella tem uma significação bem mais precisa e não pode determinar equivocos, e tambem porque ella pode ser adoptada em todas as linguas, como, aliás, de resto, se verifica". Entre nós se denomina ao **quorum** "numero" e, tambem, "casa", reproduzindo a expressão ingleza **house**.

Ensina MICELLI, no seu trabalho ja referido: "O **quorum** pode ser determinado de diversas maneiras e pode, por consequencia, dar logar a diversas distincções. Antes de tudo, elle pode ser unico ou multiplo (um só ou diversos), o que quer dizer que pode haver um **quorum** que serve para todas as operações e para todos os actos da assembléa, ou ainda pode haver **quorums** diversos para os diversos actos do processo parlamentar. Assim, na Camara hungara, ha um **quorum** de 4 para as discussões e um **quorum** de 100 para as deliberações; da mesma forma, no nosso Senado, é necessaria a maioria absoluta para as sessões publicas, ao passo que os tres quintos desse numero bastam para as suas reuniões em commissão".

Pela Constituição da Republica, entre nós, o **quorum** para as deliberações legislativas é variavel: emquanto para as deliberações é necessaria a presença da maioria absoluta dos membros em cada uma das Camaras, para a apurção da eleição presidencial basta "qualquer numero de membros presentes" (artigo 47, § 1°), para o Senado proferir sentença condemnatoria é mistér "dous terços dos membros presentes" (artigo 33, § 20) e para ser considerada a reforma da Constituição é necessaria a presença de pelo menos dous terços dos votos, isto é, dos membros, da totalidade de cada Camara (artigo 90, §§ 1° e 2°).

O **quorum** é, tambem, variavel nos regimentos internos das nossas Camaras. Para abrir a sessão, na Camara dos Deputados, são sufficientes apenas 53 deputados; para deliberar são necessarios 107 deputados; para deliberar sobre inserção em acta de voto de regosijo, ou de pezar, por officio, telegramma, ou por outra qualquer forma escripta, sobre publicação de informações officiaes no **Diario do Congresso**, sobre permissão para falar sentado, sobre prorogação de prazo para a apresentação de parecer ás emendas dos projectos de leis orçamentarias, bastam os deputados que estiverem no recinto, em qualquer numero; para deliberar sobre prorogação da sessão, exigem-se dez deputados.

Pelo ragimento do Senado, o **quorum** para funcionamento do Senado é o de mais da metade da totalidade de senadores, mas "considera-se sufficiente para a verificação de poderes nas sessões preparatorias do primeiro anno da legislatura o numero de 22 senadores, maioria dos dois terços constitucionalmente subsistentes, depois de expirado cada triennio legislativo". Para a abertura das sessões é necessaria apenas a presença de um terço dos Senadores. (artigo 88). Para o recebimento de novo senador não é necessario que haja na casa o numero exigido para deliberar (artigo 28); se fallecer algum senador na Capital Federal, durante a sessão legislativa, o presidente consultará o Senado, que resolverá com qualquer numero, se quer interromper os seus trabalhos nesse dia e nomeará uma commissão de seis membros para acompanhar o prestito funebre (artigo 42); preenchido o tempo da sessão, ou esgotando-se antes a ordem do dia, o Presidente designará a do dia seguinte, que será publicada no jornal da casa, sendo permittida, na primeira hypothese, ao Senador que esiver orando, concluir o seu discurso, ou adiar a conclusão para a sessão seguinte, se nisso convier o Senado, qualquer que seja o numero de Senadores presentes, não sendo permittido segundo adiamento (artigo 98); antes do Presidente dar a ordem do dia, qualquer Senador poderá pedir que prorogue a sessão, indicando o tempo que deverá durar a prorogação; e o Senado decidirá com qualquer numero, independente de discussão, podendo conceder novas prorogações, até esgotar-se a ordem do dia (artigo 99); os requerimentos verbaes independerão de apoiamento e discussão, sendo votados com qualquer numero os que tiverem por fim pedir: publicação, pela imprensa, de informações do Governo, representações, petições e quaesquer documentos, cuja divulgação seja de interesse publico; divisão da discussão e votação, na forma do Regimento; dispensa de impressão e de intersticio da discussão de qualquer projecto de lei ou de resolução; dispensa de qualquer logar da Mesa, ou de Comissão; prorogação da hora do expediente e da sessão, nos casos dos

artigos 98 e 99; levantamento da sessão por motivo de pezar ou de regosijo publico; reclamação da ordem (artigo 134).

Os quorums entre nós são funccionaes, ou deliberantes, sendo os funccionaes iniciaes, e funccionaes, propriamente ditos. E' assim que, na Camara dos Deputados, para inicio dos trabalhos, para a abertura da sessão"; "não havendo numero para as votações, o Presidente annunciará o debate da materia em discussão", qualquer que seja o numero dos presentes, pois que "durante todo o tempo destinado ás votações a nenhum deputado será licito deixar o recinto das sessões" e quando, por motivo de força maior, haja qualquer deputado de se retirar, mesmo por momentos, deverá comunical-o ao Presidente, afim de não ser computado entre os votantes", mas nenhuma disposição identica ha, no mesmo regimento interno, para a retirada dos deputados durante as discussões, ou em qualquer momento em que se não delibere, occorrendo, por isso, muitas vezes, que se iniciem as deliberações com o quorum exigido para esse fim registrado na lista de presença, mas sem a sua existencia de facto, pela retirada de deputados que, tendo comparecido á sessão, della se retiram sem qualquer communicação á mesa. Aliás, a propria disposição regimental que exige a communicação de retirada de deputados durante as deliberações é letra morta, na pratica, só se assignalando a falta de quorum pelo requerimento de verificação de votação.

O quorum deliberante, na Camara dos Deputados, varia de qualquer numero a dois terços dos votos: assim, para a votação de determinados requerimentos, não é mistér quorum, pois que a mesma se faz com qualquer numero; para se votar requerimento de prorogação de sessão o quorum regimental é de 10 deputados; "para as deliberações relativas aos pareceres unanimes, que não soffrem discussão", nas sessões preparatorias do inicio de legislatura, são necessarios 42 deliberantes, "candidatos, diplomados, ou já reconhecidos"; para as deliberações, de modo geral, de accordo com o artigo 18 da Constituição, são necessarios 107 deputados, sendo necessarios 107 deliberantes para, nas sessõs preparatorias de inicio de legislatura, votar "os pareceres com voto em separado" ou os pareceres unanimes "sobre o reconhecimento de todos os candidatos por um districto eleitoral que não houverem sido diplomados"; para as deliberações sobre proposta de reforma da Constituição da Republica é mistér a presença de, pelo menos, dois terços dos votos, ou seja, de 142 deputados.

Tambem no Senado, como verificamos ao enumerar os seus quorums variaveis, esses são funccionaes e deliberantes.

Nas questões de ordem, ou de economia interna do Senado, o seu Regimento Interno permitte, em varios casos, deliberações com qualquer numero, após haver sido obedecida a exigencia de quorum para o inicio dos trabalhos (arts. 8, 28, 42, 98, 99 e 134). Não são deliberações legislativas sobre as proposições sujeitas ao voto das duas casas e á sancção, mas sobre o modo de deliberar, sobre questões de ordem e sobre economia interna.

O paragrapho unico do artigo 8º do Regimento Interno do Senado considera sufficiente para a verificação de poderes nas sessões preparatorias do primeiro anno da legislatura o numero de 22. Senadores, maioria dos dois terços constitucionalmente subsistentes, depois de expirado cada triennio legislativo.

Esta disposição foi incluida no Regimento, por indicação de 2 de março de 1894, porque, nesse anno, com a renovação do terço, achou-se o Senado na situação de não poder funcionar, á vista das vagas outras existentes além daquellas que occorriam em consequencia do § 5º do art. 1º das Disposições transitorias da Constituição da Republica.

Suscitaram-se, então, dois alvitres: o de proceder-se á verificação de poderes dos candidatos não contestados com qualquer numero, ou o de considerar-se a maioria absoluta dos membros do Senado em relação aos dois terços (42) existentes, constitucionalmente, com a renovação do terço.

Prevaleceu a segunda suggestão, de accordo, aliás, com a tradição. De facto, no Senado imperial, pelo artigo 23 da Constituição, o quorum necessario para a abertura da sessão era o de metade e mais um dos respectivos membros. Tendo-se agitado, de uma feita, a questão de saber si esse quorum devia ser computado em relação ao numero de senadores de que se devia compor o Senado, ou em relação ao numero de que se compunha de facto, isto é, ao numero dos eleitos, reconhecidos e empossados, resolveu-se, conforme parecer da Commissão de Constituição, annexo ao relatorio da Mesa, em 1869, parecer esse subscripto pelo Barão de Cotegipe, Visconde de Sapucahy e Conselheiro Silveira da Motta, que o segundo criterio devia ser obedecido.

A rigor, as deliberações com qualquer numero só deveriam ser tomadas si reunissem a seu favor os votos de vinte e sete deputados ou de onze senadores, isto é, da maioria dos deputados e dos senadores necessarios para o inicio dos trabalhos das respectivas Camaras.

(Continúa)

Nestor Massena

IGNACIO GOMES, PROFISSIONAL DO EGOISMO

— Participo-te o meu contracto de casamento.

Ignacio esboçou um vago sorriso e falou com pena:

— Parabens...

Aquelle sorriso feriu-me. Os parabens, na bocca ironica de Ignacio, esbatidos numa reticiencia, magoaram-me. O que o Rio fizera de Ignacio!

Quasi todas as noites eu encontrava ali, naquelle bar, Ignacio Gomes, medico, rico, inutil diletante da sciencia, diletante das mulheres, diletante da vida em geral. Sua companhia só me era agradavel por um quarto de hora — o quarto de hora do chôpe, ás onze e meia.

Nesse tempo eu estava namorando Carlotinha Novaes. Tendo-a pedido agora, marcara o casamento para dezembro. Iriamos passar a lua de mel em Buenos Aires. Depois dariamos provavelmente um pulo aos Estados Unidos, etc. etc..

— E' idiota esse teu sorriso!

Então Ignacio abriu a bocca enorme numa gargalhada, achando ridicula a minha sensibilidade.

Dessa noite em diante evitei-o. No entanto, Ignacio descobria-me e carregava-me para o bar. Divertia-se com o espectaculo do meu sincero amor.

Eu achava em Ignacio Gomes o encanto das coisas detestadas. Elle encarnava aos meus olhos o torpe egoismo dos falhados do sentimento. A sua fortuna nunca aproveitou a ninguem. Nem a sua intelligencia. Nem a sua alma. Fazia viagens curtas á Europa com orçamentos minuciosos. (Sabia dos hoteis, onde se pagava um franco de menos na diaria). Possuia livros optimos nos quaes ninguem punha as mãos. Separava, todos os mezes, "uma verba de duzentos mil reis para o amor."

— Eu amo a preços modicos — accrescentava.

E, ainda por economia, morava com uns tios riquissimos, dos quaes esperava herdar.

Diante delle eu pensava, involuntariamente, em tantos homens, que, não sendo ricos, nem tendo cultura, movimentam as forças sociaes, para o proveito de todos. Por exemplo, o criado que nos servia o chôpe estava destinado a ser um delles. Uma vez nos confiou que estava juntando dinheiro para montar uma padaria no Meyer. Quantas consequencias uteis não adviriam disso!

Ignacio, no entanto, era egocentrico. Si eu precisasse de dez mil reis... Ora, não ha a menor duvida: o criado é quem m'os emprestaria.

Pois, em conclusão, eu é quem pagava o chôpe todas as noites.

E' logico: Ignacio tinha horror ao casamento.

— Meu ideal é ser eternamente solteirão. E' delicioso chegar á noite em casa, tomar um banho morno, vestir um pyjama e ler os jornaes, sósinho, quieto, numa larga cama, sem uma mulher que incommode, que faça queixas, que peça dinheiro para o dia seguinte.

Não lhe falassem do carinho de uma creatura constante. Elle aborrecia-se com a perspectiva da constancia...

Defendia idéas estupidas e canalhas.

— A mulher, numa sociedade ideal, deve ter por funcção dar filhos ao Estado. O Estado manterá as mulheres fecundas. As que forem estereis terão outra funcção. Funcção ainda mais importante!

Tenho lido e escutado muita coisa imbecil a respeito da mulher. E' mesmo um dos assumptos predilectos dos chamados "homens de pensamento". A mulher é isto, a mulher é aquillo... Não sei si é porque não sou homem de pensamento, o caso é que nunca me occorreu nenhum conceito generico sobre ella. Diante de uma mulher eu sinto, sinto apenas, não penso. E sinto sympathia, ou desejo, ou veneração, ou indifferença. Minha pobreza mental não me permitte o vôo luminoso das reflexões. Essa mediocridade, porém, me põe ao abrigo de philosophar, ou de propôr systemas sociaes.

Creio, tambem, que é porque as mulheres têm tomado muito o meu tempo que ainda não me sobraram vagares para pensar nellas.

*
* *

Não me casei em dezembro.

E o apparecimento de Sonia Marozoff, dactylographa russa, foi um capitulo novo da minha existencia de pequeno engenheiro.

Eu fôra convidado para trabalhar numa estrada de ferro no sertão da Parahyba e Carlotinha Novaes, que é muito elegante, achara o sertão de Parahyba desagradavel para a sua pessoa morar.

Ahi surgiu Sonia Marozoff, bella e fatal. Exactamente como as russas de romance. Surgiu e absorveu-me.

Ao contrario de Carlotinha, Sonia sonhava com o sertão de Parahyba. Queria ir commigo. Tinha a avidez do desconhecido. Imaginava que veria tigres, leões e elephantes. E eu era obrigado a reduzir os seus sonhos ás modestas proporções de uma onça pintada.

Sonia Marozoff era deliciosa para um engenhei-

ro no começo da carreira. Tinha a coragem do sertão.

Não era possivel outra consequencia: mandei uma carta a Carlotinha Novaes, explicando as incompatibilidades presentes e irremoviveis das nossas pessoas: ella, tão carioca, tão adoravelmente elegante: eu, na iminencia de desterrar-me num matto longinquo do Nordeste, homem do pesado...

Dias antes de embarcar encontrei Ignacio.

— Participo-te que desmanchei o casamento.

Pensei que fosse abraçar-me por aquelle acto que, na apparencia, me incorporava, derrotado ás suas idéas.

Apenas sorriu com um leve desdem.

— Não importa. Você não escapará. Nasceu para o casamento.

Irritei-me, no intimo. CMomo que elle adivinhava a idéa que começava a trabalhar-me no cerebro!

De facto, não posso comprehender a vida de um homem sem a dedicação systematica da mulher amada. Entretanto, elle dizia: "para o casamento" como si a tendencia honesta para a vida conjugal representasse uma inferioridade humilhante.

Ignacio Gomes possuia-me. Parecia saber do meu segredo. Sim, eu estava tonto, ebrio de Sonia Marozoff. Não podia mais comprehender a existencia sem ella. Dahi ao casamento era um passo...

Nessa noite a linha que me separava de Ignacio vincou-se mais. O homem que desvendou o mysterio da nossa alma é nosso inimigo. Porque é um perigo... Não podemos illudil-o. E não toleramos não poder illudir alguem.

Ignacio contou á minha indifferença os seus novos projectos. Deixara a casa dos tios que, ultimamente, lhe censuravam as extravagancias. Comprara um bangalô em Copacabana, pequeno e confortavel. Installara alli os seus livros, as suas poltronas de couro e uma velha allemã para o governo da casa. Estava, agora, perfeitamente, á vontade. Como era agradavel a vida!

Sonia Marozoff foi commigo para a Parahyba, indifferente ás ultrajantes e descaradas propostas que lhe vinha fazendo, por carta, um sujeito que parecia ser rico proprietaio de um cinematographo.

Sonia tinha no sangue a aventura. E era honesta, ainda que tanta gente, da raça numerosa dos Ignacio Gomes, não possa conceber a honestidade numa dactylographa russa.

*
* *

Não ficamos ricos como esperavamos. Apenas, após dois annos de construcção de caminhos de ferro, sem caçadas de onça nem proezas, regressámos ao Rio, com Casimiro Nicolau nos braços, coradinho e gordo, alimentado pela têta slava de Sonia, minha mulher.

Eu viera principalmente tentado pelo offerecimento de montar uma usina electrica no Paraná. Acenavam-me com um contracto excellente.

De novo no Rio, verifiquei quanto estava mudado. Sim, eu nascera mesmo para o casamento. Não senti mais a tentação da vadiagem nocturna...

Não obstante, uma noite deixei-me levar pelo desejo de uma meia hora de musica e chôpe até o velho bar do antigo habito.

E Ignacio Gomes ali estava, no mesmo lugar, com o mesmo jornal aberto diante dos olhos, com o mesmo chapeo e a mesma bengala atirados á mesma mesa.

Não demonstrou o minimo espanto. Nem pelo meu bigode crescido ao sol do sertão. Como si me houvesse deixado na vespera.

Fez-me um aceno para que occupasse a cadeira vazia a seu lado.

E sentei-me.

*
* *

Aventura de um patifão. Ignacio confessou com simplicidade, quasi com candura, que de facto não se podia conceber maior canalhismo que o seu.

A moça era viuva. Todas as manhãs Ignacio sahia de casa para ir á cidade, onde costumava almoçar, por não ter outra coisa que fazer... (Ignacio tinha um consultorio, onde não appareciam clientes, á rua da Assembléa. A' porta havia uma placa: "Dr. Ignacio Gomes — Medico". A funcção unica desse consultorio resumia-se na unica funcção de um divan.) Ao ver aquelle senhor de apparencia seria, sempre bem vestido, com uma obesidade prospera esticando-lhe o paletó, seu coração de viuva tinha um doce pulsar.

Em summa, Ignacio Gomes seduziu-a. Seduziu-a pela seriedade, pela compostura, pelos sonhos honestos que a sua pessoa inspirava á viuva.

A viuva morava com o pae e uma irmã casada, mais moça. Tiveram que usar de muita decencia, no namoro, para evitar más interpretações.

Um dia, no consultorio, Miloca surgiu acabrunhada:

— Ignacio, estou gravida.

Ignacio, refestelado no divan, sentiu um susto frio. Seria possivel? Então, um odio cresceu nelle contra a fecundidade inopportuna de Miloca. Elle, um homem que amava a liberdade, pai! Pai! Accusava Miloca de uma traição.

— Você é a culpada! Você mesmo quiz o filho para me prender! Mas é trabalho perdido. Sou inimigo do casamento!

Levantou-se agitado, indo de um extremo a outro da sala.

Então Miloca, muito vermelha de vergonha,

cahiu chorando numa cadeira e falou entre soluços:

— Pois... pois eu vou mostrar a você... a você... que não fui eu que quiz... Eu vou abortar... Eu vou a uma... a uma parteira...

Ignacio Gomes parou abalado. O ultimo numero do "Mundo Medico" trouxera um artigo seu sobre os profissionaes do aborto provocado. Elle fazia um erudito estudo comparativo... Falava da Inglaterra, da Allemanha, da Italia, da Russia, da França, da Hespanha, de Portugal, mencionando casos, providencias de governos e a guerra movida aos assassinos. Acabava chamando a attenção do Congresso Nacional, com emphase.

Estava aterrado. Miloca sacudia-se em soluços desesperados.

— Vou sim... Hei de mostrar a você que sou sincera... Não quero o seu mal...

Ignacio Gomes deu-se por vencido; não havia outro meio de escapar á situação senão o aborto.

Teve repugnancia de matar o filho... (E Ignacio confessava essa repugnancia meio envergonhado de sentil-a. Para elle um homem forte não tem repugnancias.)

Resolveram ir a uma parteira que a policia ameaçara prender, dias antes, invadindo-lhe a casa. Pela reportagem dos jornaes tinham ficado sabendo do endereço della.

Miloca sahiu de lá, de taxi, para a sua casa de Copacabana. No dia seguinte estava morrendo.

A irmã de Miloca mandou a criada, de manhã cedo, bater á porta de Ignacio. Que elle fosse depressa.

Miloca estava com febre algida. A infecção processava-se, violenta.

O celebre professor Bertholdo, que Ignacio chamou, teve uma opinião vaga. Sacudiu a cabeça, com duvida.

A familia, em circulo, palpitava de angustia, com os olhos nelle. Sacudiu a cabeça outra vez... Era preciso esperar.

Vendo que Miloca morria, Ignacio Gomes, agoniado pelo terror da denuncia in extremis, reuniu a familia toda e prometteu, solemnemente, que si Miloca se salvasse casaria com ella. O pai, velho e silencioso, approvou com uma inclinação da testa. A irmã chorava de pena e chorava de ternura, vendo que si Deus quizesse, um futuro bonito se abria para Miloca... O cunhado, o funccionario da Prefeitura, desconfiara daquella molestia subita e nada dizia.

Por desencargo de consciencia, Ignacio foi buscar outro collega. Esse era um companheiro de turma, bonacheirão, sem nome scientifico, que exercia clinica nos suburbios. Ignacio confiava em que, morrendo Miloca, como era fatal, elle lhe passasse o attestado de obito, silenciando sobre o crime.

O collega foi. Viu Miloca, examinou-a cinco minutos e receitou. Sahiu logo. Tinha ainda que ver uma pobre mulher em Cascadura.

Um mez depois o celebre professor Bertholdo, ao tomar um bonde, abriu os olhos de espanto:

— Bôa tarde, minha senhora!

Miloca ia tranquillamente para a cidade, saudavel e risonha.

*
* *

Habituado á formosa subtileza dos raciocinios, Ignacio, na afflicção mais lamentavel, resumia para si mesmo o caso:

— Quero casar? Não. Devo casar? Sim. Logo, casarei.

E poz-se a frequentar cabarés, para aturdir-se. Mas a questão o atormentava:

— Não quero. Si não quero, não caso. Porém, devo. Si devo, caso.

Miloca era uma moça modesta, viuva de um relojoeiro fallido. Não tinha instrucção, nem horizontes. Seria um horror a vida em commum com ella — Ignacio pensava. Não estava á altura de sua vasta bibliotheca. Ignacio Gomes soffria.

Amarante, que tinha uma pharmacia na rua Nossa Senhora de Copacabana, salvou-o.

Era tambem solteirão. Todos gostavam delle no bairro, porque dava remedio aos pobres e attendia os ricos com uns modo amaveis. Tinha os seus quarenta annos e no bairro vivia ha mais de dez.

Na sua crise de consciencia, Ignacio abriu-se com Amarante. Contou-lhe, muito em segredo, a ligação com a viuva, o aborto, a infecção, a promessa sagrada diante da familia e o arrependimento dessa promessa...

Amarante apenas sorriu, e disse:

— Não case.

— Que? não casar? Mas a sua promessa solemne ante a familia reunida, na hora dramatica em que Miloca parecia não escapar?

Amarante tornou a sorrir:

— Não case.

— Isso queria eu. Mas como? Qual o meio de fugir?

— O senhor ama essa moça?

— Ora, seu Amarante, que pergunta! Foi uma ligação de acaso. Dessas coisas...

— Então não case.

E, confidencialmente, accrescentou:

— O senhor não foi o seu primeiro amante.

Ignacio teve um choque. Elle desconfiava disso, porque no bairro falava-se da moça; mas ninguem apontava factos concretos. E a sua vaidade queria que elle fosse o primeiro...

Não quiz dar-se por trahido diante de pharmaceutico:

— Eu sabia, seu Amarante. Eu sabia, porque ouvi um falatorio a respeito della. Mas desde que

prometti, a questão não é saber si ella é honesta ou não.

Então Amarante, para cortar cerce o caso, poz a mão no hombro de Ignacio e revelou:

— O primeiro amante de Miloca fui eu. O segundo, o Peres, da venda.

Ignacio olhou fixo para Amarante: era calvo, balofo, pallido, com a cara toda raspada, á feição de uma conego. Tinha gestos amollecidos, um todo vago de doente. Cheirava a medicamentos. Miloca pertencera aos braços de Amarante! E depois, ao Peres, da venda!

Agradeceu seccamente e sahiu rapido.

Mandou a allemã á casa de Miloca: ella fosse a cidade immediatamente; assumpto grave.

No consultorio, uma hora depois, Miloca perguntava afflicta, atirando o chapéo sobre a mesa:

— Que foi que aconteceu, Ignacio?

Torvo, elle foi logo ao ámago:

— Miloca, não casarei com você.

O abalo de Miloca!

— Não casarei. Quando empenhei a minha palavra, julguei que você tivesse um passado honesto.

Miloca estava pallida. Olhou para elle com desespero e perguntou:

— E eu não tenho um passado honesto?

Ignacio Gomes matou a discussão:

— Miloca, o Amarante da pharmacia foi seu amigo. E depois delle o Peres!

Micola rolou no chão com um ataque.

*
* *

Elle tinha influencia na Saude Publica e na Policia e deu em perseguir Amarante. Perseguição insidiosa, constante e fatal. Por quê? Não sabia. Embirrara.

Denunciado por diversas vezes, Amarante gastou dinheiro com os processos. A policia quasi o levou á cadeia como vendedor de toxicos a viciados.

Amarante estava acabrunhado. O bairro era solidario com elle, sabia-se que tudo era obra diabolica de Ignacio. Fizeram um abaixo assignado ao presidente da Republica.

Em todo caso, Amarante acabou fallindo e desappareceu.

A revolta contra Ignacio foi tumultuosa. Quando elle passava, serio, gordo, com o seu maço de jornaes debaixo do braço, batiam-lhe com janellas. Uma portugueza lavadeira atirou-lhe uma vez com esta:

— Olha o coisa átoa!

Ignacio alugou o bangalô a uns inglezes e passou de novo para a casa dos tios.

A viuva, com o resto da familia, mudara-se para Villa Isabel, desde o rompimento.

*
* *

Eu olhava Ignacio sem pestanejar, com uma serenidade absoluta. Aquelle torpe egoismo produzira a sua mais linda flor: uma canalhada embrulhadissima e monstruosa. Como elle se sentia bem com essa obra!

— O que não comprehendo, até hoje, é por quê persegui o pharmaceutico. Você comprehende, aquelle homem salvou-me, foi meu amigo. Devo-lhe, indiscutivelmente, uma enorme obrigação. Deu-me coragem para reagir, No entanto, levei-o á fallencia, expulsei-o do bairro, naturalmente da cidade, provavelmente do paiz. Desgostei-o com a vida. Talvez se tenha suicidado.

Bebeu longamente o chôpe. Puxou do bolso uma carta e deu-m'a. Li: "Ignacinho. Não posso passar sem ti. Soffri muito, mas perdoo. Não posso esquecer-te Miloca".

Teve um risinho vaidoso e sardonico:

— Não se pode ser bonito!

E' verdade — assenti com indifferença.

Puxei do relogio: meia noite! Pobre sonia... E o menino que estava um pouco doente... talvez começo de sarampo...

Como eu me levantasse, elle protestou:

— E' cedo. Conta agora alguma coisa da Parahyba.

Insisti. De pé, arrumando o chapéo na cabeça, respondi com calma:

— Não tenho nenhuma novidade para contar.

Elle queria que eu falasse, que o distrahisse.

— E aquella tua ex-noiva? Fizeste as pazes com ella? On revient toujours...

— Não, não fiz.

— Mas espera, homem! Por força has de ter alguma coisa interessante para dizer. Que tal é essa Parahyba?

— Não vale nada.

— E as parahybanas?

— Tambem.

— Ora, impossivel que não trouxesses de lá alguma paixão! Talvez até te hajas casado!

Queria saber muita coisa. Desta vez, encontrou-me fechado.

— Qual! O teu fim é mesmo o casamento!

— Talvez. Boa noite!

E sahi.

Seria sarampo? Casimiro Nicolao proccupava-me.

(Do livro: "Bahianinha e outras mulheres".

Ribeiro Couto.

THEATRO E MUSICA

Choradeira sem proprosito

O que eu escrevi aqui acêrca da influência do cinema e do café-concerto sobre o teatro contemporaneo vi depois de escrito contestado por Benjamin Crémieux e Max Reinhardt. Um e outro põem as mãos na cabeça e choram sentidamente e antecipadamente a morte do teatro provocada pelo cinema e pelo café-concerto. Desespero e lágrimas inúteis. O teatro não morrerá. Não tenham medo não.

* * *

A argumentação de Benjamin Crémieux (**La Nouvelle Revue Française**) é inteligente. Também sutilissima. A' primeira vista impressiona bastante. Mas não dá para convencer.

O homem começa por censurar os dramaturgos modernos de se afastarem da noção de teatro puro a exemplo dos do seculo XIX e ao contrário dos do XVII. Faz uma distinção entre teatro puro e teatro-espectaculo, entre expressão e representação. Acha que o drama de hoje é mais espectaculoso do que teatral, mais representativo do que expressionista. Em grande parte culpa dêsse mal o cinema e o café-concerto. E pensa mesmo que o espectáculo acabará destruindo o teatro.

Vamos com calma.

A noção de teatro puro é idealistica. Ninguêm a atingiu e ninguêm conseguirá atingi-la nunca. E' impossivel de alcançar. Mais ainda do que a de música pura ou poesia pura. Bem sei que nem por isso se deve despreza-la. Não. E' preciso te-la em vista. No que eu não concordo com Benjamin Crémieux é na afirmação de que a literatura dramática de hoje vira as costas a essa **verdade elementar, fundamental.** Não é exacto. O traductor de Piarndello considera tão sómente a adaptação ao teatro da técnica cinemática (um dos aspectos do problema) e a isso atribue por exemplo a aparição da Morte em trajes de cirurgiã no **Orphée** de Cocteau. Não sei porque. O que Cocteau fez não é diverso do que os clássicos do século XVII fizeram tantas vezes. Abusando até. A aparição da Morte no **Orphée** não difere da do fantasma paterno no **Hamlet** ou do espéctro feminino no **Don Juan ou Le festin de pierre.** Em nada absolutamente. E então? Shakespeare e Moliére não são os grandes do teatro puro? A que influência êles obedeceram? Francamente.

Poder-se-á objectar que as aparições do teatro clássico são resultado de um delírio, são visões de espiritos possuidos de remorso ou inquietação, visões provenientes do estado emotivo extraordinariamente intenso. Não ha du'vida. Mas que mal existe em traduzir essas mesmas visões aplicando recursos plásticos diferentes desde que não se desvirtuam o espirito e a intenção teatrais delas? E ainda que não sejam visões ou delírios mas simples evocações a objectivar nenhum atentado se comete contra a noção do teatro puro aplicando fórmulas transpostas do cinema.

Mesmo porque não há ramo de arte que tenha vida completamente independente. O teatro sobretudo nunca poderá dispensar a contribuição de outras artes. A preponderancia na fusão de certos elementos sobre outros ou melhor o espírito que preside a essa fusão é que dá o carácter. Assim como a cena nunca poude prescindir da pintura e da arquitetura, não deve hoje recusar a colaboração utilíssima do cinematógrafo, do seus meios formidaveis de expressão. Êstes são para ela mais um factor de riqueza que seria um crime desprezar. O cinematógrafo dá ao teatro o poder de evocação de que êste carece. Faz-lhe um bem portanto.

Os caminhos que conduzem ao teatro puro não poderão ser os mesmos em todos os tempos. Shakespeare se vivesse hoje faria

teatro á maneira de hoje. Cousa tão evidente que até parece chatice. Ou é uma. Não importa.

A verdade é que o teatro nem por se deixar influenciar pelo cinema e pelo café-concerto perde sua substância. Basta que absorção seja completa. Está visto. Moliére encheu suas comedias de intermédios dançantes absolutamente estranhos ao tema delas. Fez cousa ainda mais censuravel portanto. Apesar disso sua obra é dramática, unicamente dramática, inconfundivelmente dramática. Não creio Benjamin Crémieux capaz de afirmar que **Le bourgeois gentilhomme** por exempio seja uma peça de simples espectáculo. Muito embora cheia de bailados nem sempre justificados pela acção é teatro e do melhor teatro. Ai é que está.

Para demonstrar a possibilidade do desaparecimento da literatura dramática, Benjamin Crémieux lembra o que aconteceu com o poema épico hoje completamente ou quási que completamente esquecido. Sim. Sem dúvida. O poema épico morreu. Mas a poesia morreu? Pois é o que se dá com o teatro. Porque não é mais possivel hoje que alguem se abalance a escrever uma tragédia esquiliana não se póde garantir que o teatro está moribundo. Que é que tem uma cousa com outra? A morte de uma espécie não póde acarretar a do gênero a que pertence. Se ela morre é porque está podre. E o seu desaparecimento é até necessario.

Frizando a distinção entre teatro puro e teatro-espectácuo diz Crémieux que enquanto êste é uma mistura de gêneros e técnicas aquêle tem uma técnica própria que lhe basta. Está certo. E é por isso que se torna imprescindivel a absorção de que já falei. Deus me livre de ver o teatro aplicando sem modificar em nada a técnica peculiar ao cinema ou ao café-concerto. Então sim ele deixaria de ser teatro. Mas a adaptação inteligente evitará êsse perigo. E o que póde ser um mal se feito sem talento reverte num bem se êsse talento não falta.

E' ao seculo XIX que o cronista da **La Nouvelle Revue Française** atribue a crise actual do teatro por ter êle **favorecido os quadros em detrimento dos actos, fazendo do teatro uma sucessão de figurações estáticas quando ele não é senão movimento.** Isso é que não está certo. A decadência do drama dos principios dêste século é culpa sim do XIX. Mas não pelo motivo que Crémieux quer. A mania dos quadros vivos, das fatias de vida só apareceu com o Teatro Livre. O teatro romantico em suas várias fases nunca se preocupou com isso. Seu erro foi abusar do teatral. Foi se alimentar exclusivamente de teatralidade desprezando a vida. Foi o seu delirio do extraordinário, do sublime, do patético, do pomposo, do esmectaculoso em suma. Quando como acentua Unamuno, o que a gente quer são dramas **não teatrais** E prosegue com toda a razão: **não deve extranhar a ninguem que se sustente precise o teatro renunciar ao teatral para se nutrir do que está fóra dêle. Que não se diga ao ver um drama: Isso só acontece no palco!** Por êsse exagero de teatralidade é que o drama do século XIX se tornou nefasto ao do XX. Mais nada.

Depois a divisão em quadros só é condenavel quando não há identidade espiritual e material entre êles. Sem essa identidade os actos tambêm são falhos. Cada um passa a constituir uma péça á parte. No drama histórico, principalmente no drama ciclico de uma existencia ou de um acontecimento a divisão em quadros é até uma necessidade. **Julius Cæsar** é um exemplo antigo. **Joana d'Arc é** um exemplo moderno. Só que o que no drama de Shakespeare se chama cena, no de Shaw se chama quadro. Questão de nome unicamente.

A regra clássica da unidade de acção e de ambiente tão visivel em Racine sobretudo, pode ser aplicada com a divisão em quadros. Nada impede.

E ao contrário do que pretende Crémieux a mania que êle censura não é assim tão mania. Nem todos os dramaturgos de hoje aboliram os actos de suas peças. E eu não sei de autor do século XVII que tenha conseguido tamanha unidade de acção e de ambiente como Pirandello conseguiu em **Sei**

personaggi in cerca d'autore. Não sei mesmo.

O facto é que uma peça póde ser classificada de teatro puro seja dividida em actos ou em quadros. Basta que possua a expressão dinâmica de sentimentos de que fala Crémieux. A representação estática de épocas ou acontecimentos pode ser resumida num quadro como pode tomar um acto inteiro. O mal está nela. Não na fórma de sua realização cênica.

A argumentação de Benjamin Crémieux portanto não procede. O teatro nunca será suplantado pelo cinema ou pelo café-concerto. No gôsto pu'blico talvez já o esteja. Mas isso de gôsto publico em matéria de arte não vale um niquel. E é cousa de que não se cogita aqui.

* * *

Na conversa que teve com Joseph Chapiro e que êste reproduziu no Comœdia o enorme Max Reinhardt confessa o mesmo receio de Benjamin Crémieux. Acha possivel o desaparecimento do teatro por dois motivos: um de ordem econômica, outro de ordem artistica.

Diz Reinhardt falando como empresário que não ha director de teatro que consiga hoje em dia reter na cena os seus actores por não poder pagar os mesmos ordenados fabulosos da Paramount ou da Universal. As fábricas cinematográficas chamam a si todos os valores reais do teatro.

Argumento intereseiro de homem de negócios que vê êstes mal parados. A crise que maltrata o teatro como casa de diversão maltrata nêstes tempos bicudos toda a gente e todas as cousas. Passará fatalmente. Não tem causas permanentes. E há mil modos de atenuá-la. Além disso ella não é assim tão grande como pretendem. Não há mês que não se inaugure na Europa um novo teatro que é quási sempre um teatro novo. Quer dizer: de novos. E a renda dos teatros parisienses foi no anno passado formidável. Quem vai ao cinema nem por isso deixa de ir tambem ao teatro. Os prazeres que êste e aquêle proporcionam são tão diferentes que um não substitue o outro.

O argumento de ordem artistica tambêm não tem importancia, para Reinhardt **se um dia vier ao mundo um Shakespeare do cinema, se o cinema conseguir criar impressões duradouras não sómente devido á arte dos grandes artistas mas tambêm pelo tema, pela fábula mesma da acção, o teatro como o conhecemos hoje provavelmente terá desaparecido**

Se Reinhardt quer dizer com isso que o teatro conservando-se alheio ás inovações que o momento lhe irá impondo sucessivamente, permanecendo estagnado, apegado a uma tradição intoleravel para os espiritos modernos, terá forçosamente de desaparecer êle está com razão. E' fatal. Quem pára corre perigo de ser atropelado e esmagado. Quem não se renova cai em decrepitude. E o teatro assim não morrerá vitima do triunfo do cinema. Nada disso. Morrerá por sua própria culpa. Não sob a pressão de uma concurrência mais poderosa. Mas de um mal orgânico interior.

Do contrário está errado. Porque, é bom repetir, o cinema em sua essência nada tem a ver com o teatro. Se ambos convergem num mesmo ponto idéal (e há quem o conteste) fazem-no de modo absolutamente diverso. Diferem grandemente na formalização. Por isso mesmo, por ser incontestavel como sustenta Marcel l'Herbier que o cinematógrafo luta contra a Arte é absurdo afirmar que no dia em que o cinema alcançar notável perfeição artistica êle poderá ser considerado **uma continuação lógica da arte dramática — a borboleta seguindo-se á larva.** Asneira tão formidável que eu creio até que seja de Chapiro e não de Reinhardt.

* * *

Nada pois justifica êsse pessimismo. Estão sendo muito mal empregadas essas novenas para alcançar o restabelecimento de uma saúde que está intácta. O teatro viverá. Nunca se mostrou tão ansioso de viver

como hoje. Está mesmo rejuvenescendo a olhos vistos.

Para os que lhe choram antecipadamente e sem razão a morte êle poderá repetir aquelas palavras saborosas de Mário de Andrade: **Estou convencido que cumpro o destino que deviam ter meu corpo em sua transformação, minha alma em sua finalidade. E passo bem, muito obrigado**

E' isso mesmo. Para longe o agouro.

S. Paulo, setembro de 1926

António de Alcantara Machado.

Concerto Germana Bittencourt

Mlle. Germana Bittencourt realiza no proximo dia 7 de outubro, ás 4.30, no Casino do Passeio Público, um recital que promete ser interessantissimo, não só pelos dotes pessoaes da cantora que ela é, como pela escolha do programma, todo êle consagrado á musica brasileira. Assim é que ouviremos duas harmonizações de temas indios: **Caninde-Iune Sabá**, fusão de dois temas indigenas colhidos por Jean de Léry no ano de 1556, e **Teira**, tema pareci fonogramado pelo sabio Roquette Pinto em 1912, ambas melodias formidaveis de melancolia barbara. Vem depois a musica negra representada por dois temas religiosos de macumba: o já famoso **Macumbêbê** e **Papai Curumiassu**.

A seguir **Jangada** de Nepomuceno e **Aos Sinos** de H. Oswald. As duas melhores coisas de Francisco Braga para canto: **Virgens Mortas** e o delicioso **Gavião de Penacho**. A 2ª parte é toda do grande Villa-Lobos, de quem ouviremos em primeira audição a série das **Serestas**, nove melodias sobre versos dos nossos poetas Ronald, Alvaro Moreyra, Ribeiro Couto, Carlos Drummond, Dante Milano, Guilherme de Almeida e Manuel Bandeira. Estas **Serestas** vão revelar um novo aspecto da personalidade genial de Villa-Lobos, embevecendo a gente pela simplicidade e ternura brasileira da melodia, êle que já surpreendera o dificil Boris de Schloezer pela riqueza espantosa de ritmos e combinações de timbres.

Pela primeira vez aparece num programa o nome de Jayme Ovalle, figura tão conhecida e tão querida em nosso meio musical. Dele ouviremos duas melodias sobre versos de Olegario Mariano: **Zé Reimundo** e **Caboclinho**.

Fecha o concerto Luciano Gallet com três harmonisações de **Tutu marambá**, do **Bambalêlê** e da modinha carioca **Foi numa noite calmosa**... Uma delicia, sobretudo esta ultima, capaz de resuscitar mesmo num dia de chuva o luar assassinado pelos futuristas.

Em suma — um concerto em que haverá 19 numeros de musica brasileira em primeira audição! Mme. Villa-Lobos prestará concurso a Mlle. Germana Bittencourt, acompanhando as peças de seu esposo. — **M. B.**

LITERATURA

MARIO DE ANDRADE — "O Losango Cáqui"" — Casa editora A. Tisi — S. Paulo, 1926.

Na veste de Arlequim cada losango tem a sua côr. Cáqui foi a côr de um mez de exercicios militares na vida do poeta:

Afinal
Este mês de exercicios militares:
Losango Cáqui em minha vida.
...Arlequinal...

Como se vê, aparece ainda neste livro o adjectivo-refrão de "Paulicéa Desvairada". Mas aparece como resonancia de harmônico, recordação já quási sorrindo dolorosa da crise de amargura e escárneo

Todavia o cáqui deste Losango não guardou quo explodiu naquela obra.
toda a sua pureza de côr. Tem vezes que, mesmo sem fechar os olhos, a gente só vê a côr complementar. A côr complementar do cáqui dos exercicios militares foi no caso o ruivo duns cabelos fogaréu:

Esse logar-comum inesperado: Amor.

Este sorteado preferia ao "olhar altivo para frente!" da escola o olhar quebrado do seu amor. A aventura da emboaba tordilha nos valeu um madrigal que é uma delicia. Madrigal não! Madrigal é coisa das bandas de além e dos tempos de antanho. Brasileiro da gema diz louvação. A **Louvação da Emboaba tordilha.** Que gostosura de agrado! Parece uma serestazinha para adormecer boneca:

Eu irei na Inglaterra
E direi pra todas as moças da Inglaterra
Que não careço delas
Porquê te possuo.
. . . . . .

As manobras militares duraram um mês. O

logar-comum inesperado também, segundo se depreende de certas reflexões desencantadas com que o poeta corrige as miragens do primeiro embevecimento. Pudera! Logo no começo dos exercicios o amante se apresenta uma manhãzinha fardado no quarto do dormir da preguiçosa. Ela riu, bateu palmas, beijou-o. O soldado teve uma decepção e ficou triste. Quem ama, apreende:

Quando a primeira vez apareci fardado,
Duas lagrimas ariscas nos olhos de minha mãe...

Havia no ar o temor de revoluções futuras. O poeta não tinha o gosto da tarimba. Formou evidentemente de má vontade na esquadra do cabo Alceu. Marchava "tempestuoso, no turno", olhos "navalhando a vida detestada". Mas havia nas madrugadas de manobra tanta coisa bonita para ver! A manhã era tão grande! Um, dois, um, dois, era tão bom respirar! Tão gostoso gostar da vida!

Em tais momentos

A propria dor é uma felicidade!

O poeta cutucou o pessimista, o soldado sorriu gostoso e os poemas vieram vindo numa encantadora frescura de sensações. Junto de um poema serio, uma caçoada maluca. Entenda-se porêm que no fundo o livro é triste.

Em prefacia nega o autor aos seus versos o nome de poema. Faltam-lhes, alega, o que êle chama a intenção de poema, coisa construida, peça inteira, fechada, com principio, meio e fim. De facto eram assim as poesias que compunham o "Losango" na primeira redacção. O livro, porém, saiu anos depois, e nesse intervalo o poeta o alterou, tirando-lhe, ou pelo menos prejudicando-lhe, aquela espontaneidade de caderneta lirica de reservista. A unidade artistica foi sacrificada á unidade psicologica. O autor juntou trechos de outras épocas esclarecedores da sua personalidade de então. Ora, muitos destes são poemas no sentido que Mario atribui á palavra — de peça de arte acabada, com principio meio e fim, e não peça puramente lirica como a maioria e sobretudo por exemplo os de n. XXXV, XXXVI, XXXVII, espécie de intermedios que não começam nem acabam. A **Louvação da Emboaba Tordilha**, a pungente **Escrevaninha**, as duas admiráveis **Toadas**, **Flamingo**, **Jorobabel**, **Tabatinguera**, e talvez outros, são poemas construidos. A tecnica destes três ultimos aparenta-se á dos superrealistas (aos quais de resto nada devem, anteriores que são ao manifesto de André Breton): automatismo psiquico de imagens declanchado por uma palavra possivelmente denunciadora de complexo. A de Jorobatel feriu fundo a memoria e a sensibilidade de Mário. O pessimismo truculento do n. XXIX (**Eu trago a raiva engatilhada...**) se fez piedade, embora se conservando sempre pessimismo, e foi chôro aberto sobre a vida "excessivamente infinita" nesse poema que é um guai biblico estupendo.

Nas **Toadas** se começa a sentir na obra do poeta a influência da maneira popular, que é uma das duas faces da técnica actual de Mário (a outra é um poetar que deliberadamente regeita todo encanto sensorial, todo apélo exitante exterior, sem prejuizo porêm da emotividade, que se mantem todavia naquela calma ardente e sublimação do pensamento tão de encontrar na poesia inglêsa).

Ao contrário de tudo isso, as poesias do **Losango** que constituem propriamente a matéria do **Losango** caracterisam-se pela espontaneidade lirica. A gente não vê a poesia feita: vê fazê-la Psichopoesia experimental. Poesia em estado nascente.

A mim confesso que o lirismo basta. Admiro um poema bem construido, mas o que me faz amá-lo é o lirismo que nêle haja. A Mario não basta. A poesia pra êle tem que ir alêm. Por isso êle diz que procura. Mentira! Mário não procura: acha. Está sempre achando. Quando se vira para outros lados pensa que está procurando.

No que diz respeito á linguagem, **Losango Cáqui** é o primeiro livro escrito em nossa lingua. Adotando sintaxes e expressões correntes na conversação da gente educada, idiotismos brasileiros, psicologia brasileira, Mário de Andrade conseguiu escrever brasileiro sem ser caipira nem rude.

Manuel Bandeira

OSWALD DE ANDRADE — "Pau Brasil"
Edição de "Sans Pareil" — Paris, 1925.

Todas as manifestações emotivas passam a ser literatura desde que realisadas voluntariamente. Mesmo as que se approximam menos da ideia que em geral se faz de obra literaria. Simples jogo de apparencia. A literatura não está, muitas vezes, na obra em si, tomada em seus caracteristicos essenciaes. Esta na combinação das circumstancias que a crearam, na sua falsa localisação no espaço e no tempo, muitas vezes na propria personalidade do autor.

O sr. Oswald de Andrade, escrevendo "Pau Brasil", parece-nos que fez apenas literatura, tanto quanto si em vez de Brasil falasse da flor de lotus, da pallida castellã prisioneira ou de outras quaesquer apparições que frequentam a nossa musa passadista. Elle quiz libertar a poesia brasileira de toda sorte de artificio, como o estrangeirismo, a phraseologia, a falsa emoção. Quiz crear ao mesmo tempo poesia pura e brasileira. Para isso passou a mão na musa, jogou fóra todos os enfeites inuteis e pesados que a suffocavam, vestio-lhe uma roupa de creança, poz-lhe um bico na boca. No primeiro

instante a gente fica perturbado. Depois começa a achar aquella menina meio esquisita, com cara de mulher feita. Quasi que se desconfia de que aquillo é deboche. Finalmente se chega á conclusão de que é apenas formalismo, como os anteriores. Sómente parece mais complicado por ter querido ser mais simples. O sr. Oswald de Andrade tinha um plano esthetico **preestabelecido**. Conseguiu realisal-o. Fez poesia? Não, fez literatura. Seria poesia si viesse de algum innocente, de alguem ainda virgem do intellectualismo cultural. Do autor dos "Condemnados" é que não. Chegar á incultura pela cultura é um sonho. Pelo menos chegar honestamente, sem blague nem artificio. E' como um homem supercivilisado que, para descomplicar a vida, fosse obrigado a voltar á pedra lascada e a viver nu' ,numa furna, comendo raizes. Essa vida pareceria a seus olhos muito mais complicada do que a outra e elle acabaria achando a coisa pau e voltando á simplicidade polida do asphalto, sem peraus e cobras.

Pau Brasil não realisa a funcção purificadora, a funcção redemptora, que esperava. Não resolve o nosso problema intellectual por meio do seu retrocesso ao gaguejar infantil. A vida é evolução continua, é permanente transformação dizem os philosophos modernos. Bergson e Pirandello á frente. Nunca se póde voltar ao que já se foi, ao que já não é mais. O primitivo de "Pau Brasil" é falso por ser voluntario. Podemos quasi dizer que é artistico, como foi o prerafaelismo de Rosseti. E' theoria. E' escola. E' regra. Ora, essas tres parcellas sommadas não podem dar como resultado poesia moderna. Porque modernismo não tem regra, nem escola, nem theoria. Modernismo é integral libertação. O sr. Oswald de Andrade contribuio, porém, efficazmente, para a obra da poesia moderna entre nós. Poz em evidencia uma serie de novos valores poeticos brasileiros, de que ninguem suspeitava. "Pau Brasil" é uma especie de eschema a ser desenvolvido. Deposito de materias primas de poesia á espera da manufactura transformadora. Livro escripto friamente, por plano, como livro de casa commercial. Exposição methodica de motivos e principios poeticos. Livro didactico.

De vez em quando, apezar desse afastamento constante de toda influencia emocional interior que se pudesse tranformar em lirismo, tem o sr. Oswald de Andrade versos estranhos, de bello e inesperado effeito, onde as imagens saltam como tiros:

"emas brancas e outras malhadas de negro
que com uma aza levantada no alto
ao modo de vela latina
correm com o vento."

"Nocturno" é admiravel:

"Lá fora o luar continua
e o trem divide o Brasil
como um meridiano."

Na parte chamada R P 1 ha versos que nos fazem parar e pensar:

"Meu amor me ensinou a ser simples
como um largo de igreja."

"Carnaval", "Approximação da capital" e outros poemas, são cheios de uma perfidia que a gente se admira de encontrar num livro que diz ter a "alegria da ignorancia".

O sr. Paulo Prado, que prefacia o livro (Pau Brasil tem prefacio), affirma tranquillamente que Casimiro de Abreu e Catullo Cearense "foram os dois unicos interpretes do rythmo profundo e intimo da Raça".

Não sei o que elle entende por "rythmo profundo da Raça", mas creio que não se póde negar caracteristicos da raça brasileira, si é que ella existe, na capoeiragem de Gregorio de Mattos, na cacetissima Prosopopéa, em certos versos da Escola Mineira, principalmente Basilio da Gama e em muitos outros, bem como nas

"musas gentis do Abreu, do Dias, do Azevedo, do Freire e do Varella",

como escreveu Raymundo Correia num soneto que parece catalogo de telephone.

Que diabo, o sr. Paulo Prado ha de convir que a trinca Casimiro, Catullo e Oswald não representa toda a poesia brasileira, sendo este ultimo, como elle diz, "o primeiro esforço organizado para a libertação"", etc., etc.

Estou certo que os srs. Ronald de Carvalho, Mario de Andrade e Guilherme de Almeida, citados tambem no prefacio, opporão restricções á affirmação tão categorica. Et pour cause...

O sr. Paulo Prado engana-se quando diz que os que discordarem de algumas ideias do sr. Oswald de Andrade serão os mesmos que accusaram Baudelaire e injuriaram Rimbaud. Essa historia da incomprehensão das novidades é passadismo. Os que discordam do sr. Oswald, podem ser os que acham que a poesia brasileira verdadeiramente pura, forte, constructora, se approximará mais da caudal eloquente do sr. Mario de Andrade do que da emoção vasqueira, da seccura ironica, fria, camouflada de ingenuidade, que governou "Pau Brasil".

O sr. Paulo Prado, figura de incontestavel elegancia mental, tem para o enthusiasmo dos novos um sorriso melancolico que nos faz desconfiar. Esse sorriso mistura a ironia de France, a vaidade de Renan, a esthetica de Wilde. Modernismo de 1903.

Creio que foi Mauriac quem disse, num momento de amarga clarividencia:

"les vrais jeunes ont toujours vingt ans..."

Affonso Arinos (sobrinho)

AUSTEN AMARO — Juiz de Fóra—Poema lyrico — 1926.

O poema do sr. Austen Amaro começa por esta coisa abracadabrante:

DISTICO
Este
poema
dictou-o Dyna a unica
musa!
E
isso
não destroe
as demais,
e sim
as unifica.
Pois, sendo Dyna a expressão
do proprio Deus que é
omnimodo e omnipresente.
ella é
omnisciente
omnipotente e omnipresente.
Assim,
Dyna
universal e perenne
é
omnipotente.

Isto cheira a futurismo do brabo... Há, como essa, muita coisa ruim nesta brochura, estiradas de palavreado sem substancia de pensamento ou sensibilidade, um mau-gôsto horroroso. Apesar de tudo esta poesia é simpatica, insinua-se, interessa. Tem ingenuidade e força. Gosto, por exemplo, da vulgaridade jornalista, reclamista do Canto II, onde se esparrama um afecto largo de comoção bem brasileira, sabendo gostosamente ao que os rapazes da **Terra Roxa** chamam manifestação espontanea de Pau-brasil.

Eu exalto a força constante!
Fernão Dias! e Candido Rondon!
A realidade de Osorio e de Mauá!
Esta é a mesma poesia!:
— a passagem de Humaytá! e a passagem da Serra [do Mar!
E porque eu exalto a unica poesia,
canto a harmonia das cousas iguais!
Assim, no Presente
a realidade efficiente
de Octavio de Magalhães, Alvaro da Silveira e [Evaristo de Moraes!
do Juscelino Barbosa pratico e brasilico!
E Tarsila do Amaral de hoje
balbuciando a nossa pintura!
E Maria Lacerda de Moura! desejosa apenas de [sinceridade!
e Magalhães Drummond do "Nacionalismo que eu [pregaria"!
e dos "Aspectos do Problema Penal Brasileiro"!
C José Oiticica da "Universidade Feminina"!
A consciencia universalista em Pontes de Miranda [e Renato Almeida! actuando pela Brasilidade!
Belisario Penna capaz de afirmar!
. . . . . .

Todo o canto é de um ridiculo sublime e bem haja o poeta que teve a esplendida coragem desse ridiculo. Aquilo é poesia, não tem a menor duvida.

Outra coisa que me agradou no sr. Austen Amaro foi a volta, em certos passos do poema, a certas formas e metricas romanticas. Os nossos romanticos, mesmo sob a maior pressão de influencias estrangeiras, foram originais, foram bem brasileiros, e é néles visivel um veio de tradição que o parnasianismo cortou de chofre. O sr. Austen Amaro quis retomar o fio, tentativa louvavel, em que todavia falhou, porque não o fez com espirito moderno. Faltou-lhe critica e escolha. Repetiu os romanticos com todos os defeitos.

Gostaria de transcrever certos fragmentos para dar idea dos seus dotes de escritor, como este que não é exemplo unico:

E a alma barbara dos borés,
rufando em couros retesos,
retumba na matraca do bico atro.

Rematarei com o Canto IV, no qual por um momento esqueceu o poeta o bulicio da musa-dynamo no sossego desta mansa bucólica:

O longe São Matheus quási bucolico!
Com carros de bois descendo a encosta,
anachronicamente.

Na paz das montanhas pasmando,
pascem bois pacientes.
E os bois que descem da montanha
vêm molhados de sereno.

Bons desenhos de Pedro Nava.

Manuel Bandeira.

OSWALDO ORICO — "A arte de esquecer" — Ed. do autor — Rio, 1926.

O sr. Oswaldo Orico é um escritor de salão. Seu pensamento e seu estilo vivem de cortezias e torneios galantes. E' dos tais que amam as belas fráses e o espirito fino. Sua literatura tipo Julio Dantas tem o visivel intuito de agradar ás damas. E' leve, é subtil, é cheia de segundas intenções. Numa conferencia como esta, todas as intenções são segundas. Um requintado. Depois de setenta e oito paginas muito divertidas, no livro ha isto: "Escrito na montanha, verão de 1926, acabou-se de imprimir... etc.". Por essa gentilissima participação fica o leitor sciente de que o sr. Oswaldo Orico andou veraneando na montanha.

Prudente de Moraes, neto

OS NOVOS DO PIAUHY

Fulgurante pleiade de bravos da Idéa, de intemerados do Pensamento, a que nessa Terra da Luz que é o Piauhy hodierno se agita numa irradiação

victoriosa de dynamismo. O Piauhy que tem dado ás letras patrias tantos nomes gloriosos — Frei Ricardo da Cunha, o chronista elegante dos nossos fastos coloniaes, tão lamentavelmente esquecido pelos nossos historiadores literarios, mesmo pelo scintillante dr. Ronald de Carvalho e até pelo erudito dr. Solidonio Leite; Dias de Queiroz Freitas uma das cerebrações mais possantes entre os discipulos do inolvidavel Tobias, ao lado de Graça Aranha (seductora figura quasi de piauhyense); Da Costa e Silva, o Leopardi brasileiro, sabendo extrahir das noites sem estrellas do Pensamento e da Emoção as mais profundas suggestões poeticas; João Silveira de Freitas Sobrinho, uma das novas mentalidades juridicas mais pujantes do Norte e quiçá do Brasil hodierno, ao lado dessa nascente gloria do Leão do Norte que é o prof. dr. Celso Loureiro Filho e "last but not least", Felix Pacheco, cujas realizações auri-fulgentes na vida — primeiro no jornalismo e ultima e notadamente na diplomacia — constituem um padrão de gloria para a geração nova da Perola do Norte, Felix sendo talvez, sob a precoce prata da cabelleira que lhe dissimula o ouro brilhante dos Sonhos e das Ideas, o mais joven "chanceller" que ainda teve a Republica. E estamos a mencionar apenas os nomes mais irradiantes — os nomes por assim dizer nacionaes e já vantajosamente feitos da mentalidade piauhyense contemporanea. O que falta revelar é o movimento mais recente das letras do Piauhy, onde tambem repercute a Idea Nova que arregimenta os espiritos no Brasil para as pugnas do Objectivismo Dynamico, que hão de marcar época gloriosa nos fastos literarios da nacionalidade. Tambem no Piauhy vibram enthusiasmos rejuvenescedores, accendidos por esse Principe do Espirito que é Graça Aranha.

Em 1923, Eulalio Pontes da Serra, Vieira Paschoaes, Esmeraldino Olympio e eu lançamos aos ventos da publicidade "O Todo Universal", revista de combate em prol da Idea Nova. Esmeraldino Olympio publicou ahi sua admiravel serie de artigos "heresia visinha nossa" denunciando em termos vigorosos o regionalismo de um grupo de cretinoides no Recife, onde foi nosso agente a alma enthusiasta de J. Inojosa, paladino ali da Esthetica Moderna. Vieira Paschoaes é um "conteur" de fina tempera, com reminiscencias de Proust e de Abel Hermant, que se revelou no "O Todo Universal". Tem em preparo um livro que será provavelmente prefaciado por Felix Pacheco, um animador vibrante de vocações conterraneas. Pontes da Serra é poeta dos mais finos da nova geração — de uma esthetica equidistante das exquisiticos do sr. Mario de Andrade, dos malabarismos sonoros do sr. G. de Almeida e das pieguices do sr. Manoel Bandeira. E' um cantor novo, dynamico, objectivista, impregnado dos conselhos novos de Graça, o mestre sem igual. Seu livro "Seccas e molhes" — cantando paizagens do sertão, queimado pelas Seccas, e de portos e molhes banhados pela Agua cariciosa dos rios do Septentrião será decerto uma grande affirmação entre os novos valores poéticos nacionaes. Pretencioso seria falarmos de nós mesmo nesta resenha — limitando-nos portanto a mencionar nossa pequena contribuição nesse movimento, infelizmente tão igaorado do Piauhy, o nosso livro de ensaios "Guias da renovação esthetica do Brasil" (Tobias — Nestor Victor — Graça), a ser nestes dias exposto á venda nas principaes livrarias desta capital.

J. J. Gomes Sampaio

Literatura estrangeira

BERTRAND RUSSELL — "Education and the Good Life" — New York, 1926.

A novidade do ultimo livro de Bertrand Russell "Education and the Good Life" está principalmente nisto: em ser escripto por Bertrand Russell.

A gente se tinha acostumado a um Bertrand Russell mais ou menos philosopho. Cachimbo a cahir-lhe do canto da bocca como qualquer inglês de caricatura. O olhar cinzento e distante. O Bertrand Russell de "Principles of Social Reconstruction". E de "Mysticism and Logic". De repente este Bertrand Russell novo: de pince-nez de pedagogo na ponta do nariz.

Aliás, já havia o exemplo de George Bernard Shaw. Anterior ao livro de Russell é o livro profundamente imbecil de G. B. S., pretendendo ser a "Declaração dos Direitos da Criança". Um livro escripto como quasi todo o livro de G. B. — enormo guizo amarrado á ponta da penna. (Esse guizo sôa ás vezes muito ironicamente com um som de sineta presbyteriana de "Sunday School".)

Mas a vacca fria —e sem chocalho nem guizo nem sineta — é Bertrand Russell e não G. B. E' Bertrand pedagogo.

O livro de Russell é bem um livro de "Depois de Freud". A gente sente o christo de Vienna fixando-lhe a época.

Não que Mr. Bertrand Russell tenha da força dos sexo na vida da gente o mesmo sentido absoluto de certos discipulos de Freud. De modo nenhum. Elle chega a declarar: "The importance which many psycho-analists attach to early infancy appears to me exaggerated..." (pag. 44). Entretanto o escriptor inglês reconhece bem claro a importancia do ponto de vista psycho-analytico: as primeiras suggestões de sexo, e sobretudo as repressões, teem um consideravel interesse para o futuro do menino ou da menina.

Russell salienta, por exemplo, o problema da repressão da masturbação nos pequenos. Acha que em geral o menino soffre mais fundo dos effeitos da repressão do que da propria masturbação. Esta, de ordinario, não affecta sinão de leve, quasi nada, á saude. De modo que o melhor seria deixar o menino masturbar-se. Porque nos rigores da prohibição, segundo Russel, "you lay the foundation of terrible nervous disorders". (pag. 211)

Pela educação que amollece os pequenos em eternos meninos, Bertrand Russell não tem a menor sympathia. E de facto ha o perigo do que os psycho-analystas chamam o "Oedipus complex". Nós, no Brasil, vivemos a esbarrar com Joãosinhos, Euzebiosinhos, Manésinhos, Serginhos, Bituquinhas, que outra cousa não sabem na vida sinão ser filhos de papae e de mamãe. São incapazes de ser sós. Precisam sempre de quem lhes faça de mãesinha e de paesinho. Soffrem do "child complex".

Mas é preciso notar que o excesso do "man complex" — o excesso da educação que endurece o secca e encortiça demais o individuo — tambem este é prejudicial. A critica de Russell deve ter o seu desconto. Póde mesmo dizer-se que o excesso do "man complex" leva ás vezes o individuo ao "child complex". Exemplo: Nietzsche que acabou só sabendo dizer "Maman" como qualquer meninosinho com medo do escuro.

Mas onde é bem freudiano o tratado pedagogico de Bertrand Russell é no bicho-de-7-cabeças que faz do Medo. Querendo acabar de modo absoluto com o Medo na imaginação do menino, Bertrand Russell cria um Medo ainda maior no espirito da gente grande: o medo ao medo.

Eu imagino, aliás, o temor horrivel do primeiro homem que se sentisse vasio de todos os temores, segundo o ideal de Mr. Bertrand Russell. Similhante creatura ficaria sem saber si era homem ou cousa. E acabaria talvez louco. Si é certo que o medo em excesso faz loucos, tambem os faz a absoluto falta de medo. E' a lição do Quixote. Ou do sr. de la Mancha, como diria o prof. dr. Julio Afranio Peixoto.

Além disso o novo pedagogo inglês é contradictorio querendo dos paes e das mães este absurdo: (1) que não mettam medo aos meninos nem se mostrem com medo diante delles; (2) que não mintam aos meninos nem diante delles.

Eu queria que Mr. Bertrand Russell endireitasse o pince-nez pedagogico e me desse a solução para o seguinte caso: o de uma mãe com medo irresistivel de trovão diante do filho. Ou ella mostra que tem medo e é sinçera; ou disfarça o medo, mentindo.

Eu acho muito interessante, muito lucido, ás vezes deliciosamente sensato o livro de Mr. Russell. Gostaria de ter voz de director de programma de Radio, para recommendal-o aos paes. E ás mães. E aos pedagogos. E ao dr. A. Carneiro Leão. Que o leiam devagarinho. De pince-nez. Com muita attenção.

Mas essa historia de educação rigidamente scientifica; essa conversa de criar menino sem galho de goiabeira e sem medo a cousa nenhuma — sem nenhum tutu' ou carrapatu' ou Cabra Kabriola; essa educação segundo uma "verdade" scientifica que acaba com os tutús apenas para metter na intelligencia molle dos meninos a figura horrivel de Pithecanthropus Erectus — plagio da Historia Natural ás historias sobrenaturaes — tudo isso deve ser tomado, ao meu vêr, com muita restricção. Ha em todo esse scientificismo pedagogico muito kò-kò de gallinha.

Gilberto Freyre

VIDA SOCIAL

Commentarios dos Commentarios

Já cessaram os commentarios em torno de Rodolpho Valentino e da respectiva morte.

Agora, o commentario dos commentarios.

Quando o cadaver deste bonito actor provocou atropelamentos no Broadway, enterneceram-se todas as mulheres e nós homens, (para que mentir?) ficamos enciumados, o que é natural desde que se acceite como verdade que um dos desejos de qualquer individuo equilibrado é ser amado por todas as mulheres, não apenas por tres.

Cada um de nós no fundo está se perguntando: "conseguirá isso o meu futuro cadaver?"

Esse amor por Valentino é um dos phenomenos da actualidade. Ao contrario do que pretendem os psychologos de imprensa, não é signal de corrupção, nem snobismo ridiculo, mas indice de innocencia. Somos mais creanças que os da geração de Homero. Rodolpho não é apenas amôr para menores de dezesseis annos. Serve para todas idades (vide photographias da missa da Candelaria, etc.).

A actividade das mulheres procurando typos imaginarios innegavelmente superiores a esses individuos aborrecidos dos chás elegantes, encontrou no actor que morreu por ulcera no estomago um heroe menos imaginario porque realmente existiu, sem ser inteiramente real, porque era uma sombra sem perigo no écran. Cinema tem isso de interessante: seus heroes correm o mundo, sem conhecerem o mundo e vão suscitando pai-

xões de que não têm noticia. O actor póde estar quietinho tirando seu callo, tomando chopp ou soffrendo colicas em Holywood, e pelos salões de cinema desse mundão afóra vae sendo visto por milhões de olhos e amado por milhões de corações. Situação vantajosa.

O dom de illudir-se é a força mais piedosa que Deus deu ao ser humano. Si falta, muita gente o arranja ás escondidas da Policia. Rodolpho Valentino tanguista, rei, general, boxeur, galan, fez muita gente tonhar. Apaixonou muita gente, portanto. Não era, pois, natural que as mulheres, mais sujeitas que nós ao transe amoroso, sentissem a morte de quem nos films comparecia sempre ardente, elastico e cavalheiresco? Si tanto amaram os traslados, porque não podiam deplorar o desapparecimento do original? Diz-se que ellas deviam chorar discretamente, em frente á coiffeuse, dentro do lenço. Tambem não ha razão para isso. Qualquer sentimento com relação a Valentino deve ser publico, filmavel, porque foi nesse caracter que o actor se impoz a ellas.

O que não perdôo aos meus collegas do sexo masculino, maguados porque as mulheres, ao envez de amal-os tiveram ternuras significativas para com o honrado actor que morreu, é a injustiça de suppôrem que só elles estão immunes dessas paixões contrahidas no écran, sabido como é que alguns desembargadores e ministros do Supremo ficam pallidos diante da Nita Naldi, que um respeitavel commerciante da praça daria tudo para beijar as mãos da Pickford, e que muitos senadores são susceptiveis de se coronelizarem mediante dois sorrisos de Pola Negri.

Não comprehendo os homens.

Lamentaram a morte do actor, mas implicaram com as "valentinas" e não querem admittir a gloria delle.

A gloria é relativa (meus senhores, que coisa genial eu disse!). Em Madrid, Belmonte, pegador de touros vale mais que qualquer Shakspeare. Mas a de Valentino é uma gloria indiscutivel, porque adquirida pelo cinema, que é o melhor instrumento para se obter isso. Gloria por aeroplano já está se tornando vulgar. Atravessar o Atlantico é canja. Serviu uma vez para a gente se lembrar de Portugal. A aviação será um sport monotono emquanto os nossos pilotos não voarem sobre a Lua, Marte e outros astros vizinhos.

O que é admiravel é que dois grandes homens da humanidade, como Rodolpho e Lenine, partissem do nada para ganharem o universo. O communista fallou, matou, escrevem e chegou áquillo que nós sabemos. O actor dansou, pulou, posou e chegou a isso que nós vemos. A gloria de Valentino pode sem favor estar ao lado da de Goethe, Cristovam Colombo, Santos Dumont e outros. Com differença que para a actualidade é mais aproveitavel que a delles, porque a maioria do mundo não leu Goethe, não viu Santos Dumont voar e nem sabe, senão por ouvir dizer, que Colombo, cujo nome dá idéa de chá, descobriu a America... E quem não admirou Valentino, á razão de tres mil reis o extasi? Dirão que é fita. Oh! façam o favor... Si, por exemplo, Valentino encarnar Napoleão, será realmente um authentico Napoleão para a platéa, sem levar aos espectadores os sobresaltos e perigos com que esse distincto militar incommodou a Europa. E facto é que na ultima parte do film, Valentino já está maior que Napoleão.

Os grandes homens abastecem de gloria os actores que os encarnam. E ficam sem nada.

Rodolpho Valentino foi um grande homem. E foi um grande homem, porque foi um grande actor. E foi um grande actor, porque agradou, ora esta. E' incontestavel a sua gloria.

Muito merecidos os atropelamentos de Broadway.

* * *

O facto mais sensacional da quinzena nesta Capital passou-se em Philadelphia na noite de 23 para 24 do mez passado, quando Gene Tunney esmurrou com vantagem a cara de Dempsey, arrancando a seu adversario o titulo de campeão.

No decimo round da luta, Tunney já era o maior pugilista do universo, além do poeta e violinista, qualidades ignoradas no primeiro round.

Hannibal

Para edificação e confusão da leitora que se queixa de que as festas de hoje não teem o "cachet" que o protocollo dava ás de outro tempo, publicamos, ipsis litteris, e sem commentarios, o seguinte programma:

7 de Setembro de 1926

Festa elegante

Inauguração do palacete do casal Alfredo Pouman.

Homenagem a Mme. Elisa Mesquita Pouman pelo seu anniversario natalicio.

Praia de Botafogo 360

Programma

Ás 16 horas: O baptismo do seu neto Luiz, na na egreja da Candelaria.

Ás 20 horas: Inauguração solemne da casa, sendo o acto religioso presidido por sua Exa. Revma. Dr. Mac-Dowell.

Ás 21 horas: Concerto sob a direcção do professor Soares de Albergaria. Acompanhamentos ao piano pelo habil pianista Snr. Mario. Azevedo.

I parte

2) Fados ao piano pelo Sr. Americo Paul.

2) Fados ao piano pelo Snr. Americo Paul.

3) Giordano — Fedora — Romanza — Sr. Francisco Mangia.
4) Liszt — S. François de Paul, marchant sur les flots — Mme. Eliza Pouman.
5) Canções Portuguezas pelo Snr. Felisberto Ferreirinha.

II parte

) Carlos Gomes — Salvador Rosa - Romanza Exma. Snra. Dona Carmen Eiras.
7) Verdi — Rigoleto — Ela mi fu rapita — Snr. Oscar Gonçalves.

Ás 23 horas: Baile sob a direcção do Exmo. Professor de Dança Alfredo Silva.

Orchestra o Jazz-band regido por Dr. Ernani de Moraes.

Bufet da Casa Paschoal

* * *

HIPPODROMO DA GAVEA

O Jockey Club conseguio realizar um milagre: tornar o domingo um dia elegante. Já não era sem tempo.

O domingo,, entre nós, sempre foi um dia de festa. Mas de festa popular. Sem nenhuma elegancia.

O chamado "footing" (expressão inventada pelos francezes), nas praias do Flamengo e de Copacabana, nunca passou de um amontoado de gente que se acotovella, amontoado composto de "melindrosas" e "almofadinhas", caixeiros e creadas de quarto.

Os chás dansantes, nos hoteis, davam-nos a mesma impressão desgraciosa.

Do "foot-ball é melhor não falar.

Dirão que nada é mais justo que o povo trabalhador, aos domingos, se divirta. De accordo. Mas, será tambem justo que aquelles a quem não agrada a multidão se vejam forçados a passar o mesmo dia entre quatro paredes? Não. Mas não havia meio termo.

Este, felizmente, agora existe. De quinze em quinze dias, o novo campo de corridas reune o que ha de elegante no Rio. Senhoras encantadoras, meninas bonitas, com seus vestidos coloridos, enchem o "paddock", a "pelouse" e a archibancada, conversando e rindo despreoccupadamente.

Futilidades, dirão. Que importa! Não é muito mais agradavel ouvir uma linda creaturinha a dizer futilidades — que a mais das vezes não se ouve, occupado como a gente está em contemplal-a — que ouvil-a discutir Kant?

A tarde de domingo atrazado foi deliciosa. A archibancada estava linda. Da "pelouse" tinha-se a impressão que, sob a immensa "marquise", se estendia um maravilhoso tapete oriental, de todas as cores, magico, sem duvida, pois ondulava ligeiramente como um canteiro de flores ao vento.

Sentado na "pelouse", no meio de um bando de raparigas, fiquei por longo tempo a olhal-las, ouvindo-as falar. O que disseram não sei. Mas deve ter sido delicioso e divinamente pueril e alegre, pela doce inflexão das vozes que inda guardo no ouvido.

De repente quebrou-se o encanto com o clessico "Partiram" e levantei-me rapido para ver a primeira passagem dos cavallos por nós. A "torcida" era enorme. Uma chegou a beliscar-me o braço quando viu um alazão alcançar e passar o favorito. Outra quasi chora quando ganha um cavallo em que não jogou. Outra, ainda, dá gritinhos de contente ao ver o seu "palpite" ganhar e compensa-me, com um sorriso, o facto de ter eu perdido.

O passatempo dos reis, como lhe chamam as revistas inglezas, só tinha, entre nós a sympathia de alguns que muito gostavam de cavallos e não temiam a vigem S. Francisco Xavier. Hoje, está definiticamente consagrado.

Consagraram-no a presença e a "torcida" feminina.

V. da C.

CINEMA

Rudolph Valentino

A proposito do film dos funeraes de Rudolph Valentino, exhibido no Parisiense, occorre á gente aquella velha reflexão de La Rochefoucaud: "Le soleil ni la mort ne peuvent se regarder fixement". O desapparecimento do grande astro da téla parece, realmente, uma illustração da maxima do duque. Mas, quem sabe, se foi dado a Valentino encarar com tranquillidade a morte? Quem sabe se não sentiu o famoso artista um certo orgulho da derrota, ao tombar vencido, nessa lucta dramatica e decisiva que a todos nos espera? Moço, forte, bello, buscando-o a morte no momento em que a fortuna mais lhe sorria, não logrou Valentino alcançar o que para os gregos era considerado uma graça dos deuses? Seus amigos contam, pelo menos, que elle tinha o presentimento de que morreria cêdo, e, longe de entristecer-se a essa idéa, pelo contrario, com ella se confortava. A um dos jornaes de Nova York declarou, com effeito, o senhor John W. Considine, "producer" dos seus "films":

— "Valentino disse-me muitas vezes que não

viveria muito, e, accrescentava — "não tenho pena de deixar a vida moço, pois a velhice me horrorisa."

A morte transforma o individuo — eis uma observação banal, mas verdadeira. Com effeito, o perfil moral do homem que deixou de ser cresce e avulta no conceito de seus amigos ou admiradores, attributos que, em vida, se lhe desconheciam, passam a adornar-lhe o coração e o caracter depois da morte. E' uma lei de equilibrio, e, sem essa transformação de valores, que põe em fóco as qualidades moraes do individuo, na hora suprema em que elle, physicamente, na predicção melancholica do Apocalypse, torna ao pó de onde veio, a sua lembrança jámais perduraria na memoria dos que lhe sobrevivessem. Mas, se esse phenomeno se verifica até mesmo no circulo limitado desses modestos transeuntes da vida, que passam deixando atraz de si apenas meia duzia de amigos para deploral-o, e não é mais que uma consequencia do rythmo universal da vida, que dizer daquelles cuja personalidade a fama projecta além das fronteiras de sua vida privada?

Que dizer de um Rudolph Valentino que, nimbado pela aureola magica e gloriosa dos heróes que elle personificava na téla apparecia a quasi todas as mulheres, com excepção talvez de sua cosinheira, como o typo ideal e perfeito dos grandes amorosos D'ahi as phantasias e lendas absurdas, que se crearam a seu respito. Um dos nossos jornaes, por exemplo, noticiando a sua morte, dizia-o nobre e filho de um conde italiano, arrastado pelo espirito avido de aventuras a uma vida agitada e ruinosa, até aos estudios de Hollywood. Nada mais falso. Rudolph Valentino era filho de um simples veterinario de Castelaneta, na Italia, e, na America, começou a sua carreira como jardineiro. Dahi passou a lavador de automoveis, depois a dansarino e finalmente a artista de cinematographo.

Uma cousa curiosa é que Valentino, contando o maior numero de admiradores e admiradoras que se possam imaginar nas cinco partes do mundo, morreu sem um só amigo ou parente á sua cabeceira. Assistiram-lhe os ultimos momentos apenas tres medicos e duas enfermeiras. Talvez ignore a amavel leitora que Valentino morreu pobre. Effectivamente, os seus famosos milhões, elle os gastou com a mesma facilidade com que os ganhára.

T. S.

Mary Pickford

A semana passada o Gloria proporcionou a seus frequentadores um prazer raro — um film de Mary Pickford. A doce Mary nos apparece desta vez chefiando um bando de meninos, em um bairro pobre de Nova York. O studio Fairbanks-Pickford deu, mais uma vez, prova de extraordinaria precisão technica, de conhecimento perfeito do assumpto de que trata, de originalidade. A creançada do bairro em que vivia Anninha. (Mary Pickford em "Sua Vida Pelo Seu Amor" faz o papel da filha do policia de um arrabalde de Nova York) é, ao mesmo tempo, desenfreiada e disciplinada. Divide-se em dois grupos oppostos: um por Anninha, o outro contra ella. Os typos de creanças são perfeitos, estudados até o menor detalhe. Ha uma familia de judeus: o velho, que é o typo classico do agiota, e os meninos, em que se notam os traços caracteristicos da raça. Ha, com essa familia, scenas de um comico e de uma alegria irresistiveis. Por exemplo, da janella de sua casa, um judeusinho contempla uma luta que se desenrola debaixo de sua sacada, — luta travada entre Anninha e dois de seus adversarios. E' sabbado e não lhe é permittido sahir para se reunir a seus companheiros. Visto isso, elle, munido de uma fatia de pão e do Antigo Testamento, contempla preguiçosamente a briga que se passa embaixo... Anninha, na rua, é o typo do moleque: — bate-se, dá murros, provoca e sáe geralmente um tanto machucada das contendas. Em casa, — é uma "ménagère" perfeita — cuida do pae e do irmão com grande proficiencia.

Mary Pickford tem, nesse film, mais uma occasião de mostrar os grandes recursos de sua technica e as varias faces de seu temperamento de artista.

T. G.

Jack Holt

Jack Holt projecta sobre Broadway a sombra de uma montanha do Nevada. Jack Holt, na verdade, não é um "cow-boy" authentico, á feição de William Hart ou Tom Mix, que não se conhece, nem se comprehende fóra do seu meio: o Far West. Pela distincção de suas maneiras e o nó perfeito de sua gravata, Jack Holt é um verdadeiro "gentleman". No commercio amavel das damas elegantes da Quinta Avenida ou das praias de Atlantic City e no trato severo dos senhores de Wall Street — esses "big business men" que encaram o seu semelhante atravez o prisma de Hobbes; "homo homini lupus" — elle guarda sempre a linha impeccavel do homem das grandes cidades. Jack Holt sabe entrar num salão, sem varrel-o a patas de cavallo e a tiros de garrucha.

Mas, no castigar um insolente, no desaffrontar de algum ultrage a dama de seus olhos, elle se revela, de subito, o rude vaqueiro do Arizona, que faz justiça por suas proprias mãos. Elle desconhece, de feito, nesses momentos, o complicado mechanismo de repressão com que o Estado, pela sua policia, assegura a ordem na sociedade. A' maneira dos homens do Oeste, que respeitam mais a audacia, a força e a coragem individuaes, na distribuição

da justiça, que a tutella ou assistencia que lhes possa vir de algum poder constituido, elle impõe a lei pela força de seus punhos. Um murro de Jack Holt é uma affirmação vigorosa de saude physica e mental de uma raça forte.

Jack Holt não ri. Creio mesmo que raramente sorri. Sua physionomia severa tráe o caracter indomavel e a rigidez de principios de seus maiores, aquelles homens admiraveis — puritanos e soldados, — que combateram pela liberdade do sólo americano com a espada numa mão e a Biblia na outra.

Os "films" americanos nos suggerem, ás vezes, transplantada para outro meio e outra época, a trama sentimental e heroica dos antigos romances de cavallaria, fulminados pela satyra immortal do D. Quixote.

Jack Holt, pelos impulsos generosos do seu coração e a irreprimivel coragem de suas nobres attitudes, é como um daquelles heróes, que não mastigavam um aggravo, nem toleravam uma injustiça. Num paiz onde um bom sôcco póde fazer do homem uma gloria nacional, o seu formidavel "punch" é o golpe de espada com que o antigo cavalleiro andante vencia o obstaculo para a conquista de sua Dulcinéa. Altivo, confiante, energico, plantado sobre solidas ilhargas, Jack Holt symbolisa, na scena muda, pelo caracter e pela força, toda a grandeza de sua raça.

X. X. X.

A QUINZENA

O Saneamento de Aracajú

Neste vasto paiz, essencialmente "politicante", as coisas, os factos, os acontecimentos de maior importancia que occorrem fóra da capital, para muita gente aqui só costumam attrahir o olhar da indifferença, quando reflectido atravéz da politica. Qualquer esforço, qualquer iniciativa não repercute se não o annuncia uma vóz politica. A viagem recente do Sr. Washington Luis é uma demonstração disso: — no Norte, por exemplo, foi descoberto Sergipe, isto é, foi necessario que o futuro chefe da Nação divulgasse oracularmente o que ali vio, para a attenção geral sentir-se logo attrahida, pelo que se fazia no pequeno Estado.

O Sr. Washington, assistindo á inauguração dos serviços de agua da capital sergipana qualificára, "aquella obra benemerita porque realizada por um notavel tecnico, sem emprestimos, e só com os saldos normaes da administração." Ficamos tambem interessados pelo invulgar acontecimento. Mas preferimos ouvir antes o technico que o politico, e procuramos, então, o dr. Saturnino de Britto, o mestre da engenharia sanitaria brasileira, que projectára e executa os referidos melhoramentos. O saneador de varias cidades nossas (como Santos, Recife, Parahyba) em palestra acolhedora, forneceu-nos os dados que seguem:

— "A capital de Sergipe tem os serviços de abastecimento de agua desde 1910 e os de esgotos desde 1914. Em tão curto prazo já se manifestavam insufficientes para as necessidades crescentes da população; além disso apresentavam defeitos de que poderiam resultar prejuizos á salubridade. Bastará dizer que a agua não era filtrada; e que logo a montante da repreza de tomada começava a servidão dos moradores ribeirinhos; a linha aductora achava-se em más condições por estar quasi obstruida e mal segura. Os esgotos, com pequena profundidade nas cabeceiras (o que influe na declividade dos ramaes das casas, e, portanto, no funcionamento destes), affluem para estações de bosques que funcionam apenas alguns horas do dia: — no tempo de parada dos liquidos os collectores se enchem dos gazes produzidos pela fermentação putrida, os quaes, na phase seguinte no nefasto cyclo, são expellidos para a rua, pelos orificios dos tampões, e, se estes forem fechados, os gases passarão para o interior das casas vencendo a fraca resistencia da agua dos siphões.

Tal a situação que o Presidente Graccho Cardoso encontrou e resolveu corrigir, mandando preliminarmente elaborar os projectos de melhoramentos. Os planos estudados comprehendem:— a). a reforma do abastecimento de agua, filtrando-a e augmentando a capacidade de addução e de distribuição; b). a reforma de algum elementos do serviço dos esgotos e a extensão da rêde por uma grande area habitada, construindo-se novas estações e levando a descarga para jusante da cidade; c). a construcção de canaes de drenagem (typo Saneamento de Santos) resolvendo o problema do esgotamento das aguas pluviaes e do enxugo de quarteirões e terrenos baldios que ficam inundados com as aguas das chuvas, factor presumivel de insalubridade.

Apenas os dois primeiros serviços foram orçados, e o custo de ambos pouco excederia quatro mil contos, aos preços tomados em 1923.

O Presidente Graccho Cardoso, resolvido a construir estas e outras obras com as rendas ordinarias do Estado, em via de crescente e animadora progressão, contratou a execução dos dois serviços por administração, mas, por prudencia, iniciou apenas as obras relativas ao abastecimen-

to de agua. Para se executarem com economia serviços desta natureza, pagando-se o material pelo menor custo, é necessario dispor de capital. Dispondo-se apenas da renda ordinaria do Estado, as difficuldades que porventura sobreviessem mais graves resultariam, caso se emprehendessem ao mesmo tempo os trabalhos dos esgotos. E' o que teria de facto acontecido, visto que em 1924, antes da chegada do material encommendado para o serviço de agua, a perturbação da ordem no paiz, movida por militares, repercutia em Sergipe dum modo grave e inesperado, sem apoio na população, afastando o Presidente momentaneamente do governo, criando incertezas fora do Estado, e desconfianças no estrangeiro.

As consequencias da desordem, no que diz respeito aos serviços iniciados, foram: — suspenderem temporariamente os embarques de materiaes; o atrazo e o encarecimento dos serviços; a diminuição dos recursos disponiveis por causa das grandes despezas do Estado para manter a ordem legal por sua conta, e por conta da União. As compras não se fizeram mais nas condições anteriores e a perturbação economica seria desastrosa se o Governo não tivesse anteriormente collocado na Europa um e meio milhão de francos, para a compra dos tubos.

Um dos problemas a resolver, — o da energia para as bombas de elevação da agua —, ficou adiado, limitando-se á Commissão de Saneamento, de accordo com o Governo", ao concerto das actuaes e á encommenda dum grupo de caldeira, machina e bomba, do mesmo typo existente. Este alvitre está, aliás, de acordo com o plano de mais tarde moverem com a energia electrica da usina central de força e luz, na cidade, para se ter um custeio mais barato.

A derivação de agua para as bombas, que era feita em más condições, foi completamente modificada, construindo-se um acqueducto de concreto, numa extensão de 560 m.

O reservatorio no alto da Cabrita, foi apropriado para tanque de decantação das aguas tratadas pelo coagulante, como auxiliar indispensavel na fitração rapida das aguas turvas. Brevemento funccionario os filtros do systema Reisert, com tres elementos que darão 9.000 metros cubicos de agua filtrada por dia, caso funccionem durante as 24 horas.

Foi assentada nova linha adductora, na extensão de 10 kilometros com 0,30 de diametro, atravessando sobre pilares de alvenaria grandes extensões de terrenos alagadiços e tambem o rio Poxim, onde a ponte é provisoria, pois o conducto terá mais tarde de passar na ponte da estrada de rodagem, após a sua reconstrucção.

A antiga linha de 0,20 vae ser levantada limpa e assentada ao lado da nova, poupando-se cerca de um kilometro na extensão.

Construiram-se na grande duna do Cruzeiro, no perimetro da cidade, dous reservatorios de cimento armado, com a capacidade total de 2.700 metros cubicos; estes reservatorios foram inaugurados em presença do Exmo. Snr. Wanshigton Luiz; deram-lhes o seu nome, como homenagem ao futuro presidente da Republica que, antes de governar, visitava os Estados do Norte e testemunhava o que estava feito e o que era preciso fazer para facilitar-lhes o progresso.

E' neccessario que fique reservado o lugar para outros dois reservatorios, em breve indispensaveis, sendo um na duna proxima á do Cruzeiro, e o outro no morro Santo Antonio.

A rêde de distribuição construida mede 20 kilometros; o total, com a existente aproveitavel, é de 34 kilometros.

O presidente Graccho Cardoso ha mezes passados quiz iniciar os serviços dos canaes de drenagem e dos esgotos; seria indispensavel realisar, por emprestimo, o capital integral necessario ás obras, e a proposta que se offerecia tomava por base o arrendamento das obras, depois de feitas. Este alvitre tem sido julgado menos conveniente pela technica sanitaria, que é contraria á gestão pelas emprezas dos serviços que interessam á salubridade.

Como os serviços em apreço já estejam estudados por iniciativa do actual governo do Estado, e tenham de ser fatalmente retomados pelos governos successores, pareceu ao Presidente mais conveniente, attendendo a razões de ordem technica e economica, limitar a sua tarefa ao que fez e deixar-lhes as outras iniciativas, com o que colherão applausos eguaes aos que tem recebido, muito merecidamente".

A flotilha de Matto Grosso

A crise de desapparelhamento por que passa a defesa nacional tem-se reflectido na flotilha de Matto-Grosso, que se acha praticamente desprovida de elementos de valia. No emtanto, á medida que se enfraquece a alludida flotilha, augmenta a importancia daquelle sector da nossa fronteira, que a ingenuidade indigena suppõe defendido por uma força fluvial, dispondo de arsenal no porto de Ladario, á margem do rio Paraguay.

Sob o ponto de vista politico, é indiscutivel a necessidade de navios de guerra naquelle rio. Sob o ponto de vista militar, encarando-se a questão na presumpção de eventuaes operações de guerra naquella zona, se bem que não se possa, só a elles, incumbir commetimentos de maior escala, é

fóra de duvida que os navios terão largo emprego em acções auxiliares, nos planos combinados com forças de terra.

A carta daquella região mostra onde se acham situados os pontos principaes e a dependencia em que estão das vias fluviaes. E' impossivel, como se disse, a defesa desses pontos apenas de dentro dos rios. Uma acção offensiva, ali levada a effeito, por via terrestre, com os recursos da guerra actual, não teria difficuldade em sobrepujar qualquer flotilha, ainda que superiormente apparelhada. Mas, por outro lado, é preciso considerar-se que operações de terra em tão vasto theatro, difficilmento dispensarão navios de guerra para objectivos auxiliares que hão de surgir, a cada passo, no desenvolver dos acontecimentos. O que é preciso, pois, é um esforço no sentido de tornar previsiveis taes objectivos, para que possam ser escolhidos os typos de navios convenientes, tendo-se em vista, sempre, as condições de navegabilidade dos rios a que se destinarem. Isto, sobretudo, para que se evite o que não raro acontece com o monitor "Pernambuco", condemnado a mover-se em limitadas extensões, na época de vasantes nos rios.

Aos Estados Maiores do Exercito e da Marinha cabe estudar o assumpto, considerando bem todos os seus elementos, de modo a prevenir a eventualidade de qualquer ataque de forças fluviaes inimigas, que se prevaleçam de uma situação, na hora actual extremamente desvantajosa para nós.

Occorrem estas suggestões agora que o Chefe do Estado Maior da Armada visita a Flotilha e o Arsenal de Matto Grosso, indicando, talvez, o proposito da alta administração do paiz de considerar uma crise, cujos symptomas, infelizmente, raro têm éco nos meios mais adiantados do littoral. E dentre esses symptomas ha um sobremodo alarmante. E' a progressiva desnacionalização daquella parte do territorio brasileiro consequente do abandono em que tem sido deixada.

Ainda que outras razões desaconselhassem a flotilha do rio Paraguay, o simples facto della constituir uma expressão do poder central justificaria sua existencia.

Com a lavoura do café, constitue a industria de algodão, no Brasil, um padrão de riqueza.. tão alto que, nos vizinhos povos sul-americanos, o vemos apontado como o melhor exemplo que esses Estados devem seguir, Industria fundamentalmente natural, pois toda ella se baseia, desde a materia prima até á mão de obra e aos capitaes, em elementos auridos e formados dentro do nosso territorio, a fiação de algodão representa hoje, uma das maiores forças que sustentam a economia nacional.

Basta volver os olhos sobre os algarismos que reflectem a grandeza dessa obra que os brasileiros realizaram, para que nos envaideçamos do que fizemos e percebamos o campo immenso que se offerece á conquista da nossa producção textil, através dos mercados do exterior. Conforme recenseamento recente, de iniciativa dos industriaes, o qual apenas pode abrager 8 °|° da nossa riqueza, nesse genero, no Brasil já se movimentam 244 fabricas de tecidos de algodão, cujo capital se eleva á altura de réis 385.685:631$800.

Desse vasto arsenal de trabalho, onde se elabora uma industria vital para a economia de qualquer paiz, tanto na paz como na guerra, sae, por anno, uma producção avaliada, no minimo, na bella cifra de 775.791:053$885. Por sua vez 110.119 operarios ahi impulsionam, pela intelligencia que a educação technica adextra, levantando o nivel mental e as condições de vida do homem, nada menos de 2.502.288 fusos, num movimento isochrono com 65.651 teares. A dimensão dessa enorme producção attinge a 636.952.860 metros, correspondentes a 80.530.100 kilos de materia prima basica, consumida annualmente.

O Centro Industrial de Fiação e Tecelagem de Algodão é a força coordenadora, o orgão de captação, por assim dizer, dessa formidavel actividade que une, pelo trabalho, o extremo norte ao extremo sul do Brasil. Cerca de 35 °|° do capital total das nossas fabricas; cerca de 32 °|° da producção brasileira de tecidos de algodão; cerca de 35 °|° do numero de fusos; cerca de 30 °|° do numero de teares; finalmente, cerca de 25 °|° do algodão brasileiro utilizado pelas fabricas nacionaes, encontram no Centro Industrial de Fiação e Tecelagem de Algodão o orgão executivo que promove e acautela os interesses dessa vasta organização de trabalho e de capital, synthese perfeita da capacidade de realização dos brasileiros.

Centro Industrial de Fiação e Tecelagem de Algodão

RIO DE JANEIRO

OS LIVROS DO DIA

Como ha a fita do dia, novidade cinematographica que num certo momento arrasta para os templos da scena muda milhões de espectadores, ha tambem o livro do dia, primores de literatura ou escrinios de pensamento que empolgam todos os espiritos. E' o que se dá com as tres ultimas obras editadas pela Comp. Editora Nacional:

O PRINCIPE DE NASSAU,

romance historico de alta dramaticidade pelo victorioso autor da MARQUEZA DE SANTOS, Paulo Setubal, o escriptor mais lido hoje no Brasil,

HISTORIA DE UMA VIAGEM A' TERRA DO BRASIL

por Jean de Lery, que veio ao Brasil em 1578 com a expedição de Nicolau de Villegaigno

MINHA VIDA E MINHA OBRA

o formidavel livro de Henry Ford, de que já se venderam no mundo mais de dois milhões e está sendo considerado como a biblia do homem moderno. Traducção de Monteiro Lobato.

PREÇO 4$000

-:- -:- **EM TODAS AS LIVRARIAS** -:- -:-

46333

CENTRO DOS INDUSTRIAES DE FIAÇÃO E TECELAGEM DE SÃO PAULO

A industria de tecidos de algadão constitúe, hoje em dia um verdadeiro patrimonio nacional. Sua producção é avaliada em 1.500.000:0000$000 (um milhão e quinhentos mil contos). Nella encontram trabalho 11.065 operarios

-:- -:-

BANCO ALLEMÃO TRANSATLANTICO

CAPITAL REALIZADO ..... Marcos 30.000.000
FUNDOS DE RESERVAS ..... Marcos 10.000.000

Matriz: DEUSTCHE UEBERSEEISCHE BANK EM BERLIM —— FUNDADO EM 1886

FILIAES: EM

BRASIL: RIO DE JANEIRO, Avenida Rio Branco, 79 e 81.
SÃO PAULO, Rua Alvares Penteado, 42
SANTOS, Rua Quinze de Novembro, 98 e 100
CURITYBA, Rua Marechal Floriano Peixoto, 5

ARGENTINA: BAHIA BLANCA, BUENOS AIRES, CORDOBA, MENDOZA, ROSARIO.

BOLIVIA: LA PAZ e ORURO.

PERU': AREQUIPA, CALLÁO e LIMA.

CHILE: ANTOFAGASTA, CONCEPCION, IQUIQUE, SANTIAGO, TEMUCO, VALDIVIA e VALPARAISO.

URUGUAY: MONTEVIDEO.

HESPANHA: BARCELONA e MADRID.

Representantes do Deutsche Bank de Berlim (Capital e reservas: mais de dous milhões de marcos) e das filiaes do mesmo. Correspondentes do Banco de la Republica Oriental de Uruguay no Brasil. **Faz todas as operações bancarias, especialmente: Cobranças de letras, documentos, coupons, dividendos, etc. Recebimento de dinheiro em conta corrente de movimento, a prazo fixo e indefinido.** — Emissão de cartas de credito saques e pagamentos por telegrammas e cartas sobre todas as praças do mundo.

COMPRA E VENDA DE MOEDAS ESTRANGEIRAS E TITULOS DE BOLSA NO BRASIL E NO ESTRANGEIRO

"The Madeira Mamorè Railway Co."

tem em trafego 366 kilometros de linha ferrea entre PORTO VELHO (no Rio Madeira) e GUAJARA'-MIRIM (no Rio Mamoré), pondo em communicação as ricas e futurosas regiões centraes da America do Sul com os portos da Europa e Estados Unidos.

Esta Companhia proporciona aos seus clientes da Bolivia Oriental todas as facilidades, taes como conhecimentos directos responsabilizando-se pelas mercadorias que lhe são confiadas, velando solicitamente por ellas, desde que o productor lh'as confia e entregando-as directamente aos destinatarios em qualquer parte do mundo.

Esta Companhia incorporou "The Madeira Mamoré Trading Co. Ltd." para desenvolver e auxiliar o commercio das regiões a que serve, recebendo á consignação todos os productos brasileiros e bolivianos e vendendo-os nos Estados Unidos e Europa, procurando esmpre as melhores vantagens para os seus clientes, para os quaes se encarrega de adquirir e transportar todos os artigos de que possam precisar.

Egualmente encorporou, uma empresa de navegação fluvial que faz o serviço dos rios Madeira, Mamoré, Beni e Guaporé, abastecendo as populações e collectando a respectiva producção, que conduz ás estaçeõs da estrada para serem entregues em Porto Velho ou Manáos, nos transatlanticos que fazem a carreira entre o Amazonas e a Europa ou Estados Unidos.

Para informações sobre fretes maritimos, tarifas da Estrada, etc., dirijam se a qualquer dos nossos escriptorios em Porto Velho, Manáos, Rio de Janeiro, ou na Matriz em

FRIARS LOUSE - NEW BROAD STREET, LONDRES, E. C. 2

S. A. Patria degli Italiani — R. Lavradio, 49 — Rio —